

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

Mulher e Política: performatividade e a construção da feminilidade na política

Pesquisadora: Mariana Leite Fernandes da Silva

Orientador: Alexandre Abdal

São Paulo – SP 2018

Resumo

Essa pesquisa se situa nos campos de estudos de Administração Pública e Sociologia, abordando o tema de mulheres na política. Acerca do que é visado, o objetivo geral é investigar as representações de gênero da mulher na política, compreendendo como ocorre a conciliação do ser mulher com a incorporação de capacidades de um ser político. Como objetivos específicos há o monitoramento e o acompanhamento da ocupação da Câmara de Vereadores São Paulo por mulheres, de modo a analisar o número de mulheres vereadoras por mandato desde a redemocratização e, também, a ocupação de espaços de comando dentro da Câmara, como comissões e mesa diretora, por vereadoras; e investigar as formas pelas quais as vereadoras performam gênero e como constroem o feminino na e pela política.

Considerando o espaço político historicamente composto majoritariamente por homens, este trabalho aborda a performance de gênero das mulheres que atuam na política, questionando se essas pessoas, em seu desenvolvimento como mulher e no cargo, tornaram-se "mulheres políticas ou políticas mulheres". Isso é posto à medida que uma "mulher política" se coloca primeiramente como mulher e, como algo complementar, é também política; já a "política mulher" prioriza suas características como ser político e a performance de gênero se torna adjacente. Para isso, a memória é trabalhada com entrevistas de duas vereadoras de São Paulo. Dessa forma, o trabalho coloca em pauta se a performance de gênero feminina é afetada, no caso de mulheres que ocupam cargos políticos, e, caso seja, como isso ocorre.

Quanto à metodologia, esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e as entrevistas são não-estruturadas. Com esses depoimentos, conclui-se quais ações possuem marcadores de gênero e quais ações são atribuídas a determinadas idades e cargos, sem que a performance de gênero dependa de executá-las ou não.

Por fim, destaca-se que este trabalho contribui para o debate acerca de representatividade feminina dentro e fora da Câmara de Vereadores de São Paulo e para os estudos no campo da performatividade de gênero.

Palavras-chave: mulher; mulheres na política; performance de gênero; pesquisa qualitativa; memória.

Sumário

1. Introdução.....	3
2. Referencial Teórico.....	6
3. A mulher na política.....	25
3.1 As vereadoras de São Paulo.....	25
4. Metodologia.....	32
5. Análise de Resultados.....	35
5.1. Panorama Geral	35
5.2 Vereadoras.....	36
5.2.1 Sâmia Bomfim	36
5.2.1.1. Atividades com marcadores de gênero.....	36
5.2.1.2. Atividades com divisões temporais ou por cargo.....	41
5.2.1.3. Atividades com mais de um marcador.....	42
5.2.2. Soninha Francine	43
5.2.2.1. Atividades com marcadores de gênero	44
5.2.2.2. Atividades com divisões temporais ou por cargo	47
5.2.2.3. Atividades com mais de um marcador.....	52
6. Considerações finais	53
7. Referências.....	54
8. Anexos.....	55

1. Introdução

O número de mulheres desejando fazer parte da política aumentou ao longo do tempo, o que se reflete num aumento no número de cargos na política ocupados por elas, além de colocar em pauta a questão da representatividade. Isso afeta as organizações à medida que a paridade de gênero passa a ser demanda popular com viabilidade de ser cumprida, já que há candidatas e cargos políticos e também porque as pautas a serem defendidas, em geral, passam a incluir a temática de gênero. Ainda, as mulheres são maioria numérica no Brasil, representando 51,5% da população (IBGE, 2012), porém, são minoria política, portanto, com menor representação devido a aspectos sociais que historicamente restringem a mulher ao reino do privado. Com a maior recorrência de mulheres ocupando espaços na política, esta pesquisa investiga a situação de ocupar espaços sem precisar masculinizar sua aparência ou comportamento em virtude do cargo ocupado, o que é inclusivo de fato e vai de encontro à representatividade.

Para abordar o tema, os conceitos principais utilizados foram de Sujeito-significante e Outro-significado; gênero, sexo e orientação sexual; feminismo; interseccionalidade; estigma; sororidade; violência de gênero; e performance de gênero. Ao definir tais termos, autores como Simone de Beauvoir, Kimberlé Crenshaw e Judith Butler foram elencados.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar as representações de gênero da mulher na política, compreendendo como ocorre a conciliação do ser mulher com a incorporação de capacidades de um ser político. Os objetivos específicos, por sua vez, são: (i) monitorar e acompanhar a ocupação da Câmara de Vereadores São Paulo por mulheres, analisando o número de mulheres vereadoras por mandato desde a redemocratização e, também, a ocupação de espaços de comando dentro da Câmara, como comissões e mesa diretora, por vereadoras; e (ii) investigar as formas pelas quais as vereadoras performam a sua identidade de gênero e como constroem o feminino na e pela política.

Também pretende-se contribuir para o debate da representatividade feminina dentro e fora da Câmara de Vereadores de São Paulo e para os estudos acerca da teoria da

performatividade. Por meio disso, traça-se um panorama geral da mudança social quanto à questão de gênero associada à política.

Para analisar a performatividade de gênero das vereadoras a partir de suas trajetórias individuais, o referencial teórico se estabelece preenchendo as lacunas acerca dos conceitos a serem utilizados. Com isso, buscou-se encontrar embasamento para abarcar as particularidades de cada trajetória, compreendendo as diferentes formas de performar feminilidade e externalizar as características de um ser político. Ainda, foram levantadas todas as informações acerca da composição da mesa diretora e das comissões vigentes neste mandato de composição da Câmara Municipal de São Paulo, tal como a porcentagem de votos de cada vereadora e a porcentagem de mulheres compondo a Câmara Municipal de São Paulo desde a redemocratização.

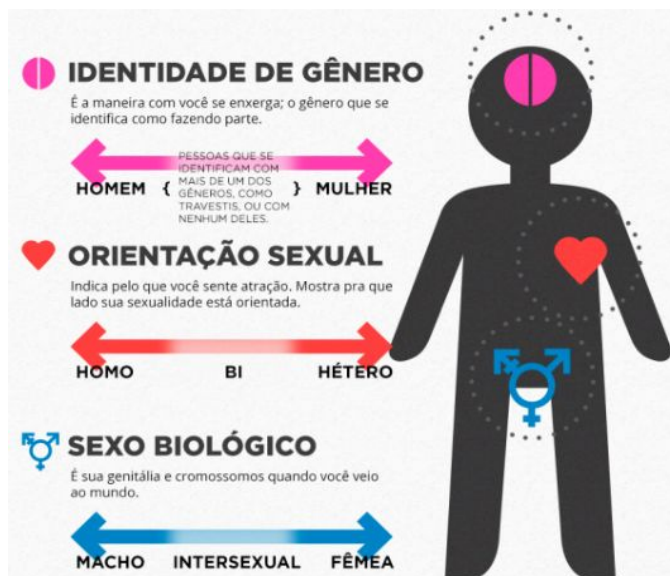
Na seção métodos, há explicação das contribuições da pesquisa qualitativa ao trabalho; descrição do método de entrevistas; forma de definição dos dados a serem utilizados; descrição da coleta de dados; e descrição dos métodos de análise de dados, qualitativos e quantitativos, levando em conta o princípio de triangulação. Esta seção define a forma de monitoramento dos dados presentes no site da Câmara Municipal de São Paulo ao passo que também define como será a coleta de informações acerca das formas pelas quais as vereadoras performam a sua identidade de gênero e como isso ocorre na e pela política.

Já na análise de resultados, os conceitos do referencial teórico foram utilizados para classificar ações em três tipos: as que possuem marcadores de gênero; as que possuem divisões de acordo com idade ou atribuições do cargo; e as que possuem marcadores de gênero e divisões de acordo com idade ou atribuições do cargo. Isso permite uma divisão clara do que são ações que reafirmam gênero e o estabelecem de maneira específica para as trajetórias analisadas; quais dessas ações não dizem respeito a gênero, mas sim à formação pessoal das vereadoras; e quais dessas ações possuem uma conexão entre idade e gênero ou cargo exercido e gênero, tal como o objetivo geral e o segundo objetivo específico se propunham.

Nas considerações finais, por sua vez, abordam-se as limitações da análise, considerando a metodologia utilizada, a escolha de entrevistadas e o contexto em que ocorreram as entrevistas. Ainda, há um fechamento de acordo com todos os objetivos.

2. Referencial Teórico

Para tratar da questão de gênero, faz-se necessário reforçar os conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual como diferentes e pertencentes a espectros, havendo pessoas que se encaixam em pontos correspondentes a alguma medida no espectro contínuo de cada um desses conceitos, não a algum dos extremos. O sexo biológico é definido pela genitália e pelos cromossomos do indivíduo ao nascer, de modo que estes se diferenciam em macho, intersexual e fêmea. Já a identidade de gênero, de acordo com a perspectiva aqui adotada, que vai de encontro à de Judith Butler, é definida pela forma como o indivíduo internaliza as normas – e quais normas são internalizadas –, que, com sua repetição, se estilizam no seu corpo e criam um efeito de "identidade" que é o resultado dessas repetições, o que cria um gênero e o reproduz no tempo, portanto, algo desvinculado da natureza biológica, como futuramente será discutido ao analisar O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, e a discussão do nascer ou tornar-se mulher. Por fim, a orientação sexual se define a partir de uma comparação entre a identidade de gênero do indivíduo e daqueles por quem ele sente atração, de modo que indivíduos com a mesma identidade de gênero daqueles por quem se interessam são homossexuais e indivíduos com identidades de gênero diferentes podem ser heterossexuais, bissexuais, pansexuais, entre outros.



Fonte: Alves. 2012. Caiuxo. 1 de novembro de 2018.
<https://caioalves.wordpress.com/2012/07/04/sobre-machismo-identidade-de-genero-e-preconceito/>

Para a discussão que se seguirá, é necessário conceituar estigma. Para isso, primeiro adentra-se na discussão de categorizações sociais pelos ambientes e as categorias de pessoas que podem, provavelmente, ser encontradas neles. Essas probabilidades são em relação a um indivíduo específico e seu repertório, de forma que, ao conhecer uma nova pessoa, o indivíduo traça, a partir de alguns atributos, a "identidade social" de quem lhe foi apresentado. A partir dessas pré-concepções, são criadas expectativas normativas, exigências rigorosas, que são ignoradas até que começa a ser evidenciado se as exigências são ou não preenchidas. Assim, essas demandas, baseadas em um retrospecto em potencial, são uma identidade virtual, enquanto a identidade social real é aquilo que o sujeito prova possuir.

Quando surgem evidências de que esse indivíduo possui um atributo que o torna diferente, caso esse atributo seja incongruente com a demanda criada, torna-se indesejável, de forma que o indivíduo passa de alguém comum a alguém diminuído, por ser profundamente depreciativo. Isso se trata de um estigma, especialmente quando há grande efeito de descrédito, fraqueza ou desvantagem e constitui uma discrepância específica entre as identidades sociais virtual e real.

Nesse sentido, um estigma só pode ser criado quando se confirma a normalidade em outrem, portanto, trata-se de uma relativização de características, em que há uma atribuição de juízo de valor inferior a uma pessoa – a estigmatizada – em relação a outra – a que representa normalidade. Esses estigmas podem ser atribuídos de acordo com comportamentos políticos, mas também com a própria desviante do eterno feminino.

Já a pessoa normal é só o é porque há um referencial, de forma que há toda uma categoria social que pode dar apoio a um estigma que não se aplica a eles, como é exemplificado no livro 'Estigma: notas sobre a manipulação da identidade': "Assim, um homem de negócios pode exigir das mulheres um comportamento feminino ou um procedimento ascético por parte dos monges, e não conceber a si próprio como pessoa que devesse seguir qualquer um desses estilos de conduta" (GOFFMAN, 1988, p.9).¹

¹ GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, p. 9, 1988.

Apesar disso, o estigmatizado encontrará, na maioria das vezes, pessoas dispostas a adotar seu ponto de vista e humanizá-lo, seja por compartilhar do estigma ou por um esclarecimento acerca da questão. No caso da mulher, faz-se necessário conceituar sororidade, que se trata da união e irmandade entre as mulheres, baseada na empatia e no apoio mútuo, em busca de alcançar objetivos em comum, como é o caso do feminismo.

Segundo a Lei 11.340/06 (Lei Maria da Penha), a violência doméstica e familiar contra a mulher é configurada como qualquer ação ou omissão “baseada no gênero” que cause à mulher morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial, no âmbito da unidade doméstica, da família ou em qualquer relação íntima de afeto².

Ainda, para abordar o tema da feminilidade, faz-se necessário compreender as abordagens do feminismo – com um maior enfoque ao feminismo radical – e da teoria queer. Isso porque essas perspectivas vão definir a feminilidade de modo contrário em termos da forma como se compreendem as perspectivas de gênero e feminilidade, portanto, com abordagens com mais ou menos sensibilidade ao caráter não-biológico do gênero.

Para tratar do feminismo, pode-se abordá-lo como dividido em ondas, que são momentos de efervescência histórica e acadêmica disruptivos dado aos novos tópicos trazidos ao debate e suas respectivas demandas. Segundo o livro *Feminism: A beginner's guide*³, o feminismo é um projeto crítico voltado a aspectos que parecem opressivos às mulheres, criando alternativas em termos de análises, práticas e discursos (SCHOLZ, 2012).

A Primeira Onda do Feminismo ocorreu entre o fim do século XIX e o meio do século XX, à luz do liberalismo e do universalismo. Protagonizaram esse momento mulheres estadunidenses e britânicas brancas, de classe média e contra seu estado de submissão e opressão. Suas principais reivindicações foram a igualdade jurídica, o direito ao voto e o acesso à instrução e às profissões liberais, além das demandas de oposição a casamentos arranjados e à propriedade de mulheres casadas por seus maridos.

Durante o período de ascensão de regimes totalitários, o feminismo estava na transição da Primeira Onda para a Segunda Onda. No regime nazista alemão, as mulheres estavam excluídas dos processos políticos na Alemanha porque o Partido Nazi (NSDAP) havia limitado a participação feminina, excluindo-as de cargos executivos e administrativos,

² _____. LEI MARIA DA PENHA. Lei N.º 11.340, de 7 de Agosto de 2006.

³ SCHOLZ, Sally J. *Feminism: A beginner's guide*. Oneworld Publications, 2012.

de forma que elas poderiam apenas ter status de membro do partido, como, de fato, faziam. Enquanto isso, o papel do homem era enfatizado, de forma que a vida das mulheres, na maioria das vezes, se restringia à vida privada, como esposa e mãe, devido à doutrina nazista incentivar a procriação e a noção de maternidade, sem presença feminina na vida política e nem acadêmica⁴ (STEPHENSON, 2001, p. 16).

Nesse regime, as mulheres, salvas algumas exceções, não tiveram permissão para exercer funções oficiais. Em 1936, as mulheres foram banidas do acesso a posições no sistema judicial e na medicina, o que, no segundo caso, foi necessário retroceder pela necessidade de mão de obra na área médica. Quanto ao ensino, encorajava-se as mulheres a ingressar no ensino secundário, mas não nas universidades, em que as grades curriculares para mulheres foram alteradas para desencorajar sua permanência. Na vida política, por sua vez, as mulheres não podiam ocupar cadeiras tanto no Reichstag, como em parlamentos regionais ou conselhos municipais.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres puderam se juntar ao exército temporariamente, mas não no combate, apenas como auxiliares e responsáveis pela logística e administração em áreas em que havia falta de homens. Nos campos de concentração, existiam repartições para mulheres, exceto em Ravensbrück, campo exclusivo para o envio de mulheres. Ainda, as afirmações biologizantes se faziam presentes a ponto de as mulheres serem consideradas mais fracas nos campos de concentração, de forma que iam às câmaras de gás rapidamente, enquanto os homens tinham sua força usada até a exaustão.

Nesse momento, a necessidade de existir mulheres em determinadas profissões e sua respectiva conveniência para a economia levou as políticas anti-emancipação ao desuso. Com isso, as mulheres passaram a ser alvo para o recrutamento nazista, de forma que o novo discurso em relação à mulher era o de jornada dupla, mesmo havendo membros contrários a essa prática.

Dessa forma, as mulheres passaram a integrar a política na Alemanha nazista, mas já havia diferentes associações de mulheres, incluindo grupos comunistas e socialistas, e até a resistência alemã, com 15% dos seus membros sendo mulheres. Apesar da existência de diversas dessas associações, apenas uma seguiu existindo até 1994. Posteriormente, foi criada

⁴ STEPHENSON, Jill (2001). Women in Nazi Germany, p. 16

uma associação de mulheres com um ramo feminino do NSDAP, cujo objetivo era ser uma organização de massas para o regime.

Em relação ao papel social da mulher no regime nazista, esperava-se que as mulheres fizessem as tarefas domésticas, caassem-se e fossem mães, o que era uma forma de anti-feminismo, devido à falta de direitos políticos, considerados incompatíveis com a tarefa da procriação, o papel feminino para com a nação. Em termos de permissões e sua ausência, era proibido usar maquiagem, a sexualidade deveria ser sinônimo de procriação e apenas procriação, o aborto foi proibido e ser desviante disso era ser considerada "depravada". Ainda, havia incentivo à natalidade, de forma que foi criada a Cruz de Honra das Mães Alemãs, àquelas consideradas arianas puras – que era o padrão físico desse contexto, sendo loiras, altas e magras e robustas ao mesmo tempo – e com, no mínimo, quatro filhos.

Na União Soviética, por sua vez, a questão da mulher era pensada ao mesmo tempo em que se pensava o comunismo. Em 1919, foi criado o Getnodel, o Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Mulheres Camponesas do Partido Bolchevique da Rússia Soviética, buscando melhorar as condições materiais das mulheres e de recrutá-las para a causa socialista, combatendo a opressão material e ideológica sofrida por aquelas mulheres. A União Soviética, nesse momento, estava tendo grandes avanços quanto a pautas progressistas e em relação à mulher, como a legalização do aborto, o casamento civil substituindo o religioso, a permissão do divórcio em qualquer situação e o incentivo a mulheres trabalharem pelo mesmo salário e nos mesmos cargos que homens.

Para libertar as mulheres do trabalho doméstico para que elas pudessem ter um melhor desempenho na participação política, foi proposta a socialização do trabalho doméstico. As tarefas realizadas em casa pelas mulheres sem que lhes fosse pago um salário seriam transferidas a profissionais estatais assalariadas em creches, restaurantes comunitários e lavanderias públicas. Com isso, as mulheres também passaram a ocupar mais cargos nas indústrias. O órgão responsável pela organização de creches, escolas, lavanderias e também recrutamento para a militância era o Getnodel, o que aproximava as lutas feminista e socialista, tendo em vista que, na União Soviética, era vigente o feminismo classista, portanto, alinhado ao marxismo. Nesse sentido a opressão ideológica se juntava à opressão proletária, dada a exploração no trabalho, a fome, as condições insalubres, as doenças e o

analfabetismo. Mas além do fator comum em relação aos homens do proletariado, as mulheres da época também eram assoladas pelo patriarcalismo e disparidade de gênero.

Apesar disso, a facilidade para obter um divórcio motivou os homens a terem relacionamentos breves com as mulheres, engravidá-las e se divorciarem, o que motivava a demanda das mulheres pelo fortalecimento da família, já que o Estado Soviético não tinha recursos para dar suporte a todas as crianças nascidas nesse contexto. Com isso, em 1936, o governo de Josef Stalin (1878-1953) decretou leis de valorização da família, dificultando o divórcio, proibindo o aborto e dissolvendo o Getnodel. Os efeitos disso foram que o número de abortos não foi reduzido até o fim do período de proibição (1955) e também que o desaparecimento da família em prol do amor livre deixou de ser pauta dos comunistas e a proposta original de libertação sexual se perdeu⁵.

Em 1949, é publicado o livro "O Segundo Sexo", de Simone de Beauvoir. Como pano de fundo do livro, é necessário situar como parte do *status quo* a teoria do eterno feminino, popular na época e refutada pela autora. O eterno feminino é um paradigma psicológico ou princípio filosófico que idealiza uma imutabilidade no conceito de mulher. Essa teoria compõe a crença do essencialismo de gênero, sendo esta a de que há certas diferenças de comportamento entre homens e mulheres que são baseadas em ações com justificativas inatas, universais, biológicas ou psicológicas. Assim, o eterno feminino defende que a mulher possui uma essência diferente da do homem e que esta não pode ser alterada pelo tempo ou pelo ambiente. De acordo com essa teoria, as mulheres possuem uma essência angelical que as torna responsáveis pela evolução espiritual dos homens. Essa essência angelical é composta por virtudes, essencialmente femininas, como modéstia, graciosidade, pureza, delicadeza, civilidade, complacência, ser reservada, castidade, afabilidade e polidez.⁶

Aqui, cabe ressaltar que os resquícios dessa teoria, em sentido amplo, podem ser interpretados como presentes no conceito de trabalho emocional, que vigora até os dias atuais. "Trabalho emocional" carrega o significado de "atos não remunerados, pouco reconhecidos, ligados ao cuidado e ao trato com as emoções, que recaem

⁵ Disponível em:

<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/05/uniao-sovietica-foi-pioneira-nos-bdireitos-das-mulheresb-afirma-historiadora-americana.html>. Acesso em 18/05/2019.

⁶ Sandra M. Gilbert and Susan Gubar, *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination* (Yale University Press, 2nd ed. 2000, originally published 1979), p. 23.

desproporcionalmente sobre as mulheres, educadas para crer que "levam mais jeito" para isso"⁷. Destaca-se que quando é mencionada a desproporcionalidade da atribuição disso à mulher, trata-se de um tipo de trabalho atrelado ao gênero feminino. Ainda, a explicação de por que isso recai principalmente sobre as mulheres é relembrada pela mestre em antropologia Talita Castro, no estudo *Gênero, Emoções e Produção Cultural: Uma Análise da Autoajuda Brasileira*, ao mencionar Hochschild: “quanto maior o status social da pessoa, mais suas emoções são levadas em conta; em contraposição, quanto mais subordinada, mais ela é institucionalmente chamada a atuar sobre seus estados emocionais.” (HOCHSCHILD, 2003a, p. 172)⁸. Dessa forma, trata-se de uma questão também de classe.

Ainda, as mulheres que não se apresentam como disponíveis para trabalho emocional são acusadas de perder a feminilidade, principalmente quando se trata de um comportamento no mercado de trabalho. Na política, por sua vez, a expectativa é que candidatas sejam mais bem humoradas e afáveis (além de inteligentes e capazes) do que os homens⁹, tendo em vista a maior necessidade de provar ter características que os resquícios da teoria do eterno feminino não perpetuaram com esse estigma. Nesse sentido, a expressão afetiva passou a ser tomada como obrigatória, diária e como forma de opressão, na medida em que limita a ação das mulheres, dado que existe uma forma "correta" aos olhos das pessoas, consolidando uma construção social em que trabalho emocional é parte da essência feminina, que a mulher possui uma facilidade maior para lidar com sentimentos por pressuposto e que a disponibilidade emocional da mulher não é uma variável, é uma certeza, de acordo com as expectativas. Entende-se por disponibilidade emocional a liberdade para poder ter sentimentos sem que isso afete as pessoas ao redor. Para a mulher, isso é dificultado, dado que como profissional espera-se que a vida pessoal não impacte o trabalho; como mãe, se for o caso, é necessário que as emoções não impactem negativamente na criança, dada a dependência emocional que pode existir; ainda, nos outros campos da vida de uma mulher, espera-se que o estereótipo do eterno feminino vigore, o que não permite emoções que não sejam agradáveis aos outros. Na política, isso ocorre tanto descaracterizando o feminino

⁷ Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/01/O-que-%C3%A9-%E2%80%98trabalho-emocional%E2%80%99.-E-como-ele-sobrecarrega-as-mulheres>. Acesso em 14/03/2019

⁸ CASTRO, Talita. *Gênero, Emoções e Produção Cultural: Uma Análise da Autoajuda Brasileira*, p.13.

⁹ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/disponibilidade-emocional-nao-e-obrigacao-da-mulher/>. Acesso em 14/03/2019.

quando não há um cuidado nas falas e atitudes maior do que aquilo que se espera de um homem, mas também porque a política sai do campo emocional e se encontra no reino da razão negociadora, de forma que há uma quebra de expectativas em relação à perspectiva do eterno feminino, que demonstra-se presente, em certa medida, no estereótipo atual de feminilidade.

De volta ao livro, Beauvoir afirma que não basta tratar-se de um ser humano do sexo feminino para necessariamente tratar-se de uma mulher. Para isso, cabe à pessoa a feminilidade, o que permite caracterizá-la como construção social. Isso porque, em sua perspectiva, o papel social determina o que é ser mulher muito mais do que afirmações biologizantes. Além disso, para ela, o homem é colocado como representante do positivo, do neutro e do universal, de modo que pode-se utilizar "os homens" para referir-se aos seres humanos, justificado pelo fato do vocábulo representar o sentido geral da palavra homo. Já a mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação a seu respeito representa uma limitação, sem reciprocidade, de forma que, na medida em que o homem indica a liberdade e a capacidade; a mulher indica a restrição e a limitação. Isso porque o conceito de mulher não existe em si, mas sim relativo ao conceito de homem, de modo a não considerar a mulher um ser autônomo. Nesse sentido, o corpo do homem, por sua vez, tem sentido em si, enquanto o da mulher se faz significante em relação a este. Ainda é dito por Beauvoir que o termo "sexo" carrega o sentido de que a mulher se apresenta ao macho como um ser sexuado, de forma que, se, para o homem, fêmea é sexo, ela o é absolutamente. Ainda, para comprovar que a caracterização como fêmea traz prejuízo de sentido quando tratada como sinônimo de mulher, tornando necessária a distinção entre sexo e gênero, aponta-se que a necessidade biológica, representada pelos desejos sexual e de posteridade, que coloca o macho sob dependência da fêmea não libertou socialmente a mulher. Portanto, o referencial diante do qual a mulher determina-se e diferencia-se é o homem, não o contrário, de forma que o homem assume o posto de Sujeito, Absoluto; enquanto a mulher é o Outro.

Com isso, estabelece-se uma relação em que o Sujeito pretende afirmar-se como essencial, de modo a caracterizar o outro o inessencial, o objeto. A isso, soma-se o fato de que as mulheres, de acordo com Simone de Beauvoir, não dizem "nós", o que, em sentido metafórico alude ao fato de elas não se colocarem como grupo para que haja reciprocidade nas relações entre o Sujeito e o Outro, em que um coletivo se define como Sujeito e coloca o outro coletivo como Outro e vice-versa. Isso faz-se relevante na medida em que se explica

que isso impede ações coletivas: as mulheres, sem noção de pertencimento a um grupo, só ganharam o que os homens decidiram lhes conceder, de modo a apenas receberem, uma vez que lhes faltam meios concretos de tornar-se coletividade para se opor a esse sistema.

Assim, as mulheres não vivem em contato umas com as outras tanto quanto com os homens, uma vez que vários recortes são feitos quando as delimitações de convívio social lhe são impostas pelo habitat, pelo trabalho, pelos interesses econômicos e pela condição social, ligando-as a certos homens. Isso porque a mulher foi historicamente colocada como pertencente ao reino do privado, enquanto o homem, podendo frequentar as ruas e todos os outros espaços, passava à conquista do reino do público, que também se coloca como reino da política. Nesse contexto, a presença das mulheres nas ruas, por si só, já se trata de um ato de transgressão e recusa a essa restrição de seu espaço a dentro de suas próprias casas. Dessa forma, o homem se torna parte de um Sujeito em conjunto com essa mulher quando a questão é solidariedade a mulheres de outras cores, religiões, classes socioeconômicas e nacionalidades, sendo vigente a falta de solidariedade e de entendimento das mulheres com essas divergências como partes de um mesmo coletivo.

Um fato ressaltado por Beauvoir que perdura até os dias atuais é que os homens ocupam na política um maior número de lugares e os postos mais importantes. Para ela, isso evidencia que o momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, trata-se de um momento em que o mundo é ainda pertencente aos homens. Nesse contexto, destaca-se que recusar a posição do Outro, que, neste caso, trata-se de submissão, viver sobre as regras do Sujeito e ocupar o lugar metafórico que o Sujeito não ocupa, significaria a renúncia de "todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode conferir-lhes" (DE BEAUVOIR, 1949)¹⁰. Assim como o homem é o positivo e a mulher é o negativo, como mencionado acima, o homem provedor protegerá materialmente a mulher e lhe destituirá das obrigações de seu próprio sustento, ainda se encarregando de lhe justificar a existência: uma subversão ao papel imposto, no contexto de um mundo pertencente aos homens, significaria a recusa própria de assumir o papel de gênero feminino enquanto a recusa dos homens de lhe ceder espaço para assumir o papel de gênero masculino a colocaria num não lugar. Dessa forma, "com o risco econômico, ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios" (DE BEAUVOIR, 1949)¹¹.

¹⁰ DE BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Nova Fronteira, 2014.

¹¹ DE BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Nova Fronteira, 2014.

Nesse cenário, os homens procuraram institucionalizar sua supremacia, com uma vontade de autojustificação velada, dado que "é mais fácil acusar um sexo do que desculpar o outro" (DE BEAUVOIR, 1949).¹² Para isso, a religião, a filosofia e a teologia assumiram um papel na comprovação intelectual da inferioridade das mulheres. Apenas no século XVIII, homens profundamente democratas assumem uma percepção objetiva do assunto. Na época, Diderot esforçou-se para provar que a mulher é, como o homem, um ser humano. Posteriormente, Stuart Mill assume o papel de defensor dessa ideia.

É na Revolução Industrial que a mulher assume em grande escala um papel no trabalho produtor - mulher operária -, assim como as crianças. Então, a concretude do movimento se baseia em fundamentos econômicos. Apesar disso, a burguesia demanda a presença da mulher no lar na medida em que sua emancipação se torna uma ameaça real, trazendo como justificativa a solidez da família como garantia da propriedade privada, caracterizando uma exploração no sentido de que o capitalismo explora operários e também no sentido da mulher ser explorada pela sociedade patriarcal. Os homens da classe operária, por sua vez, posicionaram-se de modo a tentar frear esse processo de emancipação, vendo as mulheres como concorrentes que poderiam lhes tomar os empregos, dado que trabalhavam por salários mais baixos. Estando essa questão em voga, os antifeministas apelaram para a biologia, a psicologia experimental e outros campos do conhecimento para provar a inferioridade da mulher.

Como efeito social dessa hipótese de inferioridade, reafirma-se a desigualdade. O homem pode se basear em argumentos abstratos para afirmar a inexistência de hierarquia entre os sexos e dizer que a mulher, através das diferenças, é sua igual. Entretanto, logo que surgem conflitos, a desigualdade concreta é apresentada e utilizada para tirar a autoridade da igualdade abstrata. Dessa forma, o homem pode afirmar a liberdade da mulher tomar decisões, mas, em conflitos, comparar os resultados dessas decisões, demonstrando a desigualdade de condições sob as quais ambos fazem suas próprias escolhas.

Já acerca de questões, em parte, biológicas, enfatiza-se que, para mulheres, o coito acontece como uma história interior, não como uma relação externa, com o mundo e com outrem, como acontece para os homens. E, com a maternidade, durante a gestação, a mulher é simultaneamente ela mesma e outra, de forma que sua individualidade fica comprometida, na medida em que a mulher torna-se alheia a si mesma durante a gestação. Essa individualidade

¹² DE BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Nova Fronteira, 2014.

se compromete, principalmente, pelo fato de que quanto mais a mulher torna-se semelhante ao indivíduo separado que gesta, maior a afirmação desse indivíduo para além da separação.

A Segunda Onda do Feminismo, por sua vez, é representada pelo feminismo radical e durou da década de 1960 até o início da década de 1980. Nesse contexto, o termo "radical" é proveniente de raiz, relativo ou pertencente à raiz ou à origem; original. Esse termo é usado porque essa vertente pensa em desvendar e examinar a raiz da opressão global das mulheres pelos homens e as fontes do poder masculino. Para o feminismo radical, a raiz da opressão feminina são aos papéis sociais inerentes aos gêneros.

O surgimento da Segunda Onda teve como pano de fundo o pós-guerra da década de 1940, em que houve um expressivo crescimento econômico, e crescimento populacional chamado de *baby boom*, cuja propaganda foi orientada para os subúrbios com os focos de idealização para os conceitos de família e casamento. Nesse momento de efervescência das discussões, buscou-se questionar toda a experiência vivida pela mulher, inclusive em termos de família, trabalho e sexualidade.

A teoria feminista, na vertente radical, propõe a visão do patriarcado como um sistema de dominação em que o homem possui poder superior e privilégio econômico. Esse poder do homem que permite a opressão da mulher é criado e legitimado pelo machismo – visão de gênero como um sistema de castas (e não de classes) derivado das diferenças sexuais entre machos e fêmeas e que dá origem à socialização de gênero. Com isso, é anulada a noção de identidade de gênero, uma vez que essa vertente defende a perspectiva de que um indivíduo socializado de forma feminina será sempre uma mulher, e o indivíduo que sofreu socialização masculina será sempre um homem.

Como principais argumentos de consenso entre as feministas radicais, pode-se destacar que as mulheres foram, historicamente, o primeiro grupo oprimido; que a opressão das mulheres é a mais difundida entre todas as classes; que a opressão das mulheres é a mais enraizada; é a opressão que causa mais sofrimentos; e que a opressão das mulheres providencia um modelo conceitual para a compreensão de todas as outras formas de opressão (DELANEY, 2016).¹³

Numa lógica de que as opressões sofridas por mulheres podem transcender de questões culturais, geográficas, religiosas, econômicas, e etc, essa vertente defende que a base

¹³ DELANEY, Tim (2016). *Classical and Contemporary Social Theory: Investigation and Application*. Routledge. p. 335

dessa dominação por parte dos homens se dá justamente por se nascer mulher, por ter uma biologia de fêmea, de dominação por conta dos aparelhos reprodutivos e capacidade de reprodução. Dessa forma, afirma-se que todas as fêmeas formam uma casta sexual que é sistematicamente explorada e oprimida, a partir da socialização de gênero vigente desde o nascimento.¹⁴

Tendo definido a perspectiva de opressão do feminismo radical, o que é proposto por essa vertente como solução é a libertação das mulheres e abolição do gênero, numa perspectiva coletiva, ao invés de uma dimensão individual. Espera-se que isso ocorra a partir de uma reordenação da sociedade em todos os contextos socioeconômicos com o objetivo de eliminar a supremacia masculina, de modo a abolir o patriarcado e suas noções, tidas para as feministas radicais como ilusoriamente progressistas.

Por fim, a Terceira Onda do Feminismo, vigente desde o início da década de 1990 até os dias atuais, é denominada o feminismo interseccional, sabendo que interseccionalidade é uma ferramenta introduzida por Kimberlé Creenshaw, estudiosa da teoria crítica da raça, para o estudo de sistemas de opressão, dominação ou discriminação que se interceptam devido a identidades sociais que representam a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo, cisnormatividade, heteronormatividade e patriarcado. Diante disso, coloca-se em questão se o feminismo radical serve a mulheres de classes sociais (e suas implicações para mulheres em posições diferentes no mercado de trabalho), raças, sexualidades e sexos diferentes. Nesse momento, o caráter intelectual, filosófico e político do movimento se direcionou a corrigir lacunas e falhas deixadas pelo feminismo radical. Com isso, passou-se a ser defendida uma abordagem micropolítica que visa a responder o que é ou não bom para cada mulher. Ressalta-se a relevância do tom de particularidade para a vida de cada mulher, dado que o feminismo radical é liderado por mulheres brancas de classe média-alta, de forma a não ser, de fato, representativo para muitas realidades. Dessa forma, a inclusão de mulheres fora desse padrão para se pensar a reivindicação de direitos e a presença na luta política por um direcionamento de ações governamentais direcionadas a mulheres cuja condição é prejudicada pelo machismo começa a ocorrer ao inserir a interseccionalidade no movimento feminista. Ainda, essa teoria coloca a interseccionalidade como espaço para pensar a

¹⁴ Disponível em:
<https://medium.com/qg-feminista/quais-s%C3%A3o-as-principais-vertentes-do-feminismo-ae26b3bb6907>.
Acesso em 11/10/2018

transversalidade de vulnerabilidades, de forma que discute-se como há diferenças no machismo sofrido, por exemplo, entre a mulher branca de classe média e a mulher negra pobre, em que há recortes de cor e classe.

Acerca de gênero, a autora Judith Butler, que não fez parte de nenhuma corrente feminista, afirma, através da teoria de performatividade, que "a identidade de gênero é uma realização performativa compelida pela sanção social e tabu"¹⁵ e que gênero é "a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser". (BUTLER, 2003, p. 59). Dessa forma, gênero se constitui por um conjunto de "atos" repetidos ao longo do tempo de forma estilizada, através de gestos corporais, falas, movimentos, os papéis e as encenações, criando um gênero estabelecido, que está em constante transformação.

Nesse sentido, surge o questionamento de se, tal como questionou Butler (2003), "ser mulher constituiria um "fato natural" ou uma performance cultural, ou seria a "naturalidade" constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas" (BUTLER, 2003). Esse questionamento se faz na medida em que se pode compreender gênero como uma imitação persistente que passa a ser tomada como real. Ainda, os gêneros masculino e feminino são colocados como posições paradoxais, em que se estabelece uma polarização na qual o masculino é a negação de tudo aquilo que é feminino, tal como seu oposto também é válido. A partir disso, tendo em vista que, historicamente, as lideranças políticas foram, por muito tempo, quase que totalmente masculinas e, mais recentemente, majoritariamente masculinas, nota-se a atribuição das qualidades de um ser político àquilo que é masculino.

Isso também é expresso, segundo Goffman (1988), na forma como a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para membros de cada uma dessas categorias. Tal fenômeno estrutura a estigmatização e, no contexto em questão, se traduz a partir da diferenciação dos atributos considerados femininos e dos atributos do ser político. Com isso, cria-se a possibilidade de identificar-se o status social do indivíduo, uma vez que seus aspectos indicam atributos como

¹⁵ BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

"honestidade", e até estruturais, tal como "ocupação". Desse modo, a mulher, à primeira vista, tem seus atributos identificados de acordo com os estereótipos vigentes e difere daquilo que, em estereótipos forma o conjunto de características do ser político.

Ainda, justifica-se que: “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (BUTLER, 2003, p. 64)¹⁶. Isso significa que o regime atual classifica as pessoas dentre os gêneros, principalmente, masculino e feminino, e os enquadra hierarquicamente nas relações de poder. Ressalta-se que para Butler (2003), o sexo também é socialmente construído e não natural, devido a determinações biológicas criadas com base no sexo biológico, de forma que afirma: “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003, p. 25). Isso demonstra o caráter do sexo não como natural, mas como discursivo e cultural.

Isso porque, para Butler, tomar o sexo como dado natural e o gênero como construído seria dizer que o gênero representa a essência do sujeito apresentando uma perspectiva essencialista, que Butler recusa ao adotar o conceito de gênero como um efeito ao invés de um sujeito centrado, afirmando que gênero, sexo e sexualidade não fazem parte da essência individual, dado seu caráter fluido.

Dessa forma, a concepção de gênero queer é a performatividade de atos estilizados pelos corpos de maneira repetida. Já a concepção de gênero estabelecida pelo feminismo radical é de negar o conceito de identidade de gênero, relacionando-o intrinsecamente a sexo, na medida em que o sexo dita a forma de socialização – masculina ou feminina – a que o indivíduo será submetido, socialização esta a que o indivíduo estará atrelado durante toda a sua vida. Sendo assim, esclarece-se que a concepção a ser adotada daqui em diante é a presente na Teoria Queer.

Nesse sentido, pergunta-se, tal como questionou Butler (2003), "ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas"¹⁷(BUTLER, 2003). A perspectiva adotada é a de compreender gênero como uma imitação persistente que passa a ser tomada como real, de forma que toma-se o ser mulher como performance cultural. Além disso,

¹⁶BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora Record, 2003.

¹⁷ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora Record, 2003.

Butler (2003) também critica o feminismo ao explicar que o Sujeito do feminismo é produzido pelas mesmas estruturas de poder que o reprimem e das se quais busca emancipação, questionando se o feminismo seria uma reificação e e regulação inconsciente das relações de gênero.

Além disso, Butler (2003) refuta Beauvoir (1949) e sua afirmação de que o homem é o Sujeito e a mulher é o Outro e mesmo ao sair de seu lugar de submissão, não seria possível alcançar um lugar de autonomia, restando à mulher um não-lugar numa situação dessas. Butler (2003) acredita que o Sujeito masculino possui tal dependência do Outro feminino que esse caráter de autonomia se comprova ilusório, uma vez que não há hierarquia em si mesma, é necessário que ela seja relativa. (BUTLER, 2003).

Ainda, para Butler (2003), o poder não opera nas relações entre o Sujeito e o Outro. Na verdade, o poder retroalimenta a produção da estrutura binária de gênero. Com isso, gênero não é causa, mas sim efeito de instituições, práticas e discursos.

Para sintetizar o que foi expresso, a seguir há tabelas de resumo e comparação acerca das teorias Feministas e Queer.

Tabela 1 – Resumo sobre as três Ondas Feministas e a Teoria Queer

	1ª Onda Feminista	2ª Onda Feminista	3ª Onda Feminista	Teoria Queer
Características Principais	Reivindica direito ao voto, igualdade jurídica, instrução e acesso às profissões liberais	Traz a opressão sistêmica do machismo, a luta por liberdade sexual e a desconstrução do papel social da mulher	É interseccional e pontua a transversalidade de características de vulnerabilidade social	Conceitua a fluidez de gênero e seu caráter performativo, desvinculando gênero, sexo e orientação sexual
O que refuta	Desigualdade de direitos civis entre homens e mulheres	Os papéis de gênero predefinidos	A igualdade de condições entre todas as mulheres, pois há mulheres que sofrem, além do machismo, outros tipos de opressão	A cisheteronormatividade

Fonte: tabela de elaboração própria.

Tabela 2 – Comparação entre o Feminismo e a Teoria Queer

	Feminismo	Teoria Queer
Concepção de Gênero	Estável, determinante de um Sujeito. Cultural. Socialmente construído. Parte do indivíduo, noção estruturalista. Acredita que a solução para a opressão é a abolição de gênero	Fluido, performático, socialmente construído e sistêmico. Não é parte do indivíduo, noção pós-estruturalista. Acredita que a solução para a opressão é que se criem tantos gêneros que isso deixe de importar, destruir a noção de sujeito coletivo para que não haja mais força e nem opressão
Concepção de Sexo	Natural	É socialmente construído, porque vínculos biológicos, portanto não deveriam definir papéis de gênero
O indivíduo	Sujeito coletivo, mulheres	Não estabelece identidade estável e acredita que, ao excluir particularidades para criar um sujeito comum, não se contempla igualmente os apoiadores da causa

Fonte: tabela de elaboração própria.

Memória

Destaca-se, em primeiro plano, que este trabalho trata de relatos de um gênero oprimido, adotando a perspectiva de opressão como dependência, levando em conta uma situação precisa no universo das relações sociais, de uma certa camada da população subjugada pela dependência. Dado isso, compreende-se que, aqui, mais uma vez a tradição dos oprimidos chegou ao direito à palavra, assim como no livro de Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*.

Em segundo plano, faz-se relevante analisar a etimologia do verbo "lembrar-se", que em francês se traduz por "*se souvenir*", e cujo significado é um movimento de "vir" "de baixo". Assim, a análise se conclui como *sous-venir* sendo vir à tona o que estava submerso.

Nesse sentido, os recordadores são, no presente, trabalhadores, na medida em que lembrar é refazer, reconstruir uma história a partir de sua percepção e cujo acontecimento

pode deixar marcas que mudam o indivíduo em relação ao antes e depois do acontecido e a memória é o lado subjetivo do conhecimento do indivíduo acerca das coisas. Trata-se de uma reflexão, compreendendo o agora a partir do passado, em que são trazidos à tona sentimentos enquanto ocorre a reparação do feito e do ido, ao invés de sua mera repetição. Ressalta-se, aqui, que acerca da substância social da memória, o modo de lembrar é, além de individual, de teor social de forma em que há o processo de individualização daquilo que é matéria comunitária, de forma que aquilo que é lembrado e a forma como é lembrado faz com que fique o que tem significado para o recordador, ainda sabendo que pode se manter intacto ou profundamente alterado, uma vez que a percepção do sujeito modificou-se e, com isso, suas ideias, juízos de realidade e de valor. Essas informações são elencadas para dar voz ao oprimido, buscando compreender como foram as suas experiências e percepções, além da influência desses fatores em sua trajetória.

Dessa forma, com o conhecimento e o passar dos anos, novos significados alteram o conteúdo e o valor do acontecimento evocado. Apesar disso, caso a vida social ou individual do recordador tenha sofrido poucas alterações, os fatos lembrados tendem a possuir o mesmo significado que costumavam possuir no momento em que foram vividos pelo recordador. A diferença é notável, de fato, quando uma nova leitura altera o teor das ideias e reflexões. Isso porque os conhecimentos e a forma de raciocínio atual do sujeito, principalmente acerca da sociedade são diferentes de antes, o que o impede de sentir o mesmo, em termo de impressões e sentimentos, em relação ao primeiro contato com a experiência lembrada. Assim, reviver o passado como ele, de fato, ocorreu torna-se uma tarefa de duvidosa possibilidade.

De acordo com Ecléa Bosi, Halbwach traz uma interpretação social acerca da capacidade de lembrar em que, uma vez no interior da lembrança, são trabalhadas noções gerais no cerne da imagem evocada, veiculadas pela linguagem. Essas noções gerais possuem um caráter objetivo que permite às imagens resistir e se consolidar como lembranças (BOSI, 1979)¹⁸.

Para o indivíduo, a função da lembrança é conservar seu passado da maneira mais apropriada para ele. Aquilo que é indiferente é descartável, tal como o desagradável é alterável, o pouco claro ou confuso é passível de simplificação e, por fim, forma-se uma nova perspectiva, apesar de inexistir desejo consciente de falsificá-la. Já como função prática, a memória traz a conservação de estados psíquicos pelos quais o sujeito já passou, de forma a

¹⁸ BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. TA, 1979.

limitar a indeterminação e levar o sujeito a reproduzir comportamentos de sucesso em cada situação. Para isso, dois tipos de memórias existem: a memória hábito e a lembrança pura. A primeira se constitui através da retomada constante seguida de subsequente fixação, transformando-se em hábito, caracterizado como parte do adestramento cultural do sujeito. Já a lembrança pura é uma memória independente de quaisquer hábitos, cujo caráter não é mecânico, mas sim evocativo.

O acompanhamento de outros estudos acerca das temáticas abordadas

Em maio, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) lançou um relatório chamado "I'd Blush if I Could", que se trata do uso predominante de vozes femininas em softwares e a forma como isso reforça estereótipos de gênero. No estudo, descobriu-se que as assistentes foram programadas para serem submissas inclusive a insultos. A responsável pelo relatório, Saniye Gulser Corat, ainda afirma:

As empresas criam uma personalidade, um corpo físico, uma formação, como no caso da Cortana. A tecnologia é criada pela sociedade e reproduz os estereótipos que vivemos. Mas é preciso lembrar que, em grande maioria, esses softwares são desenvolvidos por homens jovens e acabam refletindo justamente o ideal de mulher deles.¹⁹

Saniye ainda explica: “Nossa maior preocupação é com os mais jovens, que crescem cercados por essa tecnologia. Como a voz é similar à humana, fica mais difícil ainda de distinguir humanos de máquinas”, explica Saniye. “E isso normaliza a ideia de que é aceitável tratar as mulheres como você trata a máquina.”

Essa pesquisa foi selecionada para compor o trabalho pelo fato de que toda a discussão envolve o gênero de algo que não existe materialmente. Trata-se de um ser do plano virtual, sem sexo biológico, sem qualquer movimentação física que possa ser repetida para se tornar parte de sua performance de gênero. Apenas através da fala, foi possível associar um instrumento de Inteligência Artificial a um gênero. Nesse sentido, não há relação entre gênero e sexo biológico ou qualquer referência material biologizante ou devido a movimentos.

¹⁹ Disponível em: https://arte.estadao.com.br/focas/estadaoqr/materia/se-as-assistentes-virtuais-pudessem-de-fato-falar?utm_source=twitter:newsfeed&utm_medium=social-organic&utm_campaign=redes-sociais:072019:e&utm_content=:::&utm_term=. Acesso em 03/07/2019

Outro estudo acompanhado foi o relatório final da pesquisa 'Democracia e Representação nas Eleições de 2018: campanhas eleitorais, financiamento e diversidade de gênero', produzido pela FGV DIREITO SP em parceria com CEPESP (EESP/EAESP). Esse estudo se assemelha à temática aqui trabalhada principalmente em seu capítulo 2, que trata do perfil de ingresso e trajetórias das deputadas federais eleitas. Apesar disso, a metodologia envolveu um número maior de mulheres na política e obteve dados quantitativos acerca da permanência na Câmara dos Deputados, por exemplo. Além disso, como o foco desta pesquisa é discutir gênero e a pesquisa lida inicia suas exposições já com gênero definido, não há um diálogo direto entre as duas discussões.

3. A mulher na política

3.1. As vereadoras de São Paulo

Para monitorar e acompanhar a ocupação da Câmara de Vereadores São Paulo por mulheres, foram analisados o número de mulheres vereadoras por mandato desde a redemocratização e, também, a ocupação de espaços de comando dentro da Câmara, como comissões e mesa diretora, por vereadoras.

Tabela 3 – Composição atual de mulheres na Mesa Diretora da Câmara Municipal de São Paulo

Mesa Diretora	
Vereadora	Cargo
Soninha Francine (PPS)	Primeira Suplente
Rute Costa (PSD)	2ª vice-presidente

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo²⁰.

Tabela 4 – Composição atual de mulheres na Corregedoria da Câmara Municipal de São Paulo

Corregedoria	
Vereadora	Cargo
Adriana Ramalho (PSDB)	Membro
Noemi Nonato (PL)	Membro

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Comissões Permanentes de Caráter Técnico-Legislativo:

Tabela 5 – Composição atual de mulheres na Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa da Câmara Municipal de São Paulo

²⁰Fonte: <http://www.saopaulo.sp.leg.br/vereadores/?filtro=mesa-diretora>. Acesso em 20/07/2019.

Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa (CCJLP) - 9 vereadores	
Vereadora	Cargo
Rute Costa (PSD)	Membro
Sandra Tadeu (DEM)	Membro

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 6 – Composição atual de mulheres na Comissão de Finanças e Orçamento da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão de Finanças e Orçamento - 9 vereadores	
Vereadora	Cargo
Soninha Francine (PPS)	Vice-presidente
Adriana Ramalho (PSDB)	Membro

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 7 – Composição atual de mulheres na Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente - 7 vereadores	
Não há mulheres nessa Comissão	

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 8 – Composição atual de mulheres na Comissão de Administração Pública da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão de Administração Pública - 7 vereadores	
Vereadora	Cargo
Janaína Lima (NOVO)	Membro

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 9 – Composição atual de mulheres na Comissão de Trânsito, Transporte e Atividade Econômica da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão de Trânsito, Transporte e Atividade Econômica - 7 vereadores	
Não há mulheres nessa Comissão	

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 10 – Composição atual de mulheres na Comissão de Educação, Cultura e Esportes da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão de Educação, Cultura e Esportes - 7 vereadores	
Não há mulheres nessa Comissão	

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 11 – Composição atual de mulheres na Comissão de Saúde, Promoção Social, Trabalho, Idoso e Mulher da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão de Saúde, Promoção Social, Trabalho, Idoso e Mulher - 7 vereadores	
Vereadora	Cargo
Edir Sales (PSD)	Presidente
Patrícia Bezerra (PSDB)	Vice-presidente
Juliana Cardoso (PT)	Membro
Noemi Nonato (PL)	Membro

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Comissões Temporárias e Extraordinárias

Tabela 12 – Composição atual de mulheres na Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão de Direitos Humanos e Cidadania - 7 vereadores	
Vereadora	Cargo
Patrícia Bezerra (PSDB)	Membro
Juliana Cardoso (PT)	Membro
Soninha Francine (PPS)	Membro

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 13 – Composição atual de mulheres na Comissão de Defesa dos Direitos da Criança, do Adolescente e da Juventude da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão de Defesa dos Direitos da Criança, do Adolescente e da Juventude - 8 vereadores	
Vereadora	Cargo
Soninha Francine (PPS)	Presidente
Juliana Cardoso (PT)	Vice-presidente
Patrícia Bezerra (PSDB)	Membro
Noemi Nonato (PL)	Membro

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 14 – Composição atual de mulheres na Comissão do Idoso e de Assistência Social da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão do Idoso e de Assistência Social - 6 vereadores	
Vereadora	Cargo
Rute Costa (PSD)	Vice-presidente

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 15 – Composição atual de mulheres na Comissão do Meio Ambiente da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão do Meio Ambiente - 6 vereadores	
Vereadora	Cargo
Soninha Francine (PPS)	Membro

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 16 – Composição atual de mulheres na Comissão de Segurança Pública da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão de Segurança Pública - 5 vereadores	
Vereadora	Cargo
Adriana Ramalho (PSDB)	Presidente

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 17 – Composição atual de mulheres na Comissão de Relações Internacional da Câmara Municipal de São Paulo

Comissão de Relações Internacionais - 5 vereadores	
Vereadora	Cargo
Janaína Lima (NOVO)	Presidente
Adriana Ramalho (PSDB)	Membro

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 18 – Composição atual de mulheres no Comitê Extraordinário de Chuvas e Enchentes da Câmara Municipal de São Paulo

Comitê Extraordinário de Chuvas e Enchentes - 11 vereadores	
Vereadora	Cargo
Soninha Francine (PPS)	Relatora
Edir Sales (PSD)	Membro

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tabela 19 – Taxa de aprovação em projetos das mulheres na Câmara Municipal de São Paulo

Vereadora	Taxa de aprovação	Em tramitação	Taxa de reprovação	Total de projetos
Adriana Ramalho (PSDB)	35,06%	61,03%	3,9%	77
Aline Cardoso (PSDB)	24,39%	68,29%	7,32%	41
Edir Sales (PSD)	34,58%	55%	10,42%	240
Janaína Lima (NOVO)	22,73%	62,12%	15,15%	66
Juliana Cardoso (PT)	22,89%	70,1%	7,01%	214
Noemi Nonato (PL)	29,35%	59,7%	10,95%	201
Patrícia Bezerra (PSDB)	19,58%	68,53%	11,9%	143
Rute Costa (PSD)	7,5%	85%	7,5%	120
Sâmia Bomfim (PSOL)	10,11%	83,15%	6,74%	89
Sandra Tadeu (DEM)	21,56%	68,81%	9,63%	218
Soninha Francine (PPS)	30,68%	55,68%	13,64%	88

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo. Acesso em: 28/07/2019.

Tabela 20 – Porcentagem de mulheres na Câmara Municipal de São Paulo desde a redemocratização

	1989 - 1992:	1993 - 1996:	1997 - 2000:	2001 - 2004:	2005 - 2008:	2009 - 2012:	2013 - 2016:	2017 - 2020:
% de mulheres na Câmara de Vereadores de São Paulo	8,6%	8,1%	12,2%	11,4%	11,6%	9,7%	8%	16,7%

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Ainda, informa-se quais são as atuais vereadoras e sua distribuição por partido, além da porcentagem e número de votos:

Tabela 21 – Vereadoras atuais, seus partidos, número e porcentagem de votos.

	Partido	Porcentagem de votos	Número de votos
Noemi Nonato	PR	0,6%	32.116
Sâmia Bomfim	PSOL	0,23%	12.464
Sandra Tadeu	DEM	0,64%	34.182
Patrícia Bezerra	PSDB	0,84%	45.285
Soninha	PPS	0,75%	40.113
Juliana Cardoso	PT	0,65%	34.949
Ruth Costa	PSD	0,63%	33.999
Adriana Ramalho	PSDB	0,56%	29.756
Aline Cardoso	PSDB	0,48%	25.769
Janáina Lima	NOVO	0,36%	19.426

Fonte: tabela de elaboração própria a partir de dados do Portal da Câmara Municipal de São Paulo.

Tendo em vista os resultados apresentados, as eleições trazem à tona a sub-representatividade feminina. Nesse sentido, cabe uma análise do contexto legal e a explicitação de leis e incentivos que promovem uma redução da sub-representatividade.

De acordo com a Lei das Eleições, os partidos, ao registrarem suas candidaturas para os cargos do sistema proporcional – deputado federal, deputado estadual e vereador –, deverão respeitar a proporção mínima entre os gêneros, segundo a qual não pode-se ter menos de 30% de candidatas mulheres por lista. Ademais, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no dia 22 de maio, determinou que os partidos políticos não poderão tratar candidatos homens e mulheres de maneira diferenciada para a distribuição dos recursos do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC), o Fundo Eleitoral, de modo que devem gastar mínimo de 30% com candidatas mulheres. Quanto à questão midiática no que tange à propaganda partidária, promove-se a visibilidade das mulheres no cenário eleitoral através da Lei 9.096/95, que define que 10% do tempo disponível na televisão e no rádio para cada partido deverá ser destinado à promoção da participação feminina na política, com a pena de perda de minutos para propagandas futuras. Quanto à questão de incentivos, foi definido pelo TSE que os recursos de incentivo à mulher na política não contemplam pagamento de pessoal feminino. Dessa forma, a questão entrou para a agenda governamental no período recente para redução da sub-representatividade feminina, porém há, também, limitação das atuações governamentais. Nesse sentido, evidenciam-se áreas de maior atuação e de maior carência na questão de leis e incentivos governamentais.

4. Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa. Este método foi escolhido porque possibilita a apreensão da subjetividade do objeto analisado, de modo que o comportamento do grupo-alvo pudesse ser compreendido por meio de um mapeamento de suas particularidades e experiências individuais.

Além disso, na pesquisa, há a reconstrução de trajetórias individuais por meio de entrevistas abertas caracterizadas pela livre manifestação do respondente e livre condução por parte da entrevistadora. Com isso, visou-se a reconstruir as experiências dos indivíduos a partir de seus próprios relatos, com depoimentos das vereadoras Sâmia Bomfim (PSOL) e Soninha Francine (PPS).

Esta modalidade de entrevista acessa experiências, valores e atitudes dos indivíduos, a partir de suas narrativas. Ademais, com isso, atribuiu-se um enfoque à performance de gênero da entrevistada e na construção de si mesma como ser político, além de ter permitido ênfase diacrônica, visto que interessa-se em capturar mudanças sociais, focando seu caráter investigativo na mudança no andamento dos fenômenos sociais, dando voz às mulheres através da transcrição das entrevistas. Também é parte do método "fingir", por um momento, nada conhecer acerca de teoria, uma vez que os dados coletados devem se tratar da perspectiva das entrevistadas acerca de cada tópico, portanto, não sendo influenciados por opiniões do entrevistador.

Ressalta-se, também, que a perspectiva de memória adotada é de memória enquanto conservação do passado, de modo que o que foi lembrado descreve a sua substância social: a matéria lembrada. Dessa forma, o modo de lembrar é individual assim como é social, promovendo uma individualização da matéria comunitária e, no que lembra e no como lembra, fazendo com que fique o que signifique; o que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. Para isso, coloca-se também que as memórias contadas oralmente foram transcritas tal como colhidas no fluxo das vozes das entrevistadas.

Por meio desses depoimentos, analisa-se o reflexo dos processos macrossociais em experiências individuais, tendo em vista o contexto histórico e a sequência cronológica dos relatos, de forma que essa sequência de entrevistas possibilitou que as vereadoras sejam situadas em suas ações de acordo com a definição de performance de gênero de cada uma delas. Com isso, o estudo de caso será constituído por meio das interpretações dos relatos das

vereadoras, aplicando as lentes apresentadas na referencial teórico, com base nas evidências coletadas nessas reconstruções de trajetórias individuais.

Ainda, essa análise terá em mente juízos de valor, dado que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupo de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo, de forma que se pode captar as percepções do sujeito na medida em que é expressa sua opinião pessoal.

Em termos quantitativos, foram observados, via dados disponíveis no site da Câmara Municipal de São Paulo, a gradação no número de mulheres na Câmara de Vereadores de São Paulo; o número de vereadoras por mandato desde a redemocratização; e o número de posições de comando dentro da Câmara, como comissões e mesa diretora, ocupadas por vereadoras. Dessa forma, foi possível formar tabelas que cumprem o primeiro objetivo específico da pesquisa.

Em termos qualitativos, foram observadas, via entrevistas e com o respaldo do referencial teórico, as formas pelas quais as vereadoras performam a sua identidade de gênero e como constroem a relação entre feminino e política, considerando seus cargos. Com isso, o segundo objetivo específico e o objetivo geral são contemplados.

Para obter os dados das entrevistas, optou-se por estabelecer uma abordagem a partir de um vínculo de amizade e confiança com as entrevistadas. Assim, conduzir a entrevista é tornar-se "observador participante", que, tendo incorporado o teor narrativo das memórias colhidas para a reconstrução das trajetórias individuais, assume o caráter de personagem-narradora.

Para obter dados quantitativos, foram utilizadas as informações disponíveis no site da Câmara Municipal de São Paulo. Já para obter dados qualitativos, escolheu-se duas entrevistadas de perfis variados. A escolha de entrevistar apenas mulheres e com a temática de suas próprias trajetórias foi feita para dar voz a quem constrói o gênero e não a quem possui uma perspectiva acerca daquela performance de gênero formada apenas por momentos específicos da vida dessas mulheres. A primeira entrevistada foi Sâmia Bomfim, de 29 anos, solteira, heterossexual, formada em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e em segundo mandato como vereadora e agora também deputada federal pelo PSOL. A segunda foi Soninha Francine, de 51 anos, em união estável, heterossexual, mãe de três filhas, formada em Cinema pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo

(ECA-USP) e está em seu segundo mandato como vereadora, antes pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e agora pelo Partido Popular Socialista (PPS).

O método para análise de dados utilizado para as informações quantitativas foi o de análise comparativa de dados secundários, de modo que foi medida a taxa de aprovação de projetos por vereadora, assim como a média e esta foi comparada com a média geral e a média masculina. Além disso, o número de mulheres ocupando cargos na Câmara Municipal foi contabilizado e a partir disso, foi atribuída uma conotação à importância daquele cargo em relação aos outros cargos existentes.

Já para analisar os dados qualitativos, houve estudos de experiências, valores e atitudes, com intervenção da entrevistadora na escolha das entrevistadas, que compartilham a situação de serem mulheres na política, mas optou-se por mulheres de idades e partidos diferentes. Estas entrevistas foram feitas com objetivo de compreender valores, opiniões, sentimentos e experiências, que são maneiras de entender a interpretação que as entrevistadas produzem de sua própria situação.

Dessa forma, o princípio de triangulação se faz presente na combinação desses diferentes métodos de coleta de dados, com amostras diferentes (todas as vereadoras atuais e todas as vereadoras desde a redemocratização, para a pesquisa quantitativa; e as entrevistadas, para a pesquisa qualitativa), diferentes perspectivas teóricas, utilizando o que era cabível de cada onda feminista e da teoria queer e diferentes momentos no tempo, pela idade das entrevistadas. Ademais, as experiências, valores e atitudes foram analisados à luz do repertório, de modo que foram encontradas relações com a teoria na subjetividade das experiências individuais a partir dos motivos por que as significações pessoais ocorreram de uma forma específica. Isso porque objeto de pesquisa e teoria estão relacionados, atribuindo sentido prático às constatações e permitindo a compreensão dos fenômenos sociais e políticos em um contexto acompanhado detalhadamente. Por fim, as distorções e lacunas não serão analisadas pois o interesse é no que foi lembrado, como foi lembrado e no que foi escolhido relatar para perpetuar-se na história de sua vida, assim como interessa saber como as construções de gênero e de ser político são, não como elas poderiam ser diante de eventuais apontamentos ou correções.

5. Análise de Resultados

5.1. Panorama Geral

Tendo definido performance de gênero, afirma-se que alguns dos atos repetidos que se tornam um marcador de gênero são aqueles relacionados ao nome, aos pronomes e às flexões de gênero utilizados quando se fala com ou sobre as vereadoras. Um nome próprio feminino, presente desde a certidão de nascimento, reafirma o gênero à medida que é uma referência identitária, um reconhecimento acerca daquele ser como Sujeito significante, que marca feminilidade. Dessa forma, possuir uma identidade é um fato que geralmente traz indicativos de gênero. Quando se utilizam pronomes femininos para se referir a esse indivíduo, ou flexões de gênero ao caracterizá-lo, então significa que há um reconhecimento de terceiros acerca dessa identidade de gênero. Assim, existir, na língua falada ou escrita, na norma culta do português mais frequentemente, devido aos marcadores de gênero, implica existir no feminino ou no masculino.

Outro marcador presente na certidão de nascimento é a informação do sexo do indivíduo recém-nascido. A partir de então, define-se o banheiro que esse indivíduo deve usar, de forma que se estabelece um marcador que liga o sexo a uma diferenciação e que, com a vigência da cisnormatividade, reafirma a ligação entre sexo e gênero, de forma inconsciente, a cada vez que uma pessoa vai ao banheiro.

No dia a dia das pessoas, está presente a compra de determinados bens e serviços, como roupas, sapatos, corte de cabelo, desodorante, perfume e métodos contraceptivos. Na compra de roupas, há repartições para roupas femininas e para roupas masculinas, separando-as, além das divisões por idade – infantil, para adolescentes e para adultos – assim como sapatos. Tanto na compra, quanto no uso diário, há um marcador de gênero presente, ligando o vestuário de uma pessoa, primeiramente, a seu gênero. Até quando a pessoa toma um banho, escolher colocar calcinha ou cueca é mais uma forma de reafirmação de gênero, portanto, uma atitude performática.

E mesmo quando a pessoa opta por roupas masculinas e femininas, o fato de isso não alterar o gênero da pessoa demonstra a característica espectral de gênero, em que há fluidez, não binariedade. Isso ocorre porque se trata das instituições e leis informais alimentando um sistema cisnormativo, guiando as pessoas intuitivamente para um consumo direcionado a

marcadores de gênero; e não o contrário: não são indivíduos que buscam afirmar seu gênero via consumo e as instituições tentando suprir a demanda.

Já o serviço de cortes de cabelo separa cortes masculinos e femininos por valores diferentes ou até lugares que cortam apenas cabelos de homens, geralmente barbearias, ou salões direcionados apenas a mulheres. Com isso, a pessoa mais uma vez reafirma seu gênero, assim como na compra de desodorantes e perfumes, separados em fragrâncias femininas ou masculinas, apesar de haver desodorantes sem cheiros e variações.

Em relação a esportes, ambas as vereadoras praticaram atividades em times femininos, de forma que a simples presença do indivíduo em um time feminino o categoriza e, com a repetição de estar sempre no time feminino, isso passou a compor a performance de gênero das vereadoras.

5.2. Vereadoras

Para esta análise, compreendeu-se que é necessário separar atividades com marcadores de gênero e sem marcadores de gênero, o que não retira essas atividades de um campo performático, mas em relação aos signos utilizados pelo indivíduo para remeter a gênero, assim como os respectivos padrões de comportamento para atividades neutras que envolvem emitir opiniões e apresentar um posicionamento firme. Foi percebido, nesse momento, que as atividades sem marcadores de gênero possuem marcadores de idade ou cargo. Dessa forma, os depoimentos foram analisados considerando diferentes formas de separação de atividades, sendo o primeiro grupo quanto à presença os marcadores de gênero e o segundo grupo quanto à presença de divisões por idade e atribuições por cargo.

5.2.1. Sâmia Bomfim

Sâmia de Souza Bomfim, de 29 anos, nasceu e viveu em Presidente Prudente até o momento de cursar o Ensino Superior em Letras na Universidade de São Paulo (USP). Filiada ao PSOL e agora em seu segundo mandato, Sâmia, mudou de cargo de vereadora para deputada federal.

5.2.1.1. Atividades com marcadores de gênero

Sâmia descreveu as mulheres de sua família como atenciosas e também relatou que sua avó ajudava sua mãe a cuidar de seus irmãos. Nesse sentido, a maternidade apresenta um grande marcador de gênero e também de sexo, à medida que a gestação é um fato biologizante; e que o que ocorre após o nascimento faz parte da performance de gênero da

mãe. Ainda, o cuidado é o fator comum entre a mãe e a avó nessa situação, ambas mulheres, em um contexto em que a visão de Sâmia acerca do homem era de provedor, não de cuidador ou de alguém com quem se dividem as tarefas.

Quanto a seus gostos, Sâmia relatou usar seu tempo livre em coisas mais artísticas, como dançar e cantar, e também natação, fatores que possuem marcadores implícitos, à medida que o *ballet*, dança que ela praticava, possui uniformes específicos e diferentes para meninos e meninas, com collant, tutu, meia-calça e rede de cabelo em um coque; o canto separa as vozes em femininas e masculinas, sendo *soprano*, *mezzo-soprano* e *contralto* as principais classificações vocais femininas, da mais aguda à mais grave, respectivamente, o que é biologizante; e a natação com a diferenciação também nas roupas e na entrada em vestiários separados. Esses marcadores, apesar de serem apreendidos como detalhes, são uma constante reafirmação de classificações de pessoas de acordo com seu gênero, o que, no caso da natação, o condiciona ao sexo biológico.

Depois da adolescência, Sâmia compreendeu que os marcadores de gênero também poderiam significar assumir papel de agressor ou agredida. Com isso, ela passou a tomar cuidados em relação à hora que saía, ao que fazia, à roupa que usava e às substâncias que usava. Dessa forma, houve atitudes tanto para neutralizar sua feminilidade em determinados momentos, como os cuidados tomados em relação à vestimenta; quanto para criar marcadores de gênero que, em sua concepção, permitiriam uma maior segurança. Aqui, por exemplo, não beber se trata de um marcador de gênero porque é uma atitude com consequências diferentes para homens e mulheres, como se comprova no seguinte trecho da primeira entrevista: "Eu comecei a compreender que as coisas se expressavam de maneiras diferentes pros homens e pras mulheres".

Ressalta-se que, antes de conhecer o feminismo, os elementos que faziam Sâmia se entender como mulher foram sintetizados na seguinte fala: "Eu acho que tem a ver com os cuidados que eu tinha que tomar com a minha segurança, integridade física e sexual, isso é uma compreensão violenta do que é ser mulher, mas isso é talvez uma das primeiras que as mulheres sintam, do assédio, enfim, manifestação de violência na rua, na cantada, na forma como os homens querem se relacionar com você, principalmente por uma questão física, sexual, sem nenhuma relação profunda, nenhuma forma de respeito. Acho que nesse aspecto, bastante. E até por uma questão de ciclo, de fase biológica, tem a questão da menstruação, todos os meses, eu compreendi que isso tinha a ver com cuidados que eu tinha que tomar do

ponto de vista sexual, de me prevenir, para eu não engravidar, daí eu via isso como uma questão de ser mulher, de uma responsabilidade de mulher. E de ter que fazer parte da minha vida a aceção de maternidade, casar, que as mulheres fazem planos com relação a isso". Esse trecho demonstra uma relação entre marcadores de gênero e poder, à medida que não se trata apenas de ser diferente: ser homem ou ser mulher passa a ser um condicionante de segurança, em muitas situações.

Ao compreender seu papel social, Sâmia tentava subvertê-lo, tentando superar estigmas, mesmo sabendo que isso se tratava de uma atitude que incomoda, que não é esperada. O auge desse desempenho foi ser agredida por um homem, durante uma assembléia estudantil, que, de acordo com a entrevistada, tomou aquela atitude por ela ser mulher, já que um homem não seria tratado do mesmo jeito. Essa atitude foi uma forma de reagir ao modelo desviante, ao incômodo quando sua demanda de acordo com a identidade social virtual criada por ele acerca de Sâmia não foi atendida. Isso demonstra um marcador de gênero comportamental, tanto na ideia da vontade do homem prevalecer, quanto na busca de Sâmia por se impor diante de seus anseios.

Em relação ao processo de construção do papel social da mulher em sua vida, Sâmia encontrou conflitos, à medida que, em alguns momentos da vida, trata-se de assumir papéis e posições que não necessariamente foi ela quem escolheu para a própria vida. Assim como entrar para a política talvez não tenha sido o plano que os pais tenham feito para ela, ou ela mesma tivesse imaginado, pois se diferencia da vida de uma professora casada e com filhos. Nesse sentido, os marcadores de gênero aparecem aqui não como determinantes dos planos de futuro de Sâmia, mas como limitantes, no sentido de que a restringiram para fora do espaço político.

Acerca do papel do homem e de suas atribuições, que portanto, não são da mulher, Sâmia afirmou, no começo, ver o homem como provedor, pessoa que garante a casa e a estrutura familiar. Essa perspectiva mudou aos 21 anos, de modo que o homem se tornava a figura de um sujeito violento e fonte de opressão, mas hoje ela percebe que os homens também têm seus papéis construídos a serem desempenhados e que há sofrimento nisso. Nesse sentido, Sâmia, que via o homem como sinônimo de segurança, financeira e para a estrutura familiar, passou a vê-lo como ameaça, à medida que as mesmas ações têm consequências diferentes para homens e mulheres, o que é um grande marcador de gênero,

assim como subverter aquilo que foi colocado como o papel social da mulher também demonstrou ter consequências nocivas.

Quanto às relações durante a faculdade, concomitantes a questões feministas passarem a fazer parte ativamente da vida de Sâmia, foi relatada a mudança de começar a ser mais solidária com algumas amigas que tinham filhos e suas respectivas dificuldades na faculdade. Aqui, nota-se a sororidade, que também pode ser colocada como pessoas com um estigma parecido – o ser mulher – sendo solícitas às outras.

Além disso, houve grande sensibilização por parte de Sâmia quando foram à tona alguns casos de estupro na faculdade de medicina, ainda antes de ela se formar. Ela relata: "Eu tava saindo da faculdade e aquilo me deixou muito transtornada, porque eu me dei conta que aquilo acontecia com pessoas muito próximas de mim, que já tinha acontecido, inclusive, comigo". Aqui mais uma vez, surge um marcador de gênero ligado à violência e a relações de poder. Isso a fez mudar muito, ficar mais fechada e mais dura. Depois disso, ela sentiu que cabia a ela ser mais firme, dizer mais não, ou sim quando necessário, mas também que sua opinião tinha valor e que ela poderia se impor.

Já na política, Sâmia como mulher consciente de sua voz e de seu papel está, ao mesmo tempo, criando convicções e passando-as para fora. Ela relata se sentir na obrigação de passar um sentimento de força, mesmo quando não está num bom momento porque trata-se de superar as diferentes questões diante do machismo. Isso indica o caráter, de fato, performático de algumas de suas atitudes, em que um dever ser acaba por se sobrepor à forma como ela agiria por impulso.

Acerca da relação com ter voz como mulher, foram relatadas mudanças acerca disso ao longo de sua vida, de forma que Sâmia sempre havia assumido um posicionamento de "boazinha", em que não necessariamente sua opinião importava e de que poderia ser desconfortável levar sua opinião até o final, então não o fazia para evitar desafetos e problemas. Posteriormente, isso mudou, de forma que, na Câmara Municipal, suas obrigações e tarefas exigiram que ela fosse diferente. Essa experiência remete ao caráter espectral de gênero, de forma que a mulher pode performar gênero como "boazinha" ou ativa sem que isso altere ou anule seu gênero. Ainda, o fato de a vida pública a tirar de um espaço da mulher que ela estava acostumada a ser demonstra que há um marcador de gênero pela necessidade de mudança de comportamento para atender as demandas do espaço político, majoritariamente composto por homens, portanto, preenchido pelos comportamentos daquele

padrão.

Após ter tratado a questão da violência algumas vezes, é válido colocar a perspectiva da entrevistada acerca do tema. Para Sâmia, violência é: "(...)qualquer demonstração de cerceamento do que eu sou ou do que eu possa fazer. A violência psicológica, acho que é um pouco isso, que ela não se expressa só num ponto de vista da manipulação, mas que daquilo que às vezes nem sequer querem te dizer, mas que o que querem fazer você acreditar, ou te conduzir sem você estar consciente do que você tá fazendo. Acho que as pessoas querendo te enganar, te cercear. Isso é muito violento, só por ser mulher. Quando te subestimam. Essa coisa de subestimar, pra mim, é muito violento, por ser mulher também, porque isso me incomoda bastante. Violência é isso, é querer te subestimar e te cercear pelo fato de ser mulher, e aí todas as outras violências decorrem também disso".

Quando o tema de visibilidade como deputada foi abordado, Sâmia afirmou que, nesse momento de polarização política e com suas posições sendo as opostas do que é vigente com o presidente Jair Bolsonaro, ela acaba se tornando alvo de um setor de militantes bolsonaristas, majoritariamente *online*, que veiculam um discurso de ódio, que demonstra o estigma criado por esses militantes online em relação à posição política de Sâmia, além do fato de ela ser mulher. Por outro lado, há uma rede de solidariedade que surge com esses ataques, deixando nítido que há pessoas que não enxergam determinados atributos como motivos para estigma, mas enxergam outros como motivos para solidariedade.

Tratando especificamente de marcadores de gênero na atuação parlamentar, Sâmia explica que um padrão da atuação parlamentar mais masculino é: "aquela que é mais bem aceita socialmente, você não precisa provar, explicar, pedir licença, afirmar absolutamente nada, basta ser, basta fazer. Então mais concretamente, eu muitas vezes já fui barrada de entrar no Plenário, porque... Sei lá, não tenho cara de deputada, talvez seja isso. (...) E [eu] com o broche, que a gente tem um brochezinho de identificação, o que faz sentido, porque é muita gente, mas com o broche, eu fui barrada. E deputado homem, sem o broche passa... Porque, afinal de contas, é esperado que ele seja um deputado. (...). Mas acho que o masculino é esse, o cara que é o cara da articulação, política, que é bem aceito, pode falar a pior fala do mundo, mas que tá ali, muito seguro do que fez. Isso é muito interessante, eu tava esses dias na CCJ, eu tava conversando com a Talíria, deputada do Rio e eu fiz uma fala e falei: "Nossa, que fala ruim", e ela falou: "Amiga, pelo amor de Deus, sua fala não foi ruim. Os cara aqui só fala bosta, as falas são horrorosas e eles estão assim estão se achando. A

gente fala uma coisinha, a gente acha que é muito ruim”. Porque também tem essa ideia que, sei lá, parece que a gente é sempre perfeita, o tempo inteiro, pra conseguir ser ouvida, ser provada, então eu acho que... É isso, parlamentar masculino é aquele cara que pode fazer o que for, vai ser aceito, vai ser naturalizado, que seja... E a mulher não, a mulher vai precisar provar três vezes, vai ser insegura, e se ela for um pouco mais incisiva, ela é maluca, ela é barraqueira, ela é histérica, ela é desnecessária, não sabe se comportar... Então é sempre esse limiar assim. (...). Aí às vezes eu deixo de falar, porque eu acho que vou falar besteira, [então] não vou falar. Às vezes eu me pego fazendo isso também, coisa que muitos deles não fazem, porque tem a segurança que eu não sei de onde homem tira, então aí depende". Essa fala demonstra que não só é masculino a eloquência e habilidade na argumentação, mas também o arriscar e a pouca relevância dos erros, quando isso ocorre.

Quando Sâmia traz pautas, ela percebe um questionamento da sua capacidade, mesmo possuindo o mesmo poder, instituído pelo povo, enquanto representante, como pode ser percebido com o seguinte trecho: "Esses dias eu fui no Ministério Público pra conversar com alguns promotores sobre uns temas e não queriam muito receber porque tipo, uma menina, sabe? Tenho mais o que fazer. Lá dentro tem muito disso também, de às vezes alguém que, sei lá, é presidente de alguma Comissão não te ouve direito ou... Sei lá, eu fui conversar esses dias com um deputado sobre um projeto dele que tava em pauta, ele não dava muita bola pra mim, mas eu chamei o líder do meu partido, que é o Ivan Valente, e é já um senhor, tá lá há muito tempo, é homem e ele falou exatamente as mesmas coisas que eu, mas o Ivan Valente ele ouviu, então tem o tempo todo". Ela também menciona que agora está estudando sobre a reforma da previdência e sua competência para entender a temática é posta em dúvida e ainda afirma que caso se tratasse de uma figura masculina e mais velha, isso não aconteceria. Isso reforça a separação entre papéis de gênero e atribuições opostas como marcadores de gênero.

5.2.1.2. Atividades com divisões por temporalidade ou atribuições por cargo

Quando era pequena, Sâmia via que tanto seu pai quanto sua mãe trabalhavam e tinham sua própria renda isso não lhe causava estranhamento. Com isso, foi compreendido já em sua socialização primária, que trabalhar é uma função de adultos, tal como possuir renda própria, sem distinção de gênero. Nessa mesma época, seus pais se preocupavam muito com

sua formação, assim como a de seus irmãos, de forma que estudar as coisas que Sâmia estudava eram compreendidas como tarefas de criança.

Sâmia também relata o brincar com seus irmãos, envolvendo terra, seu quintal, pega-pega, subir em árvores, pegar frutas, brincar com seus cachorros e também com as outras crianças de sua rua, de forma que as brincadeiras citadas e o próprio brincar se caracterizam como brincadeiras de criança.

Na Igreja ou na escola, Sâmia tinha uma postura proativa em ajudar a organizar teatros, festas de fim de ano e outros eventos, no que, para ela, há um quê de política, por ser botar a mão na massa para fazer acontecer. Isso demonstra que, para ela, um perfil proativo se tratava de um perfil sem idade definida e nem gênero definido.

Já adulta, a questão do voto consciente foi relatada, o que foi colocada como uma atribuição de adultos, também sem distinção de gênero. Ainda, sobre sua rotina na política, as atividades descritas também não apresentam diferenciação quanto a gênero, tratam-se de atividades parlamentares.

Acerca de atribuições da vida de parlamentar, Sâmia explica que recebia demandas por e-mail ou outras redes sociais e a assessoria lidava com aquelas que se resolviam por envio de requerimento ou recebendo o autor da demanda. Em casos mais complexos, Sâmia recebia ela própria e afirma que é como a maioria das coisas é feita no mandato, de forma que a população pauta muito mais do que os próprios encarregados do cargo.

Acerca das habilidades adquiridas previamente para desempenhar o cargo, não intencionalmente, Sâmia explica que as características que facilitaram seu desempenho foram curiosidade e capacidade de comunicação, com a utilização de redes sociais, produzindo vídeos, tweets, etc, capacidades que não se desenvolveram ou deixaram de se desenvolver devido à questão de gênero.

5.2.1.3. Atividades com marcadores de gênero e divisões por temporalidade ou atribuições por cargo

Quando questionada acerca de como imaginava sua vida quando fosse mais velha, Sâmia relatou anseios por se tornar professora, mãe e se casar. Isso demonstrou que, em sua concepção, tornar-se adulta significaria uma junção de atividades com marcadores de gênero e atividades com divisões por idade.

Acerca de sua mãe, Sâmia disse que ela a ajudava nas tarefas de casa, além de trabalhar, o que demonstra uma conciliação entre a vida adulta e seu papel como mãe, relacionada ao cuidado, demonstrando disponibilidade, mesmo entre suas outras tarefas. Dessa forma, a atribuição da mulher adulta, nessa perspectiva, envolve tanto o trabalho, quanto o carinho e cuidado.

Ao abordar sua adolescência, as expectativas de Sâmia eram de ter um namorado e ir ao shopping, tratando-se de questões da idade e de sexualidade.

Já na faculdade, após se mudar para São Paulo, Sâmia teve a perspectiva de uma mulher enquanto trabalhadora e militante numa cidade como esta. Ao mesmo tempo em que ela relata atividades de adultos, ela destaca o factual: mulher e o situacional: "enquanto" trabalhadora e militante, de forma que há marcadores de gênero, principalmente em termos de padrões de comportamento, no trabalho e na militância.

Quando entrou para a política, Sâmia sentiu um estranhamento, tanto por sua idade ao se eleger vereadora: 26 anos, quanto por ser mulher, já que essa combinação a torna "a menina" que se elegeu vereadora em São Paulo. Outros fatores para estranhamento foi isso ter ocorrido em São Paulo, sendo que ela é natural de Presidente Prudente. Dessa forma, um conjunto de coisas a tornou fora do padrão de pessoas que ocupam a Câmara Municipal de São Paulo.

Quanto a alianças e articulação, Sâmia relata uma ligação maior entre a questão e os partidos do que entre a questão e os parlamentares. Por fim, também foi abordada a questão da necessidade de mudanças de comportamento e hábitos, ao entrar para a política. A deputada relatou que não fica mais em bares à noite bebendo, por uma questão de segurança, principalmente e ela relata sentir que tem uma responsabilidade não só para consigo mesma, mas também com as pessoas com quem trabalha e com seus eleitores. A segurança se tornou uma questão nesses termos devido à dinâmica atual na política, caracterizada por ela como de exposição e destruição de pessoas, de *fake news*. Nesse sentido ela se preocupa com as consequências políticas. Com isso, nota-se que, para ela, foi necessário mudar um hábito pessoal que muitos políticos homens não mudam, o que se deve a uma reação de dois pesos e duas medidas para homens e mulheres numa mesma situação.

5.2.2. Soninha Francine

Sonia Francine Gaspar Marmo, de 51 anos, nascida e residente em São Paulo, formada em cinema pela ECA-USP, mãe de duas filhas e exercendo seu segundo mandato como vereadora, antes pelo PT e agora pelo PPS, foi subprefeita, esteve à frente da Coordenadoria de Políticas para a Diversidade Sexual de São Paulo e foi Secretária de Desenvolvimento Social, e no ano seguinte, da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social.

5.2.2.1. Atividades com marcadores de gênero

Quando era criança, Soninha gostava de brincar de escolinha e de preparar comidinhas. Ao crescer um pouco mais, passou a praticar esportes, como vôlei, andar de bicicleta e pular corda, mas seu esporte preferido era jogar queimada contra os meninos. Aqui, há uma marcação de gênero à medida que, apesar da naturalidade com que ocorre, há binariedade na escolha: ser uma concepção geral de mulher, ou aquilo que é diametralmente oposto, de forma que jogar no time das meninas é um ato repetido que reafirma gênero.

Quando questionada sobre o que gostaria de ser quando crescesse, Soninha relatou várias profissões, mas também seu anseio por ser mãe, ter seis filhos, e, na época, não pensava em se casar. Este marcador de gênero caracterizado pela expectativa de maternidade costuma estar presente desde cedo e é uma forma de performar gênero à medida que, num sistema cisheteronormativo, a mulher é o gênero ligado à maternidade, portanto, as expectativas acerca de sua própria experiência de maternidade pressupõem feminilidade.

Acerca de sua vida familiar, Soninha relata que, com a separação dos pais, evento muito raro na época, todos sabiam quem era a menina cuja mãe era desquitada, o que demonstra a estigmatização da mulher que deixa de ser casada, pois não se trata da menina cujos pais são separados, mas sim da mulher que não tem mais marido.

Quando questionada sobre o motivo de um incômodo por parte dela quanto à separação dos pais, Soninha aborda a temática de uma falta afetiva, principalmente para sua irmã mais nova, de um dos pais, caso houvesse separação. Isso demonstra que, para Soninha, existia afeto em ambas as figuras e ser uma pessoa afetuosa não configurava característica de um gênero específico.

Sobre sua primeira filha, Soninha conta que engravidou aos 15 anos e os próprios nove meses de gestação significam muito em termos de gênero, pois uma pessoa cis não costuma dissociar sexo biológico e gênero, de forma que a gestação ocorre no corpo da mulher e, durante esse tempo, comer, considerando a gestação, se torna um marcador de

gênero, assim como comprar roupas de grávida, a maior frequência com que se vai ao banheiro, enijos, desejos de grávida, a maior carga de hormônios. Tudo isso ocorre como um grande: "porque sou mulher, as coisas estão ocorrendo desse jeito", já que, quando um homem vai ter um filho, o mesmo fato tem efeitos diferentes sobre ele.

Outro marcador de gênero nessa mesma questão foi a vergonha que sua avó sentiu por Soninha ter tido um filho fora do casamento, pois ela não havia se casado, até aquele momento. Isso criou a oportunidade para que ela se casasse por intervenção da avó, já que sua mãe era contra o casamento, pois preferia que sua filha aceitasse o estigma de mãe solteira ao invés de dar satisfações à sociedade ao se encaixar num padrão de normalidade.

Ainda, a gravidez também foi um marcador de gênero devido à necessidade de abrir mão dos planos de faculdade, pois o corpo da mulher precisa de tempo para se recuperar do parto, há a necessidade de amamentação, existe a demanda de um ser totalmente dependente e o cuidado da criança foi atribuído a Soninha. Nesse sentido, as abdições feitas nesse primeiro momento foram um marcador expressivo de gênero.

Apesar disso, Soninha não teve sua vida como mulher e mãe se tornando a totalidade de sua vida, pois ela compreendeu que deixaria para depois a faculdade, não desistiria dela, portanto, era possível ser adulta como uma junção de tarefas atribuídas por idade e tarefas atribuídas por gênero.

Quando sua filha nasceu, Soninha percebeu a diferença entre teoria e prática: "eu tive uma idealização de que eu ia viver com a minha filha grudada em mim e que eu ia fazer tudo com a minha filha junto comigo e que eu ia dar a ela a possibilidade de crescer curtindo a vida, os estímulos todos e, cara, eu vivia exausta, ela só chorava de cólica". Nesse sentido, notam-se expectativas acerca da capacidade de suprimir seus sentimentos e sensações físicas para se dedicar à sua filha, uma forma de exercer trabalho emocional e disponibilidade emocional, tipicamente esperados das mulheres: "E então, puta, aprendi como é difícil ser dona de casa, como é complexo ser mãe... E dar conta". Mas ela também sabia que se tratava de uma questão de tempo, não de como sua vida seria para sempre, pois, segundo ela: "nada dá mais trabalho que uma criança pequena 100% dependente de você."

Quando foi morar junto com seu marido, Soninha teve de lidar com o seguinte homem: "Tipo, ele era um cara que ajudava muito a mãe em casa, mas em casa, na nossa casa, tipo, a visão dele era justamente alguém que ajuda, não alguém que é corresponsável.", o que demonstra um marcador de gênero na visão do marido que se estendeu à prática,

portanto passou a diferenciar as tarefas e seu significado. Ainda, ela relata o fato de ele ter ficado decepcionado com ela por ela ser, aos olhos dele, uma pessoa desorganizada e incapaz de cuidar de uma casa como se deve. Isso é um marcador de gênero à medida que esperava-se que uma pessoa de 15 anos que nunca havia morado sozinha soubesse cuidar de uma casa e organizar uma vida totalmente nova apenas por ser mulher, por ter visto outras mulheres fazendo. Nesse sentido, essas expectativas marcam gênero mais do que a própria realidade.

Já quando foi cursar Cinema, Soninha morava em Santana e estudava na USP, de forma que precisava sair cedo de casa para deixar as filhas na escola, pegar condução ou carona, perder os últimos cinco minutos de aula para voltar para Santana, para dar aulas de inglês e depois buscar as filhas antes da escola fechar. Ao chegar em casa, ainda precisava fazer comida, lavar a louça, a roupa, preparar aulas, corrigir provas, estudar para a faculdade, então ela relata: "Eu dormia muito pouco e enquanto eu não 'tava dormindo, eu 'tava ocupada. [...] Mas era muito frustrante para mim não poder desfrutar da USP como eu poderia se eu não trabalhasse e não tivesse filho pequeno". Nesse momento, os marcadores de gênero passam a ser determinados pela questão da maternidade, em que Soninha se torna responsável por todos os cuidados com os filhos, o que não ocorre de forma simétrica com os homens na maioria das vezes, principalmente o quanto ter um filho afeta o desfrute da universidade por parte de um pai ou de uma mãe.

Na política, por sua vez, Soninha votava de acordo com suas convicções, visando ao melhor para o município, em sua concepção, porém essa discordância, principalmente no primeiro mandato, em 2004, gerava opiniões como: "Ah, tá querendo aparecer", "Caiu de paraquedas na política", "Caiu de paraquedas, meu. Ela não é da política, ela é apresentadora de televisão. Tipo, não entende nada da política.", "É amante do prefeito", "a descompensada". E ela se sentia injustiça nas votações e chorava de raiva às vezes, o que dava motivos para que quem falava essas coisas sobre ela sentisse legitimidade, comprovada por essa ação. Nesse sentido, não havia atitude que fugisse à opressão, pois ao chorar, esses grupos a estigmatizavam como a mulher emotiva e, caso não chorasse, seria uma forma de trabalho emocional em que era necessário que a mulher se isentasse de emoções para cumprir expectativas, sendo que os homens também se alteram em discussões. Dessa forma, o marcador de gênero aqui presente é a resposta a qualquer de suas atitudes, que é diferente daquilo que seria a resposta para um homem agindo do mesmo jeito.

Entretanto, agora a composição da Câmara mudou, de forma que há "pessoas truculentas, menos personagens caricatos e mais políticos de primeira viagem, fresquinhos e que também não jogam o jogo de sempre". E agora "tem um grupo mais heterogêneo, né, heterogêneo, de experiência, de trajetória, de ideologia, inclusive, e isso enriquece, sabe? Fica mais difícil ter dois lados, ataque e contra ataque, porque tem mais coisas envolvidas, tem mais complexidade aí no debate... O fato de termos elegido 11 mulheres faz muita diferença. Meu, 'cê ser cinco, cinco mulher e cinquenta homens, e quando o resto em volta também é majoritariamente, muito majoritariamente masculino, cara, 'cê fica muito em minoria, muito em minoria. Não é nem só porque na hora de votar, você perde, mas, meu, você é desprestigiada, assim, né? E se você joga o jogo, ah, tá de boa, mas se você não joga, aí vem tudo, aí é tudo aquilo de horrível, aí é mal comida ou piranha", assim como piadas machistas para rebaixar as mulheres. "Então, uma boa parte dessas pessoas não 'tá mais aqui... Isso já seria bom, mas, melhor ainda, vieram muitas pessoas novas de muitos perfis diferentes. Então mudou, mudou, as circunstâncias mudaram. O tempo fez bem para todos nós. Até para os que já estavam aqui. Inclusive, não tem só gente nova que trouxe frescor, mas isso mudou os velhos também. Isso é muito legal. Mudou aqueles que faziam tudo sempre do mesmo jeito, e agora já têm outra postura".

Ainda, o estigma acerca de ser mulher se faz presente no confronto entre a identidade social virtual e a identidade social real, como ilustra a fala de Soninha: "É isso, na hora que diverge, na hora que incomoda, que confronta. É a louca, é a descompensada...", o que demonstra um marcador de gênero à medida que as ações de mulheres na política passam a ser interpretadas de forma diferente das ações dos homens de um mesmo cargo. Entretanto, ela também pontua o que foi discutido no referencial teórico sobre o estigma não existir por si mesmo, sendo criado em relação a um padrão de normalidade presente nos estigmatizantes, de forma que, se não há estigmatizantes, não há estigma e se há menos estigmatizantes, esse estigma perde forças: "Mas muito menos do que antes. O mundo mudou e a Câmara, em comparação ao que era antes, a Câmara mudou mais que o mundo. Sério. Já somos mais parte da cena. Mesmo. Parte da cena. E não exceção do cenário, sabe?".

5.2.2.2. Atividades com divisões por temporalidade ou atribuições por cargo

Acerca de sua mãe, Soninha relembra o fato de ela ser uma leitora voraz e essa hábito ter sido cultivado em casa. Ainda, sua mãe trabalhava fora como professora de inglês, o que,

para ela, não era o comum, até porque as mães de seus amigos não trabalhavam fora. Nesse sentido, para Soninha, apesar de não ser algo comum em sua infância a mãe ter um emprego, era evidente que trabalhar ou não trabalhar representam duas formas de ser mulher, portanto não era um determinante e não havia um marcador de gênero para essa atividade, na sua concepção, era uma tarefa da idade adulta. Ainda, também era comum, segundo Soninha, que as meninas discutissem entre si se elas iriam fazer faculdade, pois não se tratava de uma sequência óbvia de acontecimentos aquela que incluía a mulher no ensino superior. Apesar disso, Soninha concebia ambas as atitudes como atribuídas aos adultos e não a determinado gênero.

Soninha notava também que sua mãe era diferente das outras por seu maior interesse intelectual: "Tipo, minha mãe assinava a *National Geographic*, sabe? Não a... Cláudia, sei lá – nada contra a Cláudia", de forma que sua mãe era preocupada e atualizada com relação a conhecimento científico e às questões do mundo: política, geopolítica... Além disso, sua mãe contestava a ideia de separação de papéis de gênero, defendia a liberdade sexual, a igualdade de direitos, o comunismo, tinha preocupações acerca da desigualdade econômica e da injustiça. Em relação à sua casa, Soninha relembra sua rotina: "Minha mãe era um caos dentro de casa. Minha casa sempre foi uma puta zona. E ela era completamente desorganizada com horário, com tudo, a gente vivia correndo, vivia atrasado". Ainda, sua mãe nunca gostou de novelas, preferia ler. Então quando Soninha ia à casa de amigas, pensava: "Ai, olha que arrumadinha essa casa". As únicas semelhanças que Soninha percebia eram de querer cuidar dos filhos, preservá-los, protegê-los e defendê-los. Nesse sentido, Soninha não consolidou uma perspectiva muito engessada acerca de padrões de comportamento para mulheres, pois sua mãe era incomum, na época, e isso não a impedia de ler sua mãe como mulher, então é difícil que, para além dos marcadores de gênero gerais, questões comportamentais sejam concebidas por Soninha como marcadores de gênero.

Ainda, sua mãe também foi uma forte influência intelectual para ela, por inseri-la em debates filosóficos, feministas, comunistas e sobre ciência e pesquisa, além de a ensinar a ser contestadora e não aceitar uma regra apenas por ela existir. Além disso, sua mãe era ambientalista e ela se identificava com isso, de forma que uma das primeiras ações de que se lembra foi quando colheu assinaturas para um abaixo-assinado contra a caça às baleias.

Apesar disso, sua mãe não era especialmente afetuosa, o que não a impedia de ser próximas e permitiu a Soninha uma perspectiva de que existem mulheres carinhosas e

mulheres que não são carinhosas, de forma que esse tipo de comportamento não define um marcador de gênero e o que define o marcador de idade é o papel de mãe, de forma que havia a perspectiva do hipossuficiente em relação ao suficiente em suas relações com os pais.

Acerca de seus irmãos, Soninha brigava muito com seu irmão mais novo, mas se tratava de algo da idade, de forma que brigar ou não brigar eram informações inconclusivas para um comportamento certo ou errado para determinado gênero. Já sobre sua irmã, Soninha conta que, depois da gravidez, sua irmã mais nova teve um papel importante: "Quando ela entrou na adolescência e eu tinha a filha, ela me ajudou muito. Quando eu não podia contar com a minha mãe, quando eu não podia contar com muita gente, a minha irmã de 12, 13 anos, me ajudou muito". Esse trecho explicita a sororidade – entre irmãs de sangue – diante de uma situação de desamparo por parte das outras pessoas. Aqui, há um marcador de gênero devido à sororidade ao invés de solidariedade apenas. Trata-se de se colocar no lugar do outro sabendo que um dia, de fato, pode-se estar no lugar do outro, portanto isso ocorre de uma forma muito mais real.

Quando era pequena, Soninha idealizava vários cenários possíveis para a vida adulta, desde alguém que viajaria o mundo, trabalhando em lugares e profissões diferentes, ou então indo a diferentes países sem pertences, sem endereço, fazendo trabalho voluntário, ou professora, ou vivendo de esporte, levando educação física para todos os lugares e pessoas, "Então, às vezes, os sonhos meio que coincidiam, juntavam, né, tipo, eu podia viajar o mundo fazendo... Esporte e cultura; teatro e basquete; como formas, né, de educação mesmo e tal", e também se imaginava política ou até descobrir a cura do câncer. Com isso, nota-se que Soninha não estabelecia barreiras para si e todas essas funções se tratavam de funções de adulto, sem distinção de gênero.

Soninha buscava realizar diferentes atividades, era capitã do time de basquete da escola, e do time de vôlei, oradora da turma, ajudava os colegas nas matérias que eles não haviam entendido... Para ela, essas eram atividades possíveis de serem exercidas por uma pessoa que está na escola, portanto, há um marcador temporal e não de gênero e era algo muito natural para ela, conforme foi dito, de forma que, a partir de uma determinada idade, Soninha passou a propor atividades ao invés de se engajar apenas naquelas já vigentes.

Aos nove anos, Soninha passou a ir sozinha para a escola fazer basquete à tarde, de forma que sair sozinha se trata de um marcador de idade, não de gênero.

Acerca de sua escola, Soninha relata que as freiras explicavam métodos contraceptivos em aula, de forma que sexo e contracepção eram atos de adolescentes e adultos, e a questão de gênero não determinava quem podia dialogar sobre isso.

Apesar de estudar em um colégio de freiras, Soninha se viu diante de um conflito quando "não via a Igreja sendo coerente com o ensinamento, então a coisa, por exemplo, de condenar o sexo. "Sexo é algo que se faz para a reprodução". As minhas freiras eram rebeldes dentro da orientação da Igreja Católica quando ensinavam contraceptivo pra gente. Porque sexo é para procriação e acabou. E eu falo meu, onde Jesus falou qualquer coisa remotamente ligada a isso? Tipo, meu, por que que a Igreja escolheu fazer do sexo um erro? Uma má conduta? Meu, sério, Jesus não falou nada a ver com isso, nada disso, foi um Papa lá de sei lá qual século que disse: "Não, Maria era virgem: antes e depois". Porque, meu, é um dogma a virgindade de Maria. Um papa decidiu, sabe? Então isso começou a me incomodar muito essa hipocrisia pra mim, tipo, o Vaticano escolheu algumas coisas pra chamar de pecado, não Jesus, sabe? Eu não via sentido naquilo". Aqui, demonstra-se que Soninha se sentiu confortável para contestar a finalidade do sexo, mesmo sendo mulher e havendo uma estigmatização acerca disso, de forma que não há marcador de gênero em sua concepção quanto a críticas e a abordar temas como o sexo e sua finalidade.

Acerca da retomada de seus estudos, Soninha compreendeu que poderia estudar sem que a faculdade fosse um condicionante. Com isso, entrou para um grupo de teatro, em que leu O Capital e conheceu os Surrealistas: "A gente estudou uma porrada de coisas dentro do grupo de teatro, então por que eu vou fazer faculdade? Eu posso estudar o que eu quiser, o quanto eu quiser". Apesar disso, quando participou como atriz de um curta-metragem feito por alunos da ECA-USP, decidiu fazer faculdade de cinema.

Acerca de política, Soninha comenta que foi algo que sempre fez parte de sua vida em diversos ambientes, como em sua casa e no colégio, mesmo sabendo que não saberia conceituar suas atuações como participação política. Mais tarde, no teatro, o grupo era político, de esquerda, socialista e, na faculdade, discutia-se o quanto o cinema deveria ou não ser político e se existia o direito de fazer cinema não-político. Como repórter, apresentadora, comentarista e mediadora de debates, Soninha tinha grande contato com pautas políticas, mas não se imaginava mais na política, pois havia desistido num contexto pré-Constituição de 1988, porque não achava que valeria a pena ser política num mundo tão restrito, com tantas barreiras, então pensou em outros meios de participação política: "Não, política eu vou fazer

na vida, dando aula, fazendo cinema, fazendo teatro, fazendo trabalho voluntário..." , o que se estendeu para a televisão, que sempre foi vista por ela como forma de militância, mas apesar de todas as movimentações, Soninha relata: "E aí eu cheguei num ponto em que eu comecei a ficar paralisada de tanta frustração, de tanta decepção assim com a falta de resultado com as coisas que a gente tanto fazia, sabe, 'cê vai, faz uma puta manifestação ambiental, mobiliza, as pessoas vão e tudo... E o Congresso vota a lei do mesmo jeito, sabe? [...] Então eu tava tão, mas tão, mas tão desanimada, mas tão desanimada, que eu concluí que o que eu poderia fazer era entrar na política e aí tentar vir aqui e realmente fazer alguma coisa". Isso demonstra a frustração como um marcador como cidadão, portanto, temporal por se tratar de maiores de 18 anos, sem que isso se relacione a gênero, mas sim a uma perspectiva de direitos que se via distorcida pelos resultados diante das mobilizações

Já na vida do setor público, em seu primeiro mandato, Soninha percebeu que não sabia muito sobre a Câmara Municipal, o que ela não esperava, por se considerar uma pessoa muito bem informada: "a vida inteira, eu li política, discuti política, pautei política, cobre política. Aí quando eu cheguei aqui, cara, quando você descobre a quantidade de coisas falsas que acontecem... Fiquei muito abismada. Do tipo o quanto as coisas que eu assistia não eram aquilo que elas pareciam. Então foi muito chocante, foi uma decepção brutal com muita gente que eu admirava, eu vi que aquelas pessoas me enganavam o tempo todo, com o seu discurso e a prática delas era completamente diferente.[...]. Não, é, ninguém me contou não! O cara 'tá ali, falando o contrário do que ele disse ali em público.[...]. Eu imaginava frustração, mas não daquele jeito. Porque era tudo muito falso. E com a prioridade completamente invertida. A prioridade era o jogo. O jogo político. Quem derrotou quem. E se, para derrotar alguém, a população se fode no caminho, é jogo. Sabe?! Então eu vivi muito em guerra com todo mundo no mandato". Essa questão se coloca independente de gênero e idade, pois foi estando exposta ao ambiente da Câmara que Soninha compreendeu o contexto de lá.

Apesar disso, Soninha também relata atribuições do cargo que cumpriu e ficou satisfeita, como a articulação política, para resolver problemas acerca do funcionamento do que é ofertado pela Câmara. Nesse sentido, ela conta que seu segundo mandato, devido ao tempo, à idade e a não ser a primeira vez, foi melhor, por ter passado pelo Executivo também, então Soninha teve essas experiências na política mais direcionadas a atribuições específicas de um cargo do que relativas a distinções de gênero.

No primeiro mandato, Soninha acreditava que teria reconhecimento por ter mais votos do que se era esperado, mas isso não fez diferença. Na verdade, ela se tornou referência nesse segundo mandato por sua intenção de fazer um bom trabalho, de forma que vereadores a consultam, a escutam e a respeitam. Inclusive mudam na forma de conduzir algumas questões, como ela exemplifica que a Comissão de Finanças hoje se trata de uma Comissão em que de fato se discutem os projetos, independente de seu autor. Ela relata: "Então, eu já vi na comissão de finanças e eu te falo com a maior clareza, por minha causa, por minha influência, mas eu já vi o presidente da comissão de finanças, do PT, dar o voto decisivo para que o parecer favorável a um projeto do PT fosse derrotado". Para ela, isso é difícil porque o único motivo para um vereador votar contra um outro vereador era por implicância pessoal, senão a lógica era de não votar contra para não atrapalhar, prática que ela desaprova, pois acredita que se deve votar de acordo com suas convicções acerca do que é melhor para a cidade.

5.2.2.3. Atividades com marcadores de gênero e temporalidade ou atribuições por cargo

Acerca do casamento de Soninha, era necessário que sua mãe a emancipasse para permitir que ela decidisse se casar, pois Soninha tinha, na época, 16 anos. Após a emancipação, ela se casou. Essa experiência é marcada por uma divisão por idade, prevista em lei e também por gênero porque se ela não fosse um casal heterossexual, o casamento, na época, não poderia ocorrer. Dessa forma, o marcador de gênero não ocorre por um tratamento ou consequências diferentes durante o acontecido, mas sim a existência de dois marcadores de gênero necessariamente diferentes, no caso, a Certidão de Nascimento, permitiu um casamento, que só pôde ocorrer por se tratar de um homem e uma mulher, de forma que o gênero importa e é um instrumento para validação ou invalidação da união.

6. Considerações finais

Durante a pesquisa, foi necessária adaptação a novos cenários, que foram a dificuldade na fluidez da entrevista de história de vida, que passou a uma versão adaptada de entrevista aberta; a eleição de Sâmia para o cargo de Deputada Federal, de forma que ela deixou a Câmara Municipal; a escolha de outra vereadora para ser entrevistada, o que permitiu uma análise com entrevistadas de idades diferentes e em contextos de vida muito diferentes, como a dinâmica interiorana trazida por Sâmia e a experiência de maternidade trazida por Soninha.

Ainda, foi possível cumprir o objetivo geral, com a investigação da representação de gênero da mulher na política, utilizando principalmente os conceitos de Butler (2003) e Goffman (1988), assim como com a compreensão da forma como ocorre a conciliação do ser mulher com a incorporação de capacidades de um ser político, o que demonstrou, conforme Beauvoir (1949) teoriza, que o homem também é a representação do neutro, de forma que, para se tornar um ser político, não se tratam de características tipicamente masculinas que as mulheres têm o diametralmente oposto, mas sim características que ou são existentes, ou inexistentes, demonstrando esse caráter de neutralidade. Além disso, o primeiro objetivo específico foi cumprido com o mapeamento da composição atual da Câmara Municipal de São Paulo por mulheres e o segundo objetivo específico foi cumprido com a investigação, a partir das entrevistas, de como as vereadoras performam sua identidade de gênero na e pela política, que está presente na análise de resultados.

7. Referências

- _____. LEI MARIA DA PENHA. Lei N.º11.340, de 7 de Agosto de 2006.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. TA, 1979.
- BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de género. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora Record, 2003.
- CASTRO, Talita. Gênero, Emoções e Produção Cultural: Uma Análise da Autoajuda Brasileira, p.13.
- DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, p. 9, 1988.
- SCHOLZ, Sally J. Feminism: A beginner's guide. Oneworld Publications, 2012.
- STEPHENSON, Jill (2001). Women in Nazi Germany, p. 16
- GILBERT & GUBAR, The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination (Yale University Press, 2nd ed. 2000, originally published 1979), p. 23.

8. Anexos

Transcrição da entrevista com Sâmia Bomfim, em 06/11:

Pra começar, eu vou te pedir seu nome completo.

Tá, é Sâmia de Souza Bomfim.

Sua idade?

29 anos.

Estado civil?

Solteira.

Profissão?

Servidora pública estadual.

Nacionalidade?

Brasileira.

Eu queria saber as suas primeiras memórias de origem.

De infância?

Sim.

Bom, eu nasci em Presidente Prudente, que fica no interior do Estado, sou a filha mais nova, de três, mais dois irmãos. É, meu pai e minha mãe, família tradicional... brasileira, família católica. Eu tive uma infância humilde, simples, assim, meus pais nunca foram cheios de dinheiro, ambos são servidores públicos estaduais e eu tenho essa memória assim da minha infância, de um lugar muito afastado, na verdade, dos grandes centros, tinha mais relação, na verdade, com a zona rural do que com a zona urbana, até pela localização e eu não tinha grandes pretensões políticas, nem tampouco imaginava me mudar pra São Paulo. Foi quando eu tava no ensino médio que eu soube que tinha São Paulo, tinha a Universidade de São Paulo, até pra onde eu estudei, prestei vestibular e mudei pra cá, mas a minha infância foi uma coisa bem, bem comum assim, de uma criança do interior.

E o que que você lembra dos seus pais, nessa época?

Dos meus pais? Eu lembro deles trabalhando muito, é, minha mãe tinha o trabalho dela e ela também era revendedora da natura, como uma forma de ter uma renda extra. Meu pai ele é escrivão de polícia civil, então me lembro muito dele fazendo plantão também, de madrugada, enfim, a vida muito atarefada e me lembro que eles sempre foram muito zelosos e protetores assim, me levavam pra todos os lugares e muito preocupados com a minha formação... Formação na escola mesmo, sempre que possível me matriculavam em aulas no Sesi, de natação e outras coisas assim pra eu ser... Pra eu sempre ficar muito ocupada com... com estudos mesmo, com coisas destinadas à minha formação. Muito carinhosos também, muito acompanhando assim a minha vida. É, acho que é isso.

E dos seus avós?

Meus avós, o meu avô por parte materna eu tenho poucas lembranças porque ele faleceu eu tinha 7 anos de idade. Da minha avó, é uma memória muito presente, ela ainda é viva, ela tá com 89 anos agora, quase 90, ela é muito presente e ela é muito carinhosa também, aquela avó ela teve... 11 filhos, então de uma família muito grande, sempre chamava todo mundo pra ir domingo na casa dela, brincar, como minha mãe também trabalhava muito, ela ajudava muito a minha mãe a cuidar de mim e dos meus irmãos. Agora, meus avós paternos eu não tenho lembrança, porque os dois morreram antes de eu nascer, então... Só conheço por foto, na verdade, já ouvi falar.

E como era sua relação com seus irmãos?

Super próxima, porque a gente tem idade muito próxima. Meu irmão tem 1 ano e 2 meses a mais do que eu e a minha irmã tem 1 ano e 6 meses a mais do que eu, então a gente... E, aliás, 1 ano e 6 não, 2 anos e 6 meses, não é possível, 2 anos e 6 meses. Então a gente sempre, é, foi muito amigo, tinha amigos em comuns pela idade ser parecida, estudava em escolas próximas, brincava junto na terra, no quintal de casa, que tinha um quintal imenso e a gente ficou menos muito próximo quando eu me mudei pra São Paulo, na verdade, porque daí a questão da proximidade territorial também era mais difícil, mas sempre foi uma relação de amizade, de troca, compartilhamento, um apoiando as decisões do outro, sempre foi muito tranquilo.

E como que era na escola?

Na escola?

Começou com quantos anos?

Eu entrei eu era bem criancinha, né, um pouco neném assim, creche-maternal, é, eu lembro muito desde o prezinho, acho que eu, eu fui alfabetizada cedo, acho que eu tinha uns 5 anos de idade, eu sempre gostei muito de ler, né, eu pegava os livros dos meus irmãos mais velhos e tal pra entender as coisas. É, eu me mudei muito de escola, eu devo ter estudado em umas 5, 6 escolas na minha infância por questões de que acabou não dando certo assim, tive dificuldade de adaptação na escola, na verdade, na primeira série eu estudei num lugar, depois da segunda à quarta eu estudei numa outra escola, depois eu tive que me mudar porque escola estadual ia só até o quarto ano, aí eu na quinta série estudei numa outra escola, não consegui me adaptar e mudei pra outra da sexta a oitava, depois, aliás, da sexta à sétima, aí na oitava eu estudei numa outra escola, aí no ensino médio eu mudei pra outra ainda, então isso teve a ver também com é eu tenho poucos amigos de infância, assim, de lá de trás, os que eu tenho são de quando eu sou um pouco mais adulta, dos últimos anos do ensino médio, mas principalmente da faculdade, porque como eu me mudei muito de escola, eu acabava perdendo muitos vínculos também, mas eu era uma boa aluna, sempre fui boa aluna, tirava boas notas e era muito ruim em exatas, terrível, acho que por isso que eu fiz letras, mas eu era boa em português, geografia, história, e foi na escola, também, principalmente no ensino médio que eu optei por fazer letras porque eu queria ser professora, gostava muito disso, achava a coisa mais legal do mundo e vim fazer letras.

E como era sua relação com as outras pessoas, de fora da sua família, quando você era criança? Tanto amigos quanto pessoas que você conhecia...

Ah, eu tinha relações ok assim, tipo, a gente fazia algumas amizades, eu tinha algumas amigas em especial da igreja, eu tinha uma amiga muito próxima, da igreja, que era minha vizinha também, Fernanda, eu tinha uma da escola onde eu estudei no pré, que ficou minha amiga até mais ou menos a quarta série, e depois tive uma outra quando eu era mais pré-adolescente, da quinta à oitava. No ensino médio, eu não tive muitas amigas porque eu me mudei pra uma escola privada, fui bolsista lá, não conseguia, não gostava das pessoas, imagina, gente do interior é um negócio meio complicado, eu não tinha muitas amigas, mas é,

era boa, eu participava muito dessas atividades da igreja, que era o que tinha, né, de espaço de participação assim, eu ajudava a organizar grupos de jovens, é, as próprias missas, eu era parte daquelas pessoas que participavam da primeira leitura, coisas assim, então eu era uma criança um pouco tímida, mas, ao mesmo tempo, muito sociável.

E o que era pra você ir pra igreja, quando você era menor?

O que era ir pra igreja? Sabe, eu acho que era um pouco o espaço que tinha pra eu poder desenvolver atividades assim, conhecer pessoas, fazer teatro, leitura, acho que era assim um espaço social, na verdade. Eu, eu não sei se necessariamente eu acreditava. Hoje em dia eu já sou atéia, não tenho religião, mas eu não sei se era algo que, tipo, eu necessariamente tinha uma devoção, mas eu acho que eu via mais como um espaço pra poder socializar e desenvolver atividades, porque no interior é bem comum que seja assim, na verdade, né.

E o que era viver no interior, pra você?

Ah, eu gostava, porque eu não tinha muita consciência do que existia além de lá, mas quando eu me tornei adolescente, principalmente no ensino médio, não encaixava muito, porque acho que normal, é que na época surgiu a internet, eu tinha mais ou menos uns 14 anos, começou a aparecer internet na minha casa e aí acho que eu fui conhecendo outros debates, fui conhecendo o mundo e eu tinha muita curiosidade, vontade de sair de lá por isso assim, porque eu vi que tinha todo um mundo que eu não tinha acesso estando no interior. Tanto quando eu passei no vestibular eu não pensei duas vezes, eu passei em algumas cidades e falei, não, eu vou pra São Paulo, porque eu acho que é o lugar que mais tem possibilidades, né, de atuar, de viver, de aprender e tudo mais. Hoje quando eu volto pra lá eu me sinto desconectada assim, mas acho que foi na minha adolescência, que geralmente é uma fase mais conflituosa, mas foi nessa fase que eu percebi que eu acho que eu tinha que procurar outros ares também de vida, né.

E o que você queria ser quando você era pequena?

Professora.

Jura?

É, sempre quis ser professora. Quando eu tomei a decisão de ter alguma profissão era

professora. Eu tinha, acho que uns 12 anos. É, antes disso eu não pensava. Mas depois eu tomei a decisão e continuei e me formei como tal. Eu não exerço, mas eu sou professora.

E o que você gostava de fazer?

O que eu gostava de fazer? Eu gostava de cantar, dançar, essa coisa mais artística, gostava de ler. É, basicamente isso.

Do que você brincava?

Do que que eu brincava? Eu brincava... De tudo, de pega-pega, gostava muito de brincar na terra, subir em árvore, pegar fruta, brincar com meus cachorros, brincava muito, lá tem um parque muito próximo da minha casa do interior, então eu gostava muito de descer o barranco, ir nos parquinhos, brinquedos, enfim. É muito.. Eu tinha uma vida mais assim na rua, né, assim, brincando com as outras crianças, do bairro e tudo mais, gostava de brincar de tudo. Nunca fui muito fã de videogame, coisa dentro de casa, gostava mais de ficar rodando mesmo por aí.

E tem algum feriado que você se lembra como algo mais marcante? Tipo tradição... De natal, por exemplo?

Minha família não... Ah, eu lembro que tinha principalmente na família do meu pai as celebrações de final de ano, era uma família sempre muito junta assim, é, o natal nunca foi, o natal, deixa eu tentar lembrar, é, o natal geralmente juntava... Porque a família do meu pai é uma família muito grande, ele tem 14 irmãos, e aí geralmente muitos primos e tal e aí juntava todo mundo e era um momento interessante por ter conseguido reunir a família inteira, mas era mais a família inteira local, né, mas como a família inteira é grande, tem gente espalhada pelo país, então geralmente era mais num casamento ou numa ocasião assim que eu conseguia ver muita gente, não era necessariamente num feriado, mas era mais uma celebração que aí ia centenas de pessoas reunidas assim. Mas geralmente era mais natal e ano novo que dava pra juntar todo mundo, mas nada muito de especial, acho que como toda família que se reúne no final do ano.

E em termos de tradições familiares em geral, você teve alguma?

Tradições familiares? Como assim?

É.. Coisas repassadas pelas gerações....

Ah, acho que não... Não, não tem muito essa característica a minha família. Aliás a gente tem pouca memória das gerações anteriores. Você questiona a minha avó, ela sabe falar muito pouco sobre o que foi a vó dela, de onde são, qual é a minha ascendência, a gente tem pouco dessas informações, assim, não é muito característica nossa.

O que você não gostava de fazer?

O que eu não gostava de fazer? Quando eu era criança? ...'Tô pensando... Não me lembro agora. Eu acho que eu não gostava muito de estudar as coisas obrigatórias da escola assim, gostava muito de ler, mas eu não gostava de ter que fazer tarefa de casa, essas coisas eu não gostava, mas não tem nada que marque assim tipo ai, nao gostava, acho que era mais tarefa de casa mesmo que era chato mesmo.

E quais que eram suas atividades extracurriculares?

Fiz de tudo: fiz natação, fiz aula de ballet, de jazz, fiz aula de inglês, fiz aula de bordado, fiz aula de libras, fiz aula de... de espanhol eu não quis fazer, me arrependo, devia ter feito, fiz aula de dança, né, que não era nem jazz nem bale, era dança, natação já falei, catequese, frequentava a igreja, coisas do tipo... É, basicamente isso.

Como que foi pra você fazer essas coisas?

É, eu gostava, nunca reclamei assim. Desde pequena eu faço bastante coisa no meu dia assim, não tenho muitas horas livres, acho que eu herdei um pouco isso da minha mãe, que ela também é assim, uma pessoa que sempre faz muitas coisas, você vê ela pouco parada. Então eu nunca me queixei assim, nem quando eu tava muito cansada, né, porque tinha um dia que eu fazia aula de natação, de inglês, de não sei o quê, de não sei o quê, chegava em casa só tarde da noite, mas eu lembro que eu gostava muito porque eu acho que eu sempre tive um pouco esse interesse de fazer coisas diferentes.

Você que procurava?

Hm, acho que não, meus pais que ofereciam as possibilidades e eu aceitava ou não. Tanto que eu lembro que tinha uma hora que surgiu a oportunidade de fazer aula de espanhol e eu neguei porque eu não gostava de espanhol, e hoje eu me arrependo, porque eu não sei falar

nada e seria muito importante pra minha vida, pro meu trabalho, tudo... Mas eles ofereciam e eu aceitava ou não. Assim, só, eu fui atrás do ballet que eu falava eu quero fazer ballet, aí eu dei um jeito de me enfiar no ballet, mas de resto eles apresentavam mesmo.

E por que você queria?

Por que eu queria fazer ballet? Acho que eu vi uma vez na televisão e achei lindo e eu queria fazer. E porque eu andava na ponta do pé também. Eu andava assim com o pé no chão, aí eu falei: "ah, eu acho que eu vou fazer ballet" e é isso, pior que é verdade.

O que você pensava que você queria fazer depois, quando você ficasse mais velha?

Não tinha grandes pretensões, eu achei que eu fosse ser professora, casar, ter filho e viver uma vida de uma pessoa que é casada, tem filhos e é professora, exato, nada de mais.

E com relação à mídia em geral, televisão, livros, jornais... Pelo que você se interessava?

Ah, eu assistia muita tv. Muita, muita, muita. Até porque não tinha internet, então era tudo, via de tudo, via desenho, via o jornal com meus pais, via novela, assistia TV Xuxa, Chiquititas, TV Cultura, cresci assistindo TV Cultura. Hoje perdeu muito, né, mas tinha muitos programas infantis educativos. Assistia de tudo, eu passava o dia na frente da televisão assim, quando eu não tava fazendo atividade, tava na frente da TV, então não tinha muito filtro, era tudo mesmo, o que desse, eu assistia.

Quando você passava tempo com seus pais, o que você fazia?

Com meus pais? Geralmente era num momento de alimentação assim, almoço, jantar, ou assistia muita televisão com eles também, e às vezes pra fazer alguma tarefa de casa que minha mãe me auxiliava. Isso quando eu era mais novinha, depois quando eu entrei no ensino médio ela já não conseguia acompanhar as coisas que eu estudava, mas quando eu era menorzinha, ela me ajudava bastante nisso também...

Quando você começou a ter uma trajetória?

Na política?

Em geral.

Trajetória... Acho que eu nunca pensei muito, eu fui levada, na verdade, assim por essas coisas, mesmo em política que agora é a mais presente, né, tipo, aconteceu assim. Perguntaram: "Ah, cê quer ser candidata?" Eu falei: "quero? Não". Mas depois eu falei: "tá bom, vamos topar ser" e aí acabou que eu me elegi e eu não parei. Mas acho que eu nunca fiz um plano assim de vida "vou seguir determinado rumo". Acho que o maior plano de mudança que eu fiz foi quando eu saí de [Presidente] Prudente e vim pra São Paulo fazer Letras. Falei: "Bom, a partir dessa formação eu quero desenvolver... Eu quero atuar como professora, quem sabe, ter carreira acadêmica", mas eu nunca tive muita paciência pras coisas da academia, diferente de você, e... Mas assim, não foi um planejamento, acho que nunca fez parte da minha vida a não ser essa mudança mesmo, de resto foi acontecendo, eu fui sendo levada, na verdade.

E na adolescência, quais eram suas expectativas com relação a você? Por exemplo, você sabe que "ai, quando eu virar adolescente"...

Acho que eu queria ter um namorado, sair, sei lá, ir pro shopping, que era a grande saída de lá, ir pro shopping, ir pra um espaço assim... Mas eu também não tinha muitos planos e expectativas também.

E quando você veio pra São Paulo, quais foram as mudanças que você sentiu?

Nossa, completamente. Eu me mudei sozinha, então eu tinha que me virar. Eu sempre me virei um pouco sozinha. Não me virei, mas eu fazia minhas coisas. Mas aí é diferente, você não tem sua mãe, né, 'cê tem que se virar mesmo. Tinha que pegar ônibus, descobrir onde é os lugares, pagar conta. Nossa, no começo isso era uma confusão, eu não conseguia pagar minhas contas em dia, eu mesma controlar os meus horários, sem ter quem me monitore. Minha vida mudou completamente assim, completamente. E porque São Paulo é uma cidade muito mais difícil de se morar do que cidade do interior, né, te consome muito mais, então isso eu também sempre estranhei, no começo, né, de ter que organizar melhor o meu tempo pra faculdade, pra casa, fazer minha própria comida, fazer minha própria janta, e eu acordar sozinha, porque se eu não acordar sozinha, eu não vou pra faculdade. Coisas assim, foram sempre mais intensas pra mim. Mudou tudo, tudo, completamente. Acho que também era uma fase de amadurecimento, me mudei com 17 anos, então eu fui ficando adulta na faculdade, né, 17, 18, 19... E aí mudou muita coisa também.

E em comparação com as pessoas que já eram daqui, você sentia que tinha algum aspecto mais evidente?

De mim com relação a elas? Ah, sim, eu sempre achei elas muito mais soltas e espertas do que eu era, eu era muito tonta no começo, assim, sabe? Pra entender tanto onde eu tava, o que as pessoas pensavam... Eu achava elas mais livre em determinado aspecto do que eu. Eu vim pra cá muito tímida, insegura também, então isso foi um aspecto muito gritante de diferença, assim, com relação às outras pessoas. Mas... Fui me adaptando.

E como era sua relação com ser mulher antes de conhecer o feminismo?

Não refletia sobre isso, na verdade. Eu demorei pra pensar sobre o tema do feminismo, sobre quem eu era, como eu era, o que essa relação tinha a ver com as fases da vida. Já passei por relacionamento abusivo, eu tinha mais uma compreensão assim de culpabilização da vítima mesmo, de achar que eu não podia sair numa hora que não era devida, podia acontecer alguma coisa perigosa pra mim se eu estivesse fazendo determinada coisa, com determinada roupa, usasse determinada substância, sabe coisas assim? Mas eu não refletia, a primeira vez que eu tive noção do que era feminismo era de uma banda de punk rock que eu gostava... Acho que era TPM o nome da banda, era super divertido. Mas assim, eu só achava legal elas meio, gostava da atitude, do comportamento delas, mas eu não entendia acho que muito ainda a reflexão, o debate... Eu virei feminista depois que eu já tava filiada ao PSOL, na verdade, foi meio tardio, hoje eu vejo que é mais jovem, mais cedo as meninas. Eu tinha uns 20 anos, eu acho, não faz tantos anos, eu tô com 29 agora. Eu comecei a compreender que as coisas se expressavam de maneiras diferentes pros homens e pras mulheres, e eu acabei vivenciando isso na militância também. Aí eu conheci o feminismo e falei: "Nossa, é isso".

E, antes disso, quais eram os elementos que te faziam se entender como mulher?

Fazer me entender como mulher? Eu acho que tem a ver com os cuidados que eu tinha que tomar com a minha segurança, integridade física e sexual, isso é uma compreensão violenta do que é ser mulher, mas isso é talvez uma das primeiras que as mulheres sintam, do assédio, enfim, manifestação de violência na rua, na cantada, na forma como os homens querem se relacionar com você, principalmente por uma questão física, sexual, sem nenhuma relação profunda, nenhuma forma de respeito. Acho que nesse aspecto, bastante. E até por uma

questão de ciclo, de fase biológica, tem a questão da menstruação, todos os meses, eu compreendi que isso tinha a ver com cuidados que eu tinha que tomar do ponto de vista sexual, de me prevenir, para eu não engravidar, daí eu via isso como uma questão de ser mulher, de uma responsabilidade de mulher. E de ter que fazer parte da minha vida a aceção de maternidade, casar, que as mulheres fazem planos com relação a isso. Então acho que eram mais essas três dimensões que eu tinha, nada muito além, na verdade.

Quando começou a ser uma perspectiva violenta?

Acho que desde os meus primeiros relacionamentos afetivos, com uns 13, 14 anos assim, de ficar com um cara que é mais velho que claramente tá se cagando pra você, mas tá te enganando, tá te usando. Nessa fase, assim, em que a gente se torna adolescente, foi mais ou menos por aí, de ter que enfrentar, ir pro mundo e ver que os homens são muito machistas e acabam tratando as mulheres como objeto. Foi mais ou menos aí nessa fase, de início da sexualidade.

Quando essa noção se ampliou?

A noção sobre ser mulher? Foi na faculdade, quando eu já era militante, e eu compreendia que eu tinha um papel social que eu tentava subverter, que não era aquilo que era esperado de uma pessoa como eu, de quando eu me enfiava a frente da política, a gente fazia muita assembléia no movimento estudantil, e eu falava: "não, eu vou conduzir a assembléia, não vai ser você", quando eu fui xingada uma vez na assembléia, xingada, agredida, de dar um soco na cara quando eu fui pra cima. O cara, quando eu fui agredida, eu falei opa, aí eu comecei a compreender que ele só fez aquilo porque eu era mulher. Quando eu fui convidada pra participar das reuniões do coletivo feminista do meu curso, e aí o mundo se abriu, porque foi a primeira vez que eu vi um debate sobre gênero, eu falei: "nossa como assim". Foi nessa fase, quando eu tava já me consolidando como adulta, eu tinha um trabalho, eu sempre estagiei na faculdade mesmo, mas eu comecei a trabalhar fora, eu aí minha vida era um pouco mais puxada, mais corrida, eu acordava muito cedo e ia dormir muito tarde. Nessa época da minha vida também comecei a compreender o que era uma mulher numa cidade como São Paulo, uma mulher trabalhadora e militante também. Eu devia ter uns 20, 21 anos.

E como foi o processo de construção do papel social da mulher na sua vida?

Pergunta difícil essa... Acho que foi acontecendo, porque eu não acredito que a gente é muito consciente sobre ele, não é algo muito pensado ou construído, mas eu acho que é conflituoso, como acaba sendo pra toda mulher em todo momento da vida dela, porque é você se ver desenvolvendo papéis e posições e que não necessariamente são aquelas que você escolheu pra sua vida. Talvez eu tenha percebido isso mais quando eu entrei diretamente na política e vi que ser uma política, o que se espera de mim não tem muito a ver com o plano que os meus pais talvez meus pais tenham feito pra mim ou que eu achei que eu fosse fazer da vida, de ter uma vida mais pacata, tranquila e professora que vai pra casa, casada e cuida dos filhos, sabe? Pergunta difícil essa, eu não sei se eu sei responder, é isso.

E teve algum momento marcante pra você sobre entender esse papel?

Teve um que é recente, talvez não tenha sido o primeiro, mas eu me lembro muito, que foi quando eu me elegi como vereadora, porque isso foi muito comentado como um elemento estranho, de uma menina de 26 anos se elegendo vereadora da cidade de São Paulo não sendo daqui, não tendo parentes importantes políticos, nada disso, não sendo apadrinhada, essa construção que foi quase automática, vinha da mídia, vinha das pessoas, vinha do EP, vinha daqui de dentro [da Câmara Municipal]. Por alguns meses, eu fiquei muito carregando esse símbolo, sabe? Esse significado do estranhamento que era assim ter uma menina nova aqui dentro, sabe? Isso foi muito marcante pra mim. Outro elemento foi, deixa eu ver se eu lembro de algo mais dessa época, né, dos 21, 22... Acho que foi esse evento que eu já mencionei disso por cima, de quando eu tava numa mesa de uma assembléia estudantil do movimento estudantil, que eu falei alguma coisa que desagradou um sujeito e ele me agrediu... Me agrediu, bateu na minha cara mesmo, assim, foi uma coisa assim bem... E aí eu fiz BO, lembrei, foi exatamente nesse momento, e aí eu lembro que minha amiga falou que eu tinha que fazer um BO, fazer uma denúncia, formalizar por ser uma agressão e eu achei um absurdo, falei: "claro que não!". E, hoje em dia, eu falo: "gente, pelo amor de Deus, é a primeira coisa". É óbvio que eu tinha que registrar, mas eu acho que essa compreensão mesmo, era uma violência de gênero e ele só fez aquilo porque eu era mulher, porque qualquer outro homem que o respondesse daquela forma, ele não trataria da forma que ele me tratou, não levaria as últimas consequências. E aí na época a gente organizou tipo um escracho assim e o cara sumiu pro Nordeste e nunca mais apareceu. Mas eu lembro que essa época foi muito empoderadora, de compreender o que é o machismo e ao mesmo tempo ver

como mulher, ele só fez aquilo porque eu tava ali naquela condição e por algum motivo desagradável dizer o que eu dizia com a firmeza que eu disse, pra ele, sei lá se foi firme ou não. Acho que foi esses dois momentos, assim.

Você lembra como você via o papel do homem, em relação à sua vida inteira? O que você achava que era uma atribuição do homem?

Atribuição do homem... Acho que isso foi mudando ao longo da minha vida, né. Quando eu era criança, adolescente, eu via o homem como, acho que eu via o homem como provedor, pessoa que garante a casa, o lar, a família, a estrutura familiar, etc. Depois, quando eu fui pra esses 21, 22 anos, eu não gostava muito de homens, acho que foi uma fase meio... Acho que é normal, quando eu comecei a compreender do que se tratava essas violências todas, relacionamento abusivo, pessoas escrotas, etc, aí eu era meio anti-homem, fui começar a ter uma relação mais ok agora. É, porque eu via como um sujeito violento, mesmo, alguém que tava ali pra me oprimir... É isso, pra me mandar voltar pra casa, calar minha boca. Hoje, eu vejo um pouco talvez não sei se eu digo piedade, mas eu vejo também que eles acabam tendo que desempenhar papéis que também são construídos pra eles e que eles sofrem por isso. As mulheres sofrem mais. Mas eles também sofrem assim, por ter que estar nessa posição do macho alfa, do seguro, do provedor, isso é terrível pra muitos deles, mas eles vão manter a pose, porque eles exigem isso, mas eu tenho um pouco mais de piedade dos homens. Eu não os odeio mais hoje. Enfim, tenho um namorado, etc, então tá tudo bem.

Como você via, quando você era menor, as mulheres da sua família?

Eu via como mulheres muito batalhadoras, trabalhadoras, guerreiras assim, essa imagem eu sempre tive, de que faziam muitas coisas pra garantir tudo, muito carinhosa, solícitas, boas mães, pessoas que trabalham, que levam sua vida independentes, de alguma forma, porque têm sua própria renda. Eu tinha uma visão de inspiração mesmo das mulheres da minha família, mãe, tias, minha avó, tudo...

O que você esperava/espera levar com relação a essas mulheres e a inspiração delas pra você?

Acho que seguindo esse espírito mesmo, de pessoas que são batalhadoras, que fazem acontecer as coisas, que se garantem, que são, não necessariamente carinhosas, mas pessoas afetuosas e atenciosas, eu acho que isso eu carrego muito delas e completamente eu aprendi com as mulheres da minha família e sigo fazendo, eu acho.

E como passaram a ser suas relações com as pessoas no seu momento de faculdade, pensando nisso como algo concomitante a uma expansão de conhecimento com relação ao feminismo e à política no geral?

Acho que isso teve algumas consequências, no geral, de algumas delas dizem respeito às relações sociais que eu tinha, de amizade mesmo, então foi uma época em que eu acabei estabelecendo mais amizade com mulheres, muito mais do que eu tinha antes, no início da faculdade, eu tinha mais amigos homens, era uma relação mais formal, acadêmica. Mas eu fiquei amiga, conheci mulheres que são minhas amigas até hoje, próximas. Acho que eu comecei a ser mais solidária com algumas amigas que eu vi que tinham filhos e que tinham dificuldades de seguir as aulas. Eu lembro que eu fiquei muito sensibilizada quando estouraram alguns casos de estupro numa das faculdades, a faculdade de medicina. Eu tava saindo da faculdade e aquilo me deixou muito transtornada, porque eu me dei conta que aquilo acontecia com pessoas muito próximas de mim, que já tinha acontecido, inclusive, comigo. Acho que mudou completamente assim, minha própria relação com os homens, eu fui me dando conta das coisas que eu tinha que impedi-los de fazer também, sabe, assim, nesse aspecto violento, de dar um passo pra trás, sabe? Acho que foi concomitante ao momento da raiva dos homens, dessa coisa anti-homens que eu tinha. Acho que era mais uma relação, a princípio de repelir, né, esse instinto... Esse instinto não, esse comportamento deles. Mudei muito, eu fiquei mais fechada, eu acho, mais dura, em certo aspecto, depois que eu me dei conta dessas questões.

E o que você começou a sentir que cabia a você?

Ser mais firme, dizer mais não, ou sim quando necessário, mas que a minha opinião tinha muito mais valor, ou o meu comportamento, do que só a pessoa que tá sendo levada ou que pode ser feita de idiota ou pode ser vítima de violência, mesmo que inconscientemente eles pratiquem isso. Ser mais mulher, no sentido de se compreender enquanto tal, eu acho.

Como você diria que foi sua trajetória como mulher consciente disso?

Olha, é tudo muito recente, novo, né. E também é muito misturado com a minha construção enquanto figura pública, porque eu me tornei vereadora aos 26, 27, e enfim esse processo mais geral do amadurecimento, eu tinha mais pra uns 22, 23, então é um misto assim, é eu criando pra mim as convicções ao mesmo tempo que eu me sinto na obrigação de passá-las pra fora, pro público que me acompanha, que vê, que gosta, que não gosta. Hoje, né, eu percebo essa responsabilidade. E percebo de muitos homens também, e especialmente mulheres que me acompanham, que gostam, que torcem, que gostariam e querem que dê certo as coisas que eu faço porque elas se vêm de alguma forma em mim, se sentem representadas, então é esse cuidado de sempre, usando da minha compreensão, serem expostos para fora. E é sempre esse sentimento de força, eu me sinto na obrigação de passar, mesmo que eu não esteja com essa força toda, porque eu acho que é natural, mas eu acho que sempre essa relação, assim de força, de, não, vou passar, dane-se, vim até aqui para abaixar a cabeça agora? Sabe essa coisa de superar mesmo diante do machismo, que se expressa de todas as formas possíveis.

Como foi sua relação durante toda a vida com ter voz como mulher?

Não foi automática, foi recente, na verdade. Bem, bem recente. Eu sempre fui mais "boazinha", de não necessariamente a minha opinião importa, não vou ser altiva, não vou levar até o final. Deixava as coisas acontecerem pra não ter que ter desafetos, eu acho, problemas.

Como isso mudou? Qual foi a perspectiva que você foi tendo pra que chegasse aí?

Eu acho que as demandas da minha vida forma impondo que eu fosse diferente. Por exemplo, aqui [na Câmara dos Vereadores] é um lugar em que eu preciso ter opinião, eu preciso assinar, eu preciso fazer. As coisas têm que partir de mim, senão as coisas não acontecem. Aí eu acho que as obrigações, as tarefas da vida me fizeram ser diferente. Isso tem a ver com ser mulher porque as escolhas que eu faço, a vida que eu levo não fogem da construção social de gênero, então, foi recente, na verdade.

Como mulher, para você, o que é violência?

Acho que qualquer demonstração de cerceamento do que eu sou ou do que eu possa fazer. A

violência psicológica, acho que é um pouco isso, que ela não se expressa só num ponto de vista da manipulação, mas que daquilo que às vezes nem sequer querem te dizer, mas que o que querem fazer você acreditar, ou te conduzir sem você estar consciente do que você tá fazendo. Acho que as pessoas querendo te enganar, te cercear. Isso é muito violento, só por ser mulher. Quando te subestimam. Essa coisa de subestimar, pra mim, é muito violento, por ser mulher também, porque isso me incomoda bastante. Violência é isso, é querer te subestimar e te cercear pelo fato de ser mulher, e aí todas as outras violências decorrem também disso.

Como você descobriu um ser político, em geral? Como foi essa descoberta pro mundo do setor público?

Foi também na faculdade, no movimento estudantil, quando eu participei de uma primeira manifestação e gostei, falei: nossa, assim, não tem muito uma explicação racional, acho que eu simplesmente gostei e falei: "nossa, é isso que eu quero fazer". Sabe, quando você se identifica? Foi nessa época. E não necessariamente era um ser parlamentar, mas era um ser político, não necessariamente figura pública, mas alguém que se botava no movimento. Isso desde a primeira reunião, eu falei: "nossa, que coisa interessante, é isso que eu quero fazer". É uma questão de afinidade mesmo, assim, de despertar e falar: "opa, é aqui que eu me encaixo".

Antes disso, existia uma perspectiva de política para você?

Eu acho que era nessas pequenas manifestações da igreja. Eu sempre falo isso, que era o espaço que eu acho que eu vejo pra ter uma vida social pra poder falar com pessoas, ler estudar, porque estudar a bíblia é um estudo, enfim, ter opiniões, etc, acho que era o espaço da igreja mesmo, mas mesmo que eu não tenha muita consciência disso. Mesmo na escola, eu ajudava a organizar teatros, festa de fim de ano, sempre me enfiava nessas coisas. Tem um quê de política nisso também, que é você botar a mão na massa, fazer as coisas que você quer. Eu acho que tinha uma pitada de política nessas ações todas.

E o que você gostava de fazer nessas organizações de eventos?

Acho que eu gostava de organizar em todos os aspectos assim, gostava de organizar, pensar o roteiro, essa coisa de escrever o roteiro, quando era teatro, falas, personagens, quem faria o

que. Festa de final de ano também, de garantir os convites, chamar as pessoas para participarem, gostava de fazer tudo, na verdade. Eu sempre fui muito enfiadinha nessas coisas. Na igreja, eu fazia leitura, coroa em santo, essas coisas todas que são possíveis de serem feitas, assim. Ajudava o professor na aula, gostava de me enfiar assim, de fazer as coisas mesmo.

Como foi sua percepção para esse lado de uma noção de pertencimento a um espaço, o da política, onde você ainda não estava, no sentido pertencer ao espaço da política, como ser político, mas não necessariamente atuando no primeiro setor?

Acho que eu nunca refleti muito sobre isso, na verdade. Por mais estranho que possa parecer, foi também as coisas que eu falei, de quando eu vi, estava fazendo, sabe? Eu só me sentia bem fazendo e eu me enfiava porque parece que me sugava assim, tipo todos os novos desafios da política, novas etapas me instigavam e me sugavam com problemas. É que não foi muito consciente, foi mais pelo instinto que eu ia me movimentando.

Você lembra da primeira vez que você votou?

Lembro, eu já estava... Tirei título de eleitor só quando eu fui obrigada, não foi com 18 anos, foi um pouco depois, que era tipo na véspera, precisava votar na próxima porque eu tinha mais de 18. E foi... Eu tô confusa, é porque teve muitas eleições, duas eleições, eu acho que eu justifiquei, porque meu título era de lá [Presidente Prudente], e eu morava aqui [em São Paulo] já. Eu acho que minha primeira eleição eu justifiquei, que foi para a prefeitura. Na outra que eu votei, foi na campanha do Plínio de Arruda Sampaio do PSOL, que eu lembro que eu votei nele. Fui pra lá pra votar nele, porque eu gostava muito. E foi um pouco depois que eu me filiei, então foi nessa. Acho que foi em 2010 a primeira vez que eu votei, que eu me lembro de votar conscientemente, assim, porque eu queria e gostava. Comprei a passagem, fui pra lá e votei. Eu tinha 20 anos.

E o que você pensou?

Ah, que aquele era um projeto político mesmo que eu tinha gostado, que eu tinha visto, que eu tinha participado de um debate, que ele tinha ido na minha faculdade, esse homem é muito legal, as coisas que ele disse são muito legais. Então, pouco depois eu me filiei ao PSOL, dois, três meses depois. Eu tava já muito inserida na militância política. Foi muito legal. Foi

um voto consciente. Sabe, aquela ideia do voto consciente de você escolher em quem votar? Eu lembro que eu votei para deputado estadual, federal, foi tudo voto consciente mesmo, eu tava entendendo o que eu tava fazendo.

Transcrição da entrevista com Sâmia Bomfim, em 22/04:

Primeiro, eu vou pedir pra você confirmar seus dados, seu nome, sua idade...

Tá, eu sou a Sâmia de Souza Bomfim, eu tenho 29 anos, sou Deputada Federal pelo PSOL de São Paulo.

Na primeira parte da entrevista, a gente abordou mais a sua vida pessoal, agora eu quero trazer mais a questão de como foi pra você entrar num cargo parlamentar.

Ah, tá. Olha, é, quando eu me lancei candidata a vereadora em primeiro lugar, em 2016, foi sem grandes expectativas de que seria possível, ficou uma campanha pequena, com poucos recursos, mais de rua mesmo, a gente rodava material e tal. Então quando eu fui eleita, foi uma grande surpresa e não tinha nenhum preparo do ponto de vista profissional pra isso, não tinha feito nenhum curso, mal sabia como funcionava a Câmara de Vereadores, era uma equipe também muito inexperiente, de pessoas que vinham do movimento social como eu, que também não conheciam o espaço. Então foi um choque, uma dificuldade grande de entender, saber como faz, o que pode fazer, se movimentar internamente e, veja, agora faz dois anos e meio depois, né, agora eu virei Deputada Federal, tenho um pouco mais de experiência, mas no cotidiano ainda sinto um pouco isso, sabe, que muita gente às vezes chega na política já se preparando pra isso há um tempo e tendo uma equipe que já tem alguma experiência. Talvez, se eu tivesse tido isso, seria mais fácil, mas como também não foi uma coisa desenhada, do tipo “vou virar vereadora”, “vou virar deputada”, tudo bem. E hoje, agora dois anos e meio depois, estando Deputada Federal, eu tenho menos choques com isso. Agora, talvez, a minha maior preocupação seja mais com a situação política e como eu consigo lidar com ela, tendo em vista a possibilidade que o mandato me dá, mas, ao mesmo tempo, as limitações dele, né, porque é muito pouco perto de tudo isso que tá acontecendo.

E, em relação ao partido, como que foi essa escolha e como que o PSOL conseguiu te apoiar nessa campanha, principalmente pra suprir as lacunas iniciais sobre as formalidades do cargo?

Sim, ó, dentro do PSOL, é tranquilo assim ser candidato. Não basta querer porque também tem o critério ideológico, né, você tem que ser filiado, tem que defender as posições de partido, não uma pessoa de direita assim se candidata, mas também não tem aquela chateação de podar demais, de falar: “não, esse pode ser candidato, esse não pode”. Nesse sentido, foi tranquilo assim a relação com o partido, me apoiou. Até porque eu não tava no mapa dos possíveis eleitos, isso pra vereador, né, então assim: “ah, é uma campanha, que vai ter seus votos, pode ajudar no quociente eleitoral... Mas no fim acabou se elegendo”. Pra Deputada Federal, agora, foi diferente, porque como eu já era vereadora, eu teria um potencial eleitoral maior do que antes, que era mais desconhecida, né. Então, em primeiro lugar teve no critério de definição do fundo eleitoral, que é o financiamento, né, público, primeira vez que teve. Criaram algumas faixas, eu entrei na segunda faixa. A primeira faixa era de quem já era Deputado Federal, de reeleição, a segunda faixa era de quem já tinha um mandato e queria mudar de cargo, né. Foi essa segunda faixa que eu entrei. Então do ponto de vista de estrutura, foi melhor. Ainda que tenha sido pouco perto do que uma campanha federal tem que ter, porque foram cem mil reais que eu consegui, que é muito dinheiro, na primeira campanha eu tive dezoito mil, de arrecadação, mas é pouco porque o Estado de São Paulo é muito, muito grande e muita gente. O restante, eu consegui via captação de recursos pela internet, aquela doação, vakinha (site), etc. Aí deu pra ter um fundo maior, mas rolou umas dívidas, mas tudo bem, vou terminar de pagar. E, em segundo lugar, acabou tendo uma estruturação maior, porque daí, enfim, ajudava mais a fazer as agendas, organização de materiais e tudo mais, então hoje, acho que como foi uma surpresa internamente, no começo tinha um certo estranhamento assim, mas agora que já tem mais força, o pessoal acaba me apoiando mais, né, estruturalmente mesmo.

E como que era o seu dia a dia como vereadora e o que mudou agora pra deputada?

Mudou bastante. É engraçado que antes de ser vereadora minha vida tinha mudado muito, mas agora mais, porque eu fico três dias em Brasília, que é de terça a quinta, então, geralmente, ou eu pego o vôo segunda à noite, ou terça de manhãzinha, por exemplo, essa semana eu vou pegar amanhã de manhã, 07h15, chego lá umas nove e pouco, vou direto pro Congresso, fico o dia inteiro, tem dia que eu trabalho 12h, 14h, porque daí lá eu me divido entre comissões, plenário, eu recebo pessoas, às vezes tem alguma atividade, alguma audiência, você tem que ler, estudar, pra se preparar, ler jornal, entender o que tá acontecendo

com o mundo e aí quarta-feira é uma dinâmica muito parecida, quinta, lá já diminui um pouco, às vezes tem alguma agenda de manhã, aí, geralmente, no final da tarde, eu volto pra São Paulo e aí sexta, sábado, domingo e segunda é de agenda também: receber pessoas, dar entrevista, mais visitar lugares, conversar com autoridades, enfim, essas agendas todas, gravar vídeo, que a gente usa muito audiovisual no mandato, aí é o dia que eu me preparo pra gravar alguma coisa, estudar, debater com a minha equipe daqui e tudo mais. Geralmente, eu tenho um dia de descanso a cada 15 dias. Quando eu tô muito cansada eu adianto, porque às vezes o estresse é muito maior, então mudou isso, porque antes aqui, por mais que fosse uma dinâmica muito intensa, da Câmara Municipal pra minha casa era vinte minutos de carro, então eu voltava rápido, podia andar de metrô, pra ir trabalhar, voltar... Agora eu mudei, como eu me tornei mais conhecida, a situação política tá mais perigosa também, agora eu não ando mais sozinha, não consigo mais andar na rua tranquila, tô com segurança. Tô fazendo coisas que eu não fazia anteriormente porque você acaba tendo mais visibilidade e vira mais alvo também. Então, nesse sentido, mudou bastante também, de andar na rua, às vezes, eu vou na padaria, alguém me para. Nunca é pro mal, mas poderia ser, porque o tanto que te conhecem pro bem podem te conhecer pro mal também. Nisso mudou, de ter menos privacidade, assim, ser menos anônima. Isso tem impactos subjetivos também muito fortes, até porque sua vida vira um pouco... Por exemplo, esse final de semana, eu quis descansar, eu fui pra um sítio no meio do mato, porque se eu ficasse aqui, alguém me veria. Coisas assim. Isso muda completamente. É meio chato, mas acho que com o tempo a gente se acostuma.

E outra coisa que eu queria te perguntar também é sobre o que mudou na visibilidade mesmo. Sobre a questão da visibilidade, quando você tava como vereadora apenas, como que era o impacto da visibilidade e como que isso mudou? Principalmente porque agora saem muito mais notícias, por você ser deputada, muitas notícias até de mulheres como deputadas, isso tem um impacto maior... Como isso mudou pra você?

Olha, mudou bem, assim, eu tinha esse choque, né, de quando eu virei vereadora, de ter alguma visibilidade, só que como é muito local, as pautas de São Paulo, eu tinha uma visibilidade de quem tem um mandato e tem um nicho social que representa. Como eu tive muito voto pra [deputada] federal, acabou que gente que não tinha votado em mim soube que eu existia. Tem uma estatística, que eu não sei se é verdade, mas dizem que cada voto que você tem são dez pessoas que pensaram em votar. Sei lá se faz algum sentido, mas significa

que é muita gente que tá no circuito que te visibiliza e como também a gente tá num momento de muita polarização política e eu tenho posições muito contundentes do oposto do que tá vigente com o presidente Bolsonaro, eu acabo me tornando também muito alvo de um setor de militantes dele, mas são mais militantes *online*, de ódio, de discurso de ódio, de violência política, então diariamente, assim, eu evito até olhar, mas é um inferno de xingamento, ofensa, ameaça, exposição, meme, piadinha, *tweet*, coisas do tipo, assim, do ponto de vista da internet, virou um troço... Isso é ruim, porque essa gente chata... Mas por outro lado, tem um revés disso que é muito interessante, que é uma rede de solidariedade e de apoio que se cria a partir desses ataques e se acaba criando, se tornando mais conhecida pelo bem também, porque são pessoas que gostam das coisas que eu faço que acabam conhecendo através de um ataque de algum idiota e aí acabam conhecendo o trabalho também, então aumento muito, muito, muito. E eu acho que tem muito a ver com o momento político, que o Bolsonaro ele desperta muitas paixões, pro bem e pro mal, né, dos que gostam e dos que detestam, Então, como eu acabo me situando num desses opostos, desses pólos, acaba tendo muita visibilidade. Então aumentou muito, muito, muito, assim. E aí isso tem impactos subjetivos também de, sei lá, tem dia que você: “ai, não quero sair na rua”, porque sabe que vai ser um saco, odeio, vamos ver, do tipo: “ai, vou nem abrir a internet porque vai ter gente... [me xingando]”;. E eu sempre gostei muito de mídia social, essa coisa de interatividade, agora eu evito até por uma questão de saúde mental, porque senão ficam muito na gente, em cima o tempo inteiro. É isso.

E o que que você percebeu de mudanças nessa nova eleição em termos de alianças pra que os projetos passem, uma necessidade de uma articulação maior?

É, eu acho que tem... Por exemplo, o PSOL, a gente sempre foi um partido mais “marginal” na política institucional, assim, por uma questão ideológica mesma, nossa posição é outra, é anti-regime, antissistêmico. Agora, eu acho que até pela dificuldade da situação política, a gente tem um diálogo maior com outros setores que a gente não se veria dando atenção em outro momento, né, então é isso, às vezes você tem que conversar com setores da mídia, com partidos de centro, ou mesmo de centro direita, pra tentar, em algum momento, ter uma composição pra barrar maior. E aí é um desafio permanente entre afirmar suas posições ideológicas, ter o seu programa, sua defesa, e, ao mesmo tempo, estar mais aberto pra fazer esses diálogos, esse movimentos táticos, né. Eu acho que isso é possível porque tem uma diversidade de temas, de ataques do Bolsonaro. Em alguns, eu vou ter mais proximidade com

outros setores, em outros não. Por exemplo, reforma da previdência. Ela é claramente um divisor, assim, tem pouquíssimos partidos que são contra, a maioria vai votar a favor e tá junto, etc. Agora num tema como por exemplo censura na mídia, censura na cultura, nos meios de comunicação eu sei que a aliança vai ser maior, porque tem muito partido, mesmo de direita, que são contra, por exemplo, censurar um jornal, isso é um absurdo, porque tem que ter diferença de posição, até porque a posição deles geralmente é predominante, então tem aliança. Sei lá, o STF é uma instituição que eu acho que não tem mais nada a ver, ela é superada, tá gerando super poderes pra poucas pessoas, mas, em alguns momentos, o STF pode ser importante porque, queira ou não, é a cartada final se o Bolsonaro quiser atacar algum direito democrático do país. Então eu vejo que o momento nos dá essas alianças maiores, e aí eu acho que entre os setores da esquerda, os setores progressistas, esse diálogo tá mais intenso porque é uma questão de sobrevivência, inclusive. Todos nós, ainda que tenhamos mil diferenças, estamos na mira, né, do governo, e o nosso fortalecimento é fundamental, por uma questão de sobrevivência mesmo.

E como você vê a sua atuação como parlamentar? Tanto em termos de juízo de valor, quanto em termos de onde você foca mais, o que você tem mais planos pra fazer...

Olha, como vereadora, eu acabava falando de muitos temas, porque é possível, a dinâmica do mandato te possibilita. Agora como deputada federal, eu busquei focar, porque senão você fica louca, tem muita coisa pra fazer, e é impossível, é impossível mesmo, a densidade de coisas e temas, mesmo a sua rotina é muito intensa pra você ter que dar resposta pra tudo. Claro que às vezes eu me arrisco a falar alguma coisa de meio ambiente, mas, enfim, minha equipe não entende muito do assunto, eu nunca entendi muito do assunto... Eu apoio, na medida do que for necessário. Então eu preferi focar, pelo menos agora, pelo início do mandato, em direitos das mulheres e o que isso pode significar: violência, saúde, direitos sexuais e reprodutivos, participação política, etc., e a previdência, né, como um alvo de defesa mesmo do modelo da previdência social, da seguridade social. Então eu foco mais nesses dois temas, e aí eu também tô na comissão de ciência e tecnologia, mas é mais como uma forma... Que eu tenho um trabalho com universidades e quero entrar nesse tema de *fake news*, de utilização de redes sociais pra disseminação de informações, é um tema novo na política brasileira que precisa de alguma intervenção também. Busquei focar nessas três áreas. Mas é isso, eu recebo gente, sei lá, trabalhador rural pra falar de reforma agrária,

lutando por moradia... Tem de tudo, porque acho que também as demandas são imensas, né, tudo bem.

E o que você definiria como um padrão de atuação parlamentar mais masculino?

Eu acho que é aquela que é mais bem aceita socialmente, você não precisa provar, explicar, pedir licença, afirmar absolutamente nada, basta ser, basta fazer. Então mais concretamente, eu muitas vezes já fui barrada de entrar no Plenário, porque... Sei lá, não tenho cara de deputada, talvez seja isso. E aí se um homem... E [eu] com o broche, que a gente tem um brochezinho de identificação, o que faz sentido, porque é muita gente, mas com o broche, eu fui barrada. E deputado homem, sem o broche passa... Porque, afinal de contas, é esperado que ele seja um deputado. E aí eu nem julgo o segurança que fez isso, porque um pouco do trabalho dele, a forma como ele está condicionado a pensar. Mas acho que o masculino é esse, o cara que é o cara da articulação, política, que é bem aceito, pode falar a pior fala do mundo, mas que tá ali, muito seguro do que fez. Isso é muito interessante, eu tava esses dias na CCJ, eu tava conversando com a Talíria, deputada do Rio e eu fiz uma fala e falei: “Nossa, que fala ruim”, e ela falou: “Amiga, pelo amor de Deus, sua fala não foi ruim. Os cara aqui só fala bosta, as falas são horrorosas e eles estão assim estão se achando. A gente fala uma coisinha, a gente acha que é muito ruim”. Porque também tem essa ideia que, sei lá, parece que a gente é sempre perfeita, o tempo inteiro, pra conseguir ser ouvida, ser provada, então eu acho que... É isso, parlamentar masculino é aquele cara que pode fazer o que for, vai ser aceito, vai ser naturalizado, que seja... E a mulher não, a mulher vai precisar provar três vezes, vai ser insegura, e se ela for um pouco mais incisiva, ela é maluca, ela é barraqueira, ela é histérica, ela é desnecessária, não sabe se comportar... Então é sempre esse limiar assim.

E você já espera isso? Você se prepara pras suas falas de um jeito específico, especial?

Depende, quando dá tempo, que é uma coisa muito importante, que um Ministro vai na Comissão, tá bom, é um Ministro, vamos então fazer uma coisa com dignidade, eu pesquiso... Mas muitas vezes é no calor do plenário, então você não tem muito tempo pra se preparar, você fala, baixa e vai. Depende muito da sua destreza. Aí às vezes eu deixo de falar, porque eu acho que vou falar besteira, [então] não vou falar. Às vezes eu me pego fazendo isso

também, coisa que muitos deles não fazem, porque tem a segurança que eu não sei de onde homem tira, então aí depende.

E, como vereadora, como você tentava organizar as demandas, não só demandas que o PSOL defende, mas como observar as demandas da população em geral?

Tinha uma dinâmica de sempre receber o que as pessoas mandam, geralmente por email ou por outras redes sociais, uma demanda. E aí, de acordo com a profundidade, ou a complexidade, ou você resolvia às vezes enviando um requerimento, na hora mesmo a assessoria, ou recebendo, né aí a assessoria recebia, ou eu mesma recebia direto quando era alguma coisa já mais avançada do ponto de vista de organização, setor e tudo mais. E isso é muito importante porque a maioria das coisas que o mandato faz... Às vezes a gente acha que vai impor linhas e ditar coisas e é ao contrário, a gente acaba sendo mais pautado pela população do que a gente pauta temas, assim. E eu acho que isso é bom porque é um canal de diálogo, de participação popular, porque senão você fica muito fechado, achando que está fazendo grandes coisas e aí você está fazendo só, sei lá, pra aquilo que você acha que é prioridade e às vezes, pro povo, de fato não é, né. Acho que ter esse canal aberto é uma via, né, pra atender sempre as demandas populares, principalmente.

E como que trazer algumas demandas, por exemplo demandas que defendem pautas identitárias ou de minorias era visto na Câmara de Vereadores?

Pouquíssimo espaço, assim, pra atuação. Tinha como escoar isso via Comissão dos Direitos Humanos, que é onde os vereadores que faziam parte tinham um pacto de que todo mundo, primeiro que todo mundo tinha atuação com os temas, o perfil de cada um do mandato era o Suplicy, era Juliana, Soninha, que ainda que seja mais de direita, nesses temas era bem tranquila, não tem problema nenhum, e a Patrícia Bezerra, também, que era do PSDB, mas era aberta. Então pela composição, tudo que era sobre esse tema conseguia passar por ali, mas às vezes ficava restrita entre aqueles deputados e conseguia ampliar um pouquinho mais... Só, mas isso nunca foi centro assim das pautas municipais. Eu tentava trazer, eu e outros mandatos, mas sempre morria na praia. É muito impressionante como não se prioriza isso de forma nenhuma. Aí às vezes aprovava um projeto de lei, mas muitas vezes simbólico, porque nunca tem grana, porque pra implementar as coisas precisa de dinheiro, nunca é prioridade. É muito interessante e triste também como esse tema é secundarizado sempre.

E como é trazer a pauta da mulher como parlamentar?

Ó, tem muitas deputadas que pautaram isso ao longo da história. É que muitas vezes elas são invisibilizadas, até porque a dinâmica da política nos secundariza, mas por exemplo, nessa atual legislatura, tem muitas mulheres reeleitas que já pautam temas como esses há três, quatro mandatos, o tempo que elas estão lá. Por São Paulo mesmo tem a própria Luiza Erundina, que também é do PSOL, que também, imagina, super precursora de diversos temas e que é uma lei dela, por exemplo, que possibilita que tenha fundo partidário pra mulheres, é uma coisa que ela pautou, sei lá, na década de 1990, quando eu era uma criança e ela já falava de temas como esse, então sei lá, essa agenda de direitos sexuais e reprodutivos é a Érica Kokay, que é uma que é do Distrito Federal, é por isso que talvez a gente conheça pouco, pauta isso já há uns dois, três mandatos, mas sempre massacrada, massacrada porque Érica Kokay, juntava com mais três, quatro ou cinco de 513 deputados... Agora, eu sinto que socialmente tem mais espaço pra esse tema ter força na Câmara. Então tanto tem mais deputadas proporcionalmente feministas eleitas, então, por exemplo, as do PSOL que entraram, todas têm identidade com esse tema, de outros partidos também, mais porque mulheres de outros partidos acabam, em maior ou menor grau, também debatendo esse tema, não tinham isso como agenda, mas a gente, como tá ganhando força na sociedade, elas também acabam pautando, e aí você vê em partidos de direita, são mulheres do PSDB, do PTB, PRB, que são mais ligadas à igreja, todas elas de algum modo têm a sua política pra oferecer sobre o tema de gênero, mesmo que seja negar o gênero, elas costumam dizer: “isso é uma loucura, não existe, não precisamos do feminismo”, como as mulheres do PSL, que estão ali pra ser as anti-feministas, então tem, contraditoriamente, mais força, ainda que elas tenham maior número e que o Bolsonaro tenha se tornado presidente, porque a reação a esse ódio e a essa misoginia também tem representatividade lá dentro, e aí essas mulheres que já pautavam isso em outros mandatos, a Érica Kokay, a Alice Portugal e tantas outras têm um novo fôlego também, porque, olha, se em outros momentos, eu tava mais sozinha aqui dentro defendendo, agora eu vejo que tem uma menina que chegou pra também pautar. Semana que vem vai ter o lançamento da Frente Pró-Vida, que é basicamente contra qualquer pauta de avanço de direitos sexuais e reprodutivos, e retrocessos, se possível, estatuto do nascituro e tantas outras babaquices. Mas também vai ter o lançamento da Frente Feminista e Antirracista, que nunca teve, mas como agora aumentou, tem força. Então assim, é essa queda de braço e eu fico mais confortável de saber que tem outras mulheres ainda que também

muito isoladas lá dentro que pautam, porque daí a gente consegue se reunir em algum momento e se ajudar pra muitas coisas, sabe?

E o que você trouxe de você para desempenhar esse cargo?

Como assim de mim?

A gente sabe que existem alguns padrões, por exemplo, para ser vereadora ou deputada, a pessoa tem que ter habilidades de articulação, tem que saber, sei lá, tem tais pré-requisitos para o cargo. Mas é uma pessoa no cargo. O que de pessoa tem na Sâmia deputada e na Sâmia vereadora?

Não sei se eu sei te responder... De pessoa? Curiosidade, eu sou uma pessoa muito curiosa, isso é importante, né, porque você vai se enfiando, fuçando, vai indo atrás das coisas, das informações, das pessoas, então tem isso de ficar instigando o tempo inteiro. Acho que mais a curiosidade mesmo. E talvez alguma espécie de capacidade de comunicação, assim utilização de redes, tal, isso é importante, pro mandato de produzir vídeos, tweets, essa linguagem mais online, não sei como que eu posso te descrever isso. Isso eu levo muito pro mandato também.

E como você lida com essas dificuldades de trazer certas pautas?

Sei lá, acho que é um pouco natural, também. Só a oportunidade de poder pautar, mesmo que seja de uma forma isolada lá dentro já me deixa satisfeita de algum modo, ter alguma visibilidade mesmo que pequena, entende? Porque, sei lá, eu poderia fazer isso, mas sem a oportunidade de ter um mandato, de pautar o tema no centro do poder no país, é um pouco de paciência, de resiliência, talvez, sabe, assim, de achar que, bom é a situação política, não é fácil agora, mas eu acho que já foi pior antes, imagina a Erundina em 1989 sendo candidata a prefeita... Sabe? Eu sempre penso assim tipo, uma cidade como essa, ganhando, nem o próprio partido querendo... Então é um pouco de paciência, eu diria, paciência histórica, revolucionária, sei lá qual que é o termo que se usa pra isso, de compreender que, também, tudo ao seu tempo, e acho que eu contribuo, que eu sou fruto de um tempo também, do momento da política e as minhas limitações têm a ver com isso também, e eu acho que podem vir dias melhores, próximas legislaturas que tenham mais representatividades como a minha, mas, ainda que as pautas sejam muito urgentes, mas acho que também nunca foi fácil pro povo brasileiro de maneira geral em nenhum aspecto, então não vou, sei lá, aumentar o problema maior do que ele já é, sabe?

E você sente que existe uma resistência, não só às pautas que você traz, mas ao seu espaço de direito de poder trazer elas?

Ah, tem! Acho que tem. Que não é exclusiva a mim, mas que eu vejo também. Tem sim, de um questionamento da sua capacidade, do seu poder, que é instituído pelo povo que votou, enquanto parlamentar, enquanto representante. Isso em todos os aspectos, em todos os espectros políticos, inclusive, em todas as bancadas e em todos os lugares que você for, assim, desde, sei lá, quando eu vou... Esses dias eu fui no Ministério Público pra conversar com alguns promotores sobre uns temas e não queriam muito receber porque tipo, uma menina, sabe? Tenho mais o que fazer. Lá dentro tem muito disso também, de às vezes alguém que, sei lá, é presidente de alguma Comissão não te ouve direito ou... Sei lá, eu fui conversar esses dias com um deputado sobre um projeto dele que tava em pauta, ele não dava muita bola pra mim, mas eu chamei o líder do meu partido, que é o Ivan Valente, e é já um senhor, tá lá há muito tempo, é homem e ele falou exatamente as mesmas coisas que eu, mas o Ivan Valente ele ouviu, então tem o tempo todo. Pra dentro e pra fora também, um estranhamento. Tipo agora, reforma da previdência, é um tema completo, complexo e importante, e eu tô produzindo muito sobre esse tema. Eu, particularmente, não entendo nada de economia, estou aprendendo agora, mas eu tô conversando com pessoas que entendem, eu tô estudando, tô lendo, indo atrás. E a primeira coisa: “que que essa menina entende de economia? Quem que ela pensa que ela é pra falar de reforma da previdência?”, sabe? Que é um questionamento que não teria se fosse uma figura mais masculina e velha e num cargo, de terno e gravata, que diria: “eu estou aqui falando de economia”. Tudo bem, qual o problema de você falar de economia. Sabe? Eu vejo que tem um pouco disso.

E, pra você, o que significou a eleição do governo Bolsonaro?

Um retrocesso imenso, num país em que a democracia ainda não era consolidada, por isso que ele conseguiu se eleger com a força que teve, que tem ainda muitas marcas dos processos históricos inconclusos, seja de uma ditadura que não se encerrou completamente, porque não teve punição para os torturadores e pros algozes e um processo de escravidão, que também não se encerrou, porque ainda existe uma segregação brutal entre brancos e negros, são os que morrem e os que sobrevivem, os que moram nas periferias e os que moram no centro, os que estão no espaço de poder, os que não estão. Então eu acho que tudo isso, esses ódios e injustiças e genocídios estão expressos no governo Bolsonaro, então acho que é um

retrocesso muito, muito grande pra um país que estava tendo alguns avanços sociais em alguns setores, se organizando, pautando temas e temas identitários, por exemplo, que você colocou, veio com tanta força nos últimos anos, principalmente em setores da juventude e o Bolsonaro veio como uma reação a tudo isso, sabe? E, sei lá, é difícil, assim, a nossa sorte, [eu] enquanto militante do PSOL, eu digo, é que é um governo muito incompetente, assim, sendo sincera, tipo assim, ele não tem muita habilidade, não tem muita inteligência, não tem capacidade política... Se tivesse mais a gente tava ferrado, porque o projeto dele é de destruição de direitos sociais, de organização social e política, de fechamento mesmo, do regime, sabe? Mas acho que ele não tá conseguindo, porque ele tem a sua... Mais pelas suas inabilidades internas do que por uma capacidade nossa de reação que ainda é muito pequena, a gente ainda não sabe fazer uma oposição contundente, diferentes forças articuladas. Vamos ter que reaprender, estamos reaprendendo.

E sobre as outras eleições de agora, a nova constituição do parlamento e tudo mais, como você acha que isso se coloca diante do governo?

É um parlamento que teve acho que 40% de reprovação, um pouco mais, que tem uma... 54, 53, eu esqueci, deputados do PSL, mas eles não são um bloco hegemônico, tem um setor de militares forte e um setor mais Olavo de Carvalho, assim, que é mais “anti-marxismo cultural”, que é esse conceito que eles criaram, que é anti-cultura, anti-mídia, anti-escola, anti-intelectual, anti-igreja, ô, anti-militante, essa coisa meio, que o Olavo de Carvalho representa bem, que os filhos do Bolsonaro representam bem também, eu acho, principalmente o Carlos. Mas é engraçado como o centrão manda, comanda, não importa. É muito doido. Isso mostra também a força que esses partidos tradicionais que tão em decadência ainda têm. E têm por causa do poder econômico mesmo, têm porque eles conhecem como funciona a casa muito bem e eles já têm um poder instituído de décadas, né, que são as famosas oligarquias, esses sobrenomes todos assim. Por exemplo, Michel Temer, Michel Temer há poucas semanas ele foi preso e já foi solto. Mas ele segue reinando ali dentro, o centrão é tudo dele, o impeachment não foi à toa, não quiseram botar ele de uma hora pra outra porque “ah, vamos tirar a Dilma”. Mais do que tirar a Dilma era botar o Temer, que é um filho legítimo desses que determinam, assim como o Cunha manda muito, o Rodrigo Maia, que é presidente da Câmara, então tem uma composição nova de pessoas malucas que foram eleitas, eu diria, mas o centrão ainda manda, manda no Congresso

Nacional. E às vezes até por essa nova configuração, que a gente comentou anteriormente, a gente se vê meio obrigada a ter que conversar com esses caras, porque pelo menos eles não acham que, sei lá, o marxismo-cultural é o maior problema do Brasil, eles estão preocupados mais em encher de dinheiro o bolso deles do que com essas coisas, esse fantasmas que não existem.

Como é o diálogo entre as mulheres?

É muito melhor do que qualquer outra bancada. Tem uma bancada feminina lá dentro, que se organiza assim já há alguns mandatos e é a maior da história, são 77 mulheres. E é interessante que nessas reuniões vão todas menos as do PSL. A gente se reúne mais ou menos uma vez por mês. Tem gente do PP, PRB, PT, PSOL, tem de tudo, mas o PSL, quando vai, vai pra encher o saco. E é interessante que existe uma agenda em comum entre as mulheres, que são a violência contra a mulher, mas no sentido mais geral, porque se você vai na minúcia, tem diferenças de abordagem, tem umas que acham que a linha é mais a punição pro agressor, pro estupro, aí se você abrir demais, tem gente que acha que a mulher tem que andar armada, aí já vai entrando um pouco por aí, né... Mas, contra a violência, assim, garantir a aplicação da Lei Maria da Penha, seria uma coisa meio geral, e o tema da participação política feminina, até porque isso atinge todo mundo que tá ali indiretamente. Tem uma lei no Senado que é pra retroceder nas cotas de 30% nos partidos. Todas as deputadas, do PSOL ao PP ficaram revoltadíssimas, porque não fossem os 30%, a gente não tava lá dentro, com raras exceções, a não ser aquelas que são filhas de alguém importante dentro dos seus respectivos partidos, então é interessante porque dá pra ter muito diálogo nesses temas todos, de receber pessoas, priorizar temas, pedir pro presidente determinada coisa, isso é mais fácil o trânsito entre as mulheres do que em qualquer outra bancada.

E o quanto essa resposta ecoa dentro do Parlamento como um todo?

Dizem, mas eu tô reproduzindo avaliações que eu ouço de lá, ate porque eu tô lá há poucos meses, que é a primeira vez, assim, que nessa legislatura é quando tem mais força, porque uma dessas mulheres, que é a Soraya Santos, pela primeira vez... Tem a mesa diretora, que é quem coordena, o presidente, o vice e a primeira-secretária. A Soraya é a primeira secretária, ou seja, o espírito-santo assim da mesa. Pai, filho e espírito-santo. Ela tem muita força. E é a primeira vez que tem uma mulher desempenhando esse cargo. E ela quer ser presidente da

Câmara, é uma pessoa mais ambiciosa. E então, como ela tem muita conexão com a bancada feminina, porque era coordenadora da bancada feminina até o último mandato, tem mais abertura agora. E porque todas nós temos um inimigo em comum, que é o governo e a sua base, que quer retroceder. Por exemplo, tem duas deputadas que já protocolaram pra revogar a Lei do feminicídio e a Lei Maria da Penha, isso é projeto de lei. Imagina. Isso é o fim da picada. Isso não vai acontecer, mas você entende? É muito simbólico que sejam mulheres propondo isso. Então essa Soraya acaba tendo muito poder interno para tentar isolar também esses setores. E as mulheres também têm essa força. Outra coisa que eu acho que a oposição ao Bolsonaro, de maneira geral, ela tem uma cara muito feminina. Semana passada teve a CCJ, que foram 14 horas por três dias seguidos. Foi uma loucura. E as pessoas que mais contestam, que enfrentam, são deputadas mulheres, de diferentes partidos. Isso também acho que é muito simbólico do momento político, né, porque o Bolsonaro é muito anti-mulher, é um projeto misógino. Já é a resposta assim organizada por mulheres dentro do parlamento também é sintomático no momento político.

Eu percebi na sua fala, me corrija se eu estiver errada, que existia mais uma tradição do que é ser mulher como vereadora, principalmente por isso acontecer mais há algum tempo, mas a Câmara é um espaço não muito explorado, então não existe uma identidade trivial que as mulheres possam adotar para poder agir lá dentro. Não existe um...

Um padrão de deputada mulher, assim?

Sim, os limites, quais são? Qual o espaço que já tem?

É, até por ter menos e menos visibilidade da cena política. Eu acho que acaba... Por ser muita gente, 513, e ser do Brasil inteiro, consegue ter algum destaque, pautar alguma coisa, quem tem cargos-chave, que são as lideranças das bancadas, presidentes de algumas comissões, quando elas são muito centrais, e quando você 'tá em alguma comissão especial que 'tá pautando um tema, por exemplo, então teve esse especial da escola sem partido, que todo mundo tá de olho. Fora disso, é difícil ter alguma centralidade lá dentro, e visibilidade e um padrão de atuação. E, geralmente, esses espaços são ocupados pelas mulheres, né? Porque dentro das bancadas, as pessoas se resolvem coincidentemente com os homens ocupar esses espaços, então talvez seja por isso que tenha pouco um padrão. Não sei, o que você disse agora 'tô pensando.

E você acha que, acho que principalmente por lideranças partidárias costumarem ser masculinas, o espaço da mulher acaba sendo mais nas discussões dentro do próprio partido, ou seja, uma coisa meio *backstage* assim?

Acho que sim. Sim. São. Com certeza. Por mais que a gente não queira, evite fazer isso, mas acaba sendo.

É, porque 513 pessoas é muita gente.

Exatamente.

E essas mesas diretoras ocupam um poder de decisão muito grande?

Muito grande. Porque elas que determinam o que vai ser pautado e o que não vai ser pautado.

É um poder muito grande.

E como que isso se direciona em relação a pautas progressistas?

Pelo que você percebeu, por enquanto não... Essa é a questão... Inclusive isso determina...

Por exemplo, houve uma polêmica entre partidos de esquerda, em quem se votaria para presidente da Câmara. A gente lançou candidatura própria, que foi o Marcelo Freixo, que entre todos nós, é o mais conhecido para fora, mas para todos os demais deputados, porque pode vir a se tornar prefeito um dia, daí tem mais força lá dentro. Teve alguns outros partidos, principalmente o PC do B, ele optou por votar no Rodrigo Maia. Por quê? Porque prefere ter diálogo com quem vai ganhar, porque era óbvio que o Rodrigo Maia ia ganhar desde o começo. Mas são visões diferentes. Mas isso também determina um pouco das nossas limitações lá dentro. Como eu não votei no Rodrigo Maia, ele não tem obrigação nenhuma de me atender. Tem na medida que eu sou uma deputada, como ele, e que uma hora ou outra, eu posso votar nele ou não. Ou que ele precisa de mim para votar no projeto dele. Se eu causar, obstruir para caramba, ele não vai aprovar nada. Vai ter um limite, mas eu vou encher um pouco o saco dele. Então existe esse jogo da boa vizinhança, lá dentro e todo mundo: "você é do PSOL, mas eu vou te ouvir", é mais ou menos assim, pelo menos é a figura do Maia. Mas é evidente que quem tá no jogo, quem apoiou ele, tem mais força mais dentro, entende? Então eu acho que esse é o limite das pautas progressistas mesmo. Ele ouve a gente até permitir reforço institucional... Se ele estiver com raiva do governo, por algum motivo, e quiser instrumentalizar a gente para ir pra cima, ele faz isso. Ele fez isso uma vez. O governo fez um decreto de restrição da Lei de Acesso à Informação. Isso, na primeira semana. Nós entramos com um projeto para derrubar. E ele topou, votou na pauta. E ganhou. Era do

PSOL. Derrubou uma lei do Bolsonaro. Você fala: "Nossa, como assim?". Mas é porque ele queria dar uma ferrada no governo e aí ele falou: Bom, vou fortalecer o PSOL, que é para mostrar para o governo quem é que manda aqui", basicamente. Então eu acho que é só nesses momentos que as pautas progressistas têm força, senão não tem. É mais o poder econômico que determina mesmo, é lobby de empresa, de indústria, de banco, de construtora de aviação, essas coisas assim.

E dentro do partido, qual é o espaço que você tem para proposições?

A gente faz a cada quinze dias uma reunião da bancada para discutir as pautas da semana. Geralmente, tem espaço, sim. As pautas identitárias, como a gente tá chamando, têm menos espaço. Geralmente, são mais mulheres que pegam, até, como pauta LGBT, é bem forte... E geralmente é isso.

E quais são as pautas que estão mais em foco?

Na bancada? É a da previdência, porque acho que o Brasil 'tá falando disso, também, não tem como, a pauta ambiental é muito forte, porque muitos deputados tocam isso e temáticas ligadas à educação: professores, universidades, financiamento das escolas... Acho que são os três que têm mais força. E uma quarta, que é um pouco o tema de segurança pública.

E você sente dificuldade em estar alinhada com a sua campanha, principalmente com as barreiras exteriores em relação às pautas da mulher?

Eu acho que não, eu acho que não. É a contradição, né: tem pouco espaço lá dentro, mas para fora, tem muito espaço, então tem força para pautar, acho que isso não é... Por exemplo, a gente 'tá tentando articular para ver quando é que a gente vai fazer um seminário sobre a temática da legalização da maconha, que é uma pauta que foi pautada durante o processo eleitoral. E isso é tipo no governo Bolsonaro. Isso não vai acontecer. Porém, eu sei que tem muitos deputados que debatem isso, mesmo o partido NOVO, por exemplo, porque tem uma perspectiva liberal, de tudo ser o mercado, que é um outro viés, mas 'tá bom, é um viés. Vamos pautar, porque também é uma forma de a gente não ser pautado, de tentar passar com alguma agenda de algum modo. Então isso eu acho que continua.

E qual o espaço para você e grupos minoritários específicos pautarem coisas que não pautas identitárias?

Como assim? Não sei se eu entendi.

Por exemplo, aquilo que você falou da economia, sobre não ter um espaço para falar de economia sem ser questionada... Quando você ou outras pessoas que foram eleitas trazendo pautas identitárias falam sobre outras pautas, isso é visto da mesma forma ou existe um espaço de diferenciação?

Acho que rola um estranhamento de uma base eleitoral original, assim, mas não chega a ser um choque assim, de tipo... Por exemplo, eu sei que tem muitas, vamos supor, meninas jovens, eu vou estereotipar, mas é um pouco assim mesmo, meninas jovens que votam em mim só pelo tema do feminismo, o que eu identifico, eu acho que é bacana. Talvez elas tenham olhado quando eu falei de feminismo, tipo: "Previdência, o que que tem a ver?". Mas é comum porque isso também leva o tema para um setor que está em movimento, que pode ser muito importante para barrar a reforma, entende? Por exemplo, muitas das meninas que foram para o 8 de março, foram mais pelo tema da violência contra a mulher. Mas acaba ela lá também levantando a bandeira contra a reforma da previdência porque é o trabalhador. É que eu não gosto desse termo, eu acho ele um pouco arrogante, mas eu não consigo encontrar outro: politizar um pouco a sua base social, entende? Com temas que às vezes não é uma identidade imediata. E, por enquanto, 'tá acontecendo bem, assim, não tem... Talvez estranhem quando eu falo de termos tipo, sei lá, matrizes energéticas, sei lá, aviação, aí eu acho que não tem muito a ver comigo mesmo, mas esses assim 'tá rolando, 'tá rolando bem.

E você precisou mudar algum comportamento ou hábito quando você entrou para a política?

Ah, bastante. Tipo, sei lá, eu não fico mais bebendo até de madrugada no bar, por exemplo, isso eu sempre fiz e gosto de fazer. Coisas do tipo, assim, mudei bastante, bastante... Ficar em festa, não fico mais... Tudo! Sei lá.

Por quê?

Por uma questão de segurança, de, por exemplo, se me pegam no bar, de madrugada, fazendo alguma coisa que seja ilegal ou que tenha cara de ilegal. Isso... Aí eu posso ser cassada. Porque eu tenho uma responsabilidade não só comigo, mas com as pessoas que trabalham comigo, que confiaram, que votaram... A gente 'tá numa dinâmica muito grande de exposição e de destruição de pessoas, assim, de *fake news*, de desmontar, e tal. Então eu tenho essa preocupação... É isso mesmo, entende? Não é por mim que eu tomo essa atitude... Faz o que quiser. Mas isso pode ter consequências políticas muito grandes para as

que trabalham comigo e para os que votaram em mim, eu acredito, para o partido, para tudo. Por exemplo, um exemplo pequeno, tem uma deputada estadual do PSOL também, muito companheira minha, a Isa, Isa Penna, se elegeu agora, ela tem uma foto, de quando ela era muito jovem, dela fumando um baseado. Usam essa foto o tempo inteiro para tentar desqualificar ela... Entende, assim? Coisas que pessoas jovens fazem, mas que usam para tentar diminuir, dificultar, né, aí comissão de ética e a porra toda, entendeu? E esses cuidados são importantes de serem tomados.

Então você diria que a sua vida pública se estendeu um pouco mais...?

Ah, com certeza.

Tipo, até nos seus hábitos privados, tudo acabou virando público?

Com certeza, com certeza. Tudo. Em todos os aspectos possíveis.

E quais são seus projetos futuros?

Projetos futuros? Não tenho muitos, sabia? Eu sou muito imediatista, assim. É fazer um bom mandato, assim. Deixar algumas contribuições, travar as lutas que sejam necessárias, quero ajudar outras mulheres que querem ser candidatas, em 2020. Tipo assim, ver se eu ajudo mulheres, algumas vereadoras pelo estado, por outros lugares, eu tenho isso como um plano. É... um plano também, né, plano de dois anos. Vou eleger vereadoras. Isso é muito importante. E é isso. Não tenho grandes planos não, por enquanto. E poder descansar, poder tirar umas férias boas no final do ano, que vai ser foda.

Ah, 'tá ótimo!

'Tá ótimo, um bom plano!

Obrigada, Sâmia!

Transcrição da entrevista com Soninha Francine, em 25/07:

Primeiro, vou pedir para você confirmar seus dados: seu nome, sua idade...

Nome completo: Sonia Francine Gaspar Marmo, tenho 51 anos. Parei pra pensar porque, quase 52, aí eu me antecipo às vezes... O que mais?

Estado civil?

Oficialmente, civilmente divorciada, mas já posso me considerar em união estável.

Eu queria saber, primeiro, de quê você gostava de brincar quando era criança?

De professora, brincar de escolinha, mais do que de casinha. Mas gostava também de preparar comidinhas. Isso bem pequena. Aí depois eu tive a boa fortuna de crescer numa rua sem saída que servia de quintal pra todo mundo, então eu brinquei muito, mas muito de queimada, vôlei com uma corda atravessada no meio da rua, andar de bicicleta, elástico, amarelinha, pular corda. Mas assim, o esporte da minha infância, esconde-esconde, pega-pega, mas o esporte da minha infância foi queimada... Jogar queimada contra os meninos.

E como era sua relação com seus pais nessa época?

Ah, esqueci de falar que eu gostava muito de ler. Sempre gostei muito de ler e essa é uma influência da minha mãe. Minha mãe é uma leitora voraz e a gente cresceu cercado de livro e revista e gibi. E almoço na minha casa era uma coisa bem antissociável assim, porque cada um apoiava um livro assim na frente do copo e hora do almoço era hora de "o que eu tô lendo?" e pegar assim e apoiar um livro na frente do copo. Eu achava que isso era normal, depois que... Quando a gente ia na casa de alguém e queria fazer a mesma coisa, minha mãe: "Não! Não, não é certo". E minha mãe era professora de inglês. Agora ela já é aposentada. Então ela trabalhava fora alguns dias por semana. Isso era diferente da maioria dos meus amigos. A maioria dos meus amigos tinha mães que não trabalhavam fora. É louco que parece que a gente tá falando de outro... Outra era, mas não, na minha infância era comum as mães não trabalharem fora. E era muito comum as meninas discutirem entre si tipo: "você vai fazer faculdade?". Não era uma coisa, assim, tida como o rumo automático das coisas, sabe? Era uma questão: "quando você terminar o colegial, você *pretende* fazer faculdade?" Aí com o tempo isso foi mudando, mas no meu ginásio ainda era isso, né, no que seria hoje o fundamental II. E minha mãe era uma influência intelectual muito forte assim pra mim, por ser, por isso, por gostar muito de ler, gostar muito de ciência e pesquisa... E de debates filosóficos. E... feminista, comunista; então ela me criou nesse ambiente assim. Só o que não era muito forte era a relação afetiva, assim. Minha mãe não era uma pessoa especialmente afetuosa... Mas a gente era muito próxima assim mesmo. E meu pai se separou da minha mãe quando eu tinha... acho que uns 10 pra 11 anos. Até eles começarem a entrar no processo, né, de fim de casamento, meu pai era super meu parceiro, assim, meu amigão, eu gostava de sair

com ele, fazer compras; ele trabalhava num restaurante, a gente que ia fazer compras de hortaliças, sabe assim? Meu pai era parceirão, assim. E aí, quando eles se separaram, foi bem dramático pra mim, porque era uma vergonha, era uma perda imensa assim, seus pais se separarem e você crescer com um só do casal. E era muito raro também. Super incomum. Tipo, era aquela coisa que no colégio se sabia quem era a menina, num universo de mil garotas, quem era a menina que a mãe era desquitada. Tipo, uma coisa muito marcante, assim. E quando eu soube, acompanhei o processo de separação, no começo eu ficava desesperada de pensar que os meus pais iam se separar. Eu rezava, rezava muito pra isso não acontecer, pra minha mãe se reconciliar com meu pai. E meu pai compartilhou conosco que era ela que não queria mais. E depois ela confirmou pra mim que realmente era ela que não queria mais. E foi bem difícil, assim, lidar com isso até uma hora que eu tava tão... Não aguentava mais, aí que eu comecei quase a rezar pra eles se separarem. Tipo, eu não cheguei a rezar, mas a torcer, assim, tipo: "Ai, acaba com isso logo!", né? E aí, depois que eles se separaram, eu me afastei do meu pai. Fiquei meio assim com bode, sabe? Tipo, eu achei que ele envolveu demais a gente na briga, querendo nos usar como ferramenta pra manter o casamento, sabe? E aí depois, quando eles finalmente se separaram eu tinha, sei lá, acho que 12 pra 13 anos, aí também logo depois eu já tava namorando, tipo... Meus irmãos menores iam passar o fim de semana com meu pai. E eu não queria. Eu não tinha a menor vontade. Então a partir dessa idade, meu pai, que era mega parceiro, depois acabou ficando uma pessoa assim de menos contato, mais distante e tal. E na adolescência, eu tive uma relação mega conflituosa com a minha mãe. Provavelmente, a versão dela é outra, mas, pra mim era difícil lidar com o que eu via como contradições dela, porque ela era super feminista, contestadora das convenções sociais e tudo mais, e defensora da liberdade, né, mas isso não valia pra mim, tá entendendo? Então eu lidei assim com o que me ocorria – me ocorre até hoje – de ela ter um discurso político que ela não era capaz de aplicar dentro de casa, ou às vezes de exacerbar aquilo a um ponto que acabava sendo o contrário daquilo. Por exemplo, eu engravidei com 15 anos. Não pretendia. Vacilo. Excesso de pensamento positivo: "Não vai acontecer nada", né? Não era ignorância, não era falta de conhecimento... Era, meu, não querer perder uma oportunidade e... Correr o risco e torcer pra não acontecer nada. Clássico, né? Só que era o meu namorado, que eu amava muito, seriamente. Era com quem eu me via casada e tendo filhos lá adiante. Quando inverteu a ordem das coisas e a gente ia ter um filho, eu queria morar com ele. Queria que a gente fizesse aquilo junto. Era cedo demais até pra

gente, pros nossos planos. Mas eu queria morar com ele, queria criar meu filho com o pai do meu filho. E a minha mãe proibiu completamente, porque ela falava: "Você não tem que dar satisfação pra sociedade casando com ele". Eu falei: "Mãe, eu tô cagando pra sociedade. Eu não estou dando satisfação pra sociedade, eu quero viver com ele. A sociedade pode pensar o que ela quiser". "Não, não, não, 'cê vai viver aqui comigo, a gente vai criar esse filho", sabe? Sozinha. Ela teria orgulho de mim se eu criasse o filho sozinha, a ponto de, cara, ela não me permitiu casar com meu namorado. A não ser depois, por intervenção da minha avó, não sei como até hoje, mas ela resolveu honrar a minha avó, que pra minha avó era dramático eu não ter casado e ter um filho fora do casamento, né, já bastava engravidar com 15 anos. E aí, graças à intervenção da minha avó, minha mãe permitiu que eu casasse. E ela precisava permitir, porque eu tinha 16, a essa altura eu já tinha 16 anos, então eu não podia. Ela tinha que me emancipar pra permitir que eu decidisse me casar. E aí eu casei, no cartório e tal. Mas assim, na adolescência, eu tive uma relação muito tensa com a minha mãe... Da adolescência em diante. Muito tensa assim, de ter super alinhamento político, ideológico e de visão de mundo, exceto quando as coisas dizem respeito à minha vida pessoal, aí ela tem bastante dificuldade de lidar. Tipo, ela não aceita meu marido, o que pra mim é um absurdo ela não aceitar meu marido por ser quem ela é. É diferente de uma amiga minha que a mãe mora no interior de Minas Gerais, sabe? Super católica, super conservadora. Sabe, a mãe dessa minha amiga não aceita o namorado dela. Faz sentido. Agora, a minha mãe, que me ensinou como ser contestadora e não aceitar uma regra simplesmente porque alguém fez a regra, questionar e tal, não consegue lidar comigo na prática da forma como ela mesma me ensinou a lidar com o assunto.

E, na época em que seus pais se separaram, na sua cabeça, além desse estigma que tinha de pessoa que tem os pais separados, por que isso era ruim na sua concepção?

Porque eu achava que a presença dos dois era muito importante, meio que contrabalançando assim, sabe? Olhando para dois e vendo que a personalidade dos dois, a presença de duas pessoas diferentes, o pai e a mãe, fariam falta. E aí, nessa hora, eu pensava mais na minha irmã caçula, porque eu já tinha 9 anos... Né? Mas eu tinha desespero de pensar na minha irmã crescendo sem pai, crescendo só com metade daquilo a que ela teria direito, sabe? Era uma lacuna na vida dela, era uma falta. Uma falta afetiva, tipo, pô, a gente vê o pai chegar do trabalho, corre, dá um pulo, abraça e pergunta se ele trouxe alguma coisa da rua, e sai... Um

dia, a minha mãe fica em casa, a gente faz festa com o pai. Eu sentia a perda de uma parte do que a gente teria direito, sabe? Do que seria o completo daquele conjunto familiar. Acho que isso assim, que eu lembro muito claramente de me preocupar com a minha irmã: minha irmã vai crescer sem pai. Pra mim, era tão dramático quanto se ele tivesse morrido: não vai estar aqui, não vai estar presente.

E o que você notava de diferente entre a sua mãe e a mãe dos seus colegas?

Minha mãe tinha um interesse intelectual muito maior que a mãe dos meus colegas, então minha mãe lia, lia muito, lia de tudo... Tipo, minha mãe assinava a *National Geographic*, sabe? Não a... Cláudia, sei lá – nada contra a Cláudia –, mas é isso, assim, minha mãe tinha preocupações e era muito atualizada assim sempre, com conhecimento científico, com as questões do mundo, política, geopolítica, então minha mãe era uma intelectual e as mães das minhas amigas não eram. E além do fato de trabalhar fora e de ser essa pessoa contestadora, contestadora do que se espera para as meninas e meninos, o papel de cada um... Então sempre brigou, assim: não, aqui não tem essa de ela fica aqui pra me ajudar a arrumar a cozinha enquanto ele vai jogar bola. Não, os dois vem aqui, enxugar a louça. Agora. Eu e meu irmão. Sabe? Então... Isso não era a regra, ela fazia questão de não ter separação de papel de menino e menina. E falava muito, né, de liberdade sexual, que ela não faria, não adotaria a prática tradicional de a menina casa virgem e o menino a gente leva num bordel para ter a primeira experiência. E ela falava isso assim, tipo num almoço de família, sabe? Meu avô só faltava vomitar na mesa. Eu até achava que assim ela não precisava ir tão longe, né? Deixa, preserva os avós, sabe? Eles não precisam ser convencidos disso. Então ela tinha tudo isso, essa preocupação, né, com a liberdade sexual, com a igualdade de direitos, com o comunismo, com a desigualdade econômica, com a injustiça, isso fazia parte do personagem "minha mãe". Então não era como as mães dos meus amigos, de jeito nenhum, minha mãe era um caos dentro de casa. Minha casa sempre foi uma puta zona. E ela era completamente desorganizada com horário, com tudo, a gente vivia correndo, vivia atrasado, tipo, "A PERUA!", já tocando a buzina e eu me trocando, nem com o sapato e uniforme e o blusão tá no varal, sabe? Quando deu 11h, ela: "Ai, meu Deus, já são 11h! O almoço! Vai comprar carne moída no açougue!" Não sabia nem o que ia fazer, minha mãe não sabia cozinhar direito, inventava muita coisa. Minha mãe fazia uma torta salgada que ficava uma delícia, aí nunca mais ela sabia fazer a mesma, porque ela tinha inventado, sabe? A gente come todo dia

a mesma coisa, né, assim. E minha mãe passava... Nunca viu novela, ela tinha horror disso tudo, de novela, a cultura popular assim, sabe? Nesse sentido de popular de disseminado, de grande alcance, assim. Nossa, ela tinha horror, ficava lendo os livros dela, lendo, ficava lendo, não ficava vendo televisão. Então tinha esse lado. Às vezes eu olhava pras mães das minhas amigas tipo: "Ai, olha que arrumadinha essa casa". A gente ia estudar na casa de uma amiga, aí chegava uma hora que a mãe trazia uma bandeja com suco, com bolinho... Isso jamais aconteceria na minha casa, jamais, entendeu? Então tinha esse lado também, né.

E o que você notava de semelhante entre todas as mães, inclusive a sua?

Ah... Deixa eu pensar... Acho que só o básico de, sabe, agasalho, remédio, esse denominador comum basicão mesmo, sabe? Porque de resto, realmente era muito diferente. Mas... E a coisa de nos defender, né? De ser uma leoa em nossa defesa também... Mas também é tipo: "Lá em casa a gente conversa", sabe? E... Acho que isso assim, de querer cuidar, de querer tomar os cuidados necessários pra nos preservar e nos proteger e defender, se fosse o caso. Acho que é isso.

Quando você era pequena, como você imaginava que ia ser sua vida adulta?

Que eu ia ser uma... Deixa eu pensar... Ou uma navegadora errante, tipo assim, alguém que não ia ter raiz, que ia viajar pelo mundo, assim, mochila nas costas, sabe? E trabalhando no que desse, onde desse, de preferência trabalhando no que eu queria mesmo trabalhar, né, eu sou professora de formação, então eu me imaginava assim, correndo o mundo, sem pertences, sem endereço, me enfiando, né, tipo, lá no Saara, pra fazer algum trabalho voluntário, então essa era uma das minhas imaginações assim de quando eu crescesse. Ou então professora mesmo, né, numa escola de sonho, eu sonhava com a escola que eu ia dar aula, ia ter tudo, ia ter horta, ia ter tudo. É, também me imaginei, é... Bom, vivendo de esporte, a vida inteira sendo professora de educação física, dando aula pra tudo quanto é lado, em prédio, em escola. Eu me imaginava levando educação física e esporte pra todos os lugares, assim, pra todas as pessoas. Então, às vezes, os sonhos meio que coincidiam, juntavam, né, tipo, eu podia viajar o mundo fazendo... Esporte e cultura; teatro e basquete; como formas, né, de educação mesmo e tal. Então eu me imaginei muito assim. E, às vezes, eu me imaginava política. Às vezes, eu me imaginava fazendo meu discurso assim, tipo, anunciando alguma coisa incrível... A cura do câncer, eu tinha essa fantasia também.

E você pensava em...

Ah, e outra coisa, com muitos filhos e sem marido. Quando eu era pequena, era tipo assim: "Ai, casar eu não quero, mas mãe eu quero ser!", então eu imaginava que eu ia ter seis filhos...

E aí como foi quando chegou a realidade da gravidez?

Putá, foi muito foda abrir mão dos planos de faculdade, eu tava no terceiro magistério. Então era assim: "Ufa, finalmente, eu vou poder fazer faculdade, a faculdade que eu escolhi!", e a primeira delas seria educação física, mas eu já tinha plano pra mais quatro: nutrição, queria fazer biblioteconomia, oceanografia e arqueologia, tipo, então eu já tinha assim: "Eu vou logo fazer educação física e começar a dar aula de educação física, entre uma coisa e outra eu dou uma viajadinha por aí de mochila nas costas, e depois eu faço nutrição que vai me ajudar na educação física e tal...", então eu não via a hora, eu não via a hora de mergulhar na faculdade de educação física, como uma criança olhando pra Disney, sabe? Minha Disney era a faculdade de educação física. Então, primeiro, tipo: "Ah... Deixa pra depois, né?", mas deixa pra depois, não pra querer que eu ia parar ali a minha vida de estudante, mas assim: "Droga! Queria tanto começar com 16, que aí com 24 eu já teria feito três faculdades!", mas... Teve isso, teve o medo de contar pra família, né... A vergonha de ter engravidado sabendo como se faz para não engravidar. Então teve isso. E aí a surpresa da minha mãe não me deixar viver a gravidez plenamente com o meu namorado, tipo, ela não só não me deixou morar com ele e casar com ele, eu falei pra ela: "Mãe, não precisa casar, vou morar junto". Não só ela não permitiu, como ela procurou tirar ele da jogada, sabe? Então ela marcava ginecologista na hora que ele 'tava trabalhando... E a gente queria ir junto no médico! Então, sabe, ele tinha que ir, se virar pra sair do trabalho 'pra dar de cara com a gente e minha mãe olhar 'pra ele tipo: "O que você 'tá fazendo aqui?". Então foi um choque, eu também não esperava. Não esperava não poder viver com o meu namorado, achei que minha mãe ia me comer o toco. Lógico que minha avó ia morrer de vergonha de mim, ok, e depois que isso ia passar, eu tinha certeza disso, certeza que depois isso ia passar, que depois as crianças nascem, são amadas e bem-vindas e já ninguém pensa se transou antes do casamento ou não, porque era isso, era esse o termo. O problema era você fazer sexo antes do casamento: errado! E então eu sabia que ia passar essa parte toda do meu avô e da minha avó, mas lidar com essa coisa da minha mãe embarreirando tudo foi muito foda. Mas eu amava a ideia de ser mãe, de ter uma filha.

Eu teria tido depois, mas assim... Que bom! Ao mesmo tempo, quando eu tiver 32, minha filha já tem 16... E eu posso continuar estudando, posso fazer outras coisas. Então foi... Foi difícil: descobrir, compartilhar, contar, não ter grana, não ter estrutura nenhuma... Mas eu sabia que um dia eu ia contar essa história sem que ela fosse mais um problema.

E como as pessoas receberam essa notícia, não só da sua família, mas, por exemplo, suas amigas da escola?

Minhas amigas ficaram muito surpresas, porque eu era a boa aluna. As melhores notas, ajudava todo mundo, ensinava quem não tinha entendido, capitã do time de basquete da escola, e do time de vôlei, oradora da turma... Aí, sabe assim, tipo: "Porra, justo ela foi engravidar?". Então, 'pras minhas amigas, foi tipo assim: "Aaaaaah! Não acredito!", sabe assim? "Ai, meu Deus! Você vai ter um filho!". Foi um choque eletrizante, assim, sabe? Foi uma tensão, mas uma tensão positiva, sabe? Elas não me recriminaram, elas ficaram absolutamente surpresas tipo: "Você?! A dona sabe-tudo!". Elas não falaram isso, mas: "A dona sabe-tudo, grávida, tipo, meu o que as freiras vão pensar disso? O que a professora..." Elas se divertiram um pouco com isso, com a perspectiva de que uma de nós ia ter um filho, sabe? Era meio que o filho da classe inteira, porque quando você vive, quando você 'tá no colégio, tem uma união muito foda numa classe, né? Então ele ia ser o filho daquela geração inteira! Daquela classe inteira! E as professoras foram sabendo aos poucos e ficaram assim pasmas e a impressão que eu tenho é que elas ficavam pasmas, não porque eu tinha tido relações sexuais. Também era um pouco chocante naquela época, mas era por eu ter engravidado, esse que era o ponto. Então tipo: "Porra, se a Soninha engravidou, então nós 'tamo fudido, né? Não adiantou explicar nada... De tanto que a gente explicou!". E as freiras ex-pli-ca-vam método contraceptivo, a gente tinha aula de contracepção no colégio de freira. E aí eu vou lá e engravidado. Então foi essa eletricidade assim, mas uma eletricidade meio alegre, sabe? E mesmo as professoras ficavam assim, algumas ficavam preocupadas comigo, tipo: "Meu, essa menina vai parar de estudar agora?". Tipo, acabou com a vida dela! Isso vinha um pouco e eu falava tipo: "Não, depois eu faço. Eu vou passar um ano agarrada com a minha filha, grudada igual índio e depois eu faço faculdade". Chegou uma hora que eu aceitei totalmente isso, eu escolhi passar um ano com a minha filha grudada que nem índio, que era outra coisa que eu imaginava também, que eu ia morar no Xingú, e depois eu estudava. "Depois eu estudo, tudo bem".

Você falou que você fazia várias atividades extracurriculares, né. Como isso foi entrando na sua vida e de repente você estava com tudo?

Era muito natural, 'pra mim, querer participar de tudo. Tipo assim: "Olha vai ter tal coisa, vamos ensaiar uma apresentação, quem quer...", sabe? "Eu!", sabe? "Quem quer ir lá embaixo pegar..." "Eu!" "Quem quer apagar a luz?" "Eu!". Eu sempre quis tudo. E eu sempre me voluntariei. A partir de uma certa idade, eu já não era nem a voluntária, eu era a que inventava as paradas e convidava o pessoal, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, vamos fazer tal coisa, vamos falar com a professora, vamos falar com a diretora. Aí, quando eu fiz primeira comunhão também, eu me envolvi super no grupo da Igreja, acabei sendo eleita da diretoria, que elegeram uma diretoria da missa das crianças, aí eu me elegi presidente da diretoria, eu era da diretoria, ajudava a organizar a missa, pá, tal. Então eu sempre fui querendo fazer tudo, sabe? "Ah, vai ter aula disso, vai ter aula de não sei o que. Não é obrigatório" "Não, mas eu quero ir". Sempre quis, sempre quis fazer todas as coisas que aparecessem. E elas foram aparecendo, aí eu fui aderindo, assim. Fazer basquete foi um marco assim na minha vida, porque foi por causa do basquete que eu comecei a ir sozinha 'pra escola. Eu estudava de manhã e eu ia de carona com a minha tia. Quando eu era bem pequena, eu ia de ônibus, perua escolar, aí depois de uma idade, eu ia de carona com a minha tia, que morava perto. E, pra fazer o basquete, o basquete era à tarde e eu ia ter que ir sozinha pro colégio. Quase a minha mãe não me deixou fazer o basquete por causa disso. Ela tinha medo. Eu tinha nove anos quando eu comecei e era meio longe assim de casa. E ela tinha medo de eu ir sozinha, de acontecer alguma coisa, de, né, tinha uma rua perigosa 'pra atravessar, assim, então eu ter ido sozinha pro colégio, e ainda por cima pra jogar basquete, cara, glorioso, glorioso. E aí foram aparecendo as outras coisas também. Eu também fazia inglês. À tarde. Mas aí, no inglês, eu ia com uma amiga, eu ia com ela... Mas também chegou uma hora que eu comecei a ir pro inglês sozinha, então eu sempre... Foi normal assim ter outras coisas pra fazer, muitas outras coisas pra fazer.

E, pra você, o que era a Igreja? O que isso representava?

Eu tinha fé verdadeira, fé cristã, assim... Embora a minha mãe já não tinha, né... Minha avó super católica. Até uma certa idade, íamos todas na missa: eu, minha mãe e minha avó... Mas aí minha mãe se deu conta de que se ela se incomodava tanto com tudo aquilo, ela não precisava ir. Ela percebeu que ela não era obrigada a ir pra Igreja! Que ela já era adulta! Que ela já tinha a família dela... Então eu lembro de quando minha mãe declarou que ela não ia

mais na Igreja, que ela já 'tava cansada daquela hipocrisia, que aquilo tudo: as pessoas vão na missa e acham que: "pronto, é o que precisa!" e depois saem e cometem as maiores barbaridades e são insensíveis, e são injustas, e esse texto, e não sei o que, e "o nosso Deus é o Senhor"... "Não, não, não...". Tipo, entrou numas ferradas com a Igreja Católica e parou de ir na missa. Mas eu continuei. Eu ia, no começo, com a minha avó, e depois comecei a ir sozinha pra igreja também. Então no mesmo, nove anos, entrei nessa... Nessa independência. Então, eu ia 'pra missa. Minha mãe não ia, minha avó ia na outra. Eu ia sozinha 'pra missa. 'Pra missa das crianças. E eu quis fazer primeira comunhão. Muito. 'Pra mim, aquilo era muito importante, fazer primeira comunhão... E minha mãe discutia na reunião de pais, questionava... Você tem que entrevistar minha mãe, 'tô achando... 'Tô achando que você tem que entrevistar minha mãe! Criava caso, tipo, os outros pais ficavam envergonhados porque ela questionava pro padre, sabe? "Mas como assim *nosso* Deus é o Senhor? Os judeus estão dizendo que o Deus deles... Eles 'tão errados e eu 'tô certa? Como assim? Deus, né?..." E depois que eu fiz primeira comunhão, eu continuei super atuante, presente na Igreja, e no meu colégio de freiras... Era maravilhoso o jeito como elas lidavam com religião. Porque era a religião como modo de agir no mundo. Se você é cristã, então o que 'cê faz? Sabe? Não era uma coisa da doutrina por si, acredite e acabou. Engula. Sabe? Certo, errado, pecado... Não. A nossa religião, a religião como a gente estudava na escola era de cultivar valores, amor, piedade, né, caridade, tudo. E visão de mundo e ação no mundo. Era sempre essa pegada assim, sabe? Então eu amava a minha religião. A religião pra mim era um... Era um... A base da minha vida. Era uma referência importante na minha vida, assim. A minha religião, a minha relação com Deus era ali fundamental. Fundamental, assim. Eu tinha muita fé nas minhas orações. Muita fé. Rezava muito por pessoas doentes, por histórias que ouvia. Rezava muito, assim, tinha muita fé... Até uns 14 anos.

Por que até os 14 anos?

Porque aí eu comecei a ter uma série de conflitos. Alguns com a Igreja, eu não via a Igreja sendo coerente com o ensinamento, então a coisa, por exemplo, de condenar o sexo. "Sexo é algo que se faz para a reprodução". As minhas freiras eram rebeldes dentro da orientação da Igreja Católica quando ensinavam contraceptivo 'pra gente. Porque sexo é para procriação e acabou. E eu falo meu, onde Jesus falou qualquer coisa remotamente ligada a isso? Tipo, meu, por que que a Igreja escolheu fazer do sexo um erro? Uma má conduta? Meu, sério,

Jesus não falou nada a ver com isso, nada disso, foi um Papa lá de sei lá qual século que disse: "Não, Maria era virgem: antes e depois". Porque, meu, é um dogma a virgindade de Maria. Um papa decidiu, sabe? Então isso começou a me incomodar muito essa hipocrisia pra mim, tipo, o Vaticano escolheu algumas coisas pra chamar de pecado, não Jesus, sabe? Eu não via sentido naquilo. E por um lado, também, aí mais sério, é, mais séria a crise... Não entender também como Deus pode ser... Tudo: onisciente, onipotente e bom, e permitir o mundo... Um mundo tão injusto, com tanto sofrimento, sabe? Tipo, pra mim a resposta: "Ah, ele deu livre-arbítrio para os homens" não fazia... Desculpa, não me satisfiz. Não estou contemplada com a sua resposta, sabe? Não, gente, se ele é onipotente e ele é bom... Qual é o livre-arbítrio da vítima, sabe? Qual é o livre-arbítrio das crianças da Somália? Que que é isso? Tipo, não, não, não, não, não, não... Não faz sentido. Não faz sentido. E aí eu não conseguia assim, perdeu totalmente o sentido pra mim: a religião, a missa, a doutrina, totalmente... Aí, estudando... Até, não por isso, mas assim, até estudando O Capital, ficou muito claro pra mim a coisa de que: "Não, pera, a gente inventou Deus." "Deus fez o homem" "O homem concebeu Deus.", sabe? E aí eu tive depressão depois da minha segunda filha, isso também não ajudou nada. Porque aí até então isso era... Isso sim era onipresente, sabe? A falta de sentido das coisas. A falta total de sentido em viver. Na instituição viver, assim, vida. Então ali não tinha, puta, não tinha mesmo lugar 'pra Deus nessa... Nisso, né, esquece. E daí muitos anos depois que eu me tornei budista. muitos mesmo. 1998 foi quando eu percebi que eu era budista, assim: "Não, eu sou budista. Fechou, eu concordei com tudo, fechou, tirei todas as dúvidas". Mas eu vivi esses tempos todos sem religião e sem procurar religião. Eu não 'tava sentindo falta de religião. Tinha meus momentos, claro, de... como chama isso? De transcendência, sabe? De querer pedir, ou de querer agradecer, ou de me sentir, assim, tocada por alguma coisa divina, sabe? Mas... Religião mesmo eu só voltei a ter em 1998.

E em relação aos seus irmãos, como era a relação com eles?

Meu irmão era muito próximo a mim, dois anos mais novo que eu... E muito presente, portanto, na minha infância, mas para mim ele era meu inimigo, para mim ele era o favorito da minha mãe, tipo, ele era sempre mais bonzinho... E, às vezes, ele me enchia tanto o saco, tanto, tanto que às vezes eu ia lá e dava um safanão nele, e aí minha mãe só via o safanão. Tipo, ele começou, eu reagi e aí: "Quem mandou reagir, sua idiota?", sabe? "Não reage". Então eu tinha... Mas brincava muito com meu irmão. Mas a gente brigava muito, se pegava

e eu tinha a percepção que minha mãe sempre dava razão pra ele. E quando ela falava de nós dois, assim, era sempre, o pessoal falava assim: "Nossa, você tem um casal! Nossa, menino dá um trabalho...", e ela: "Não, o menino é um anjo! A menina é que é uma peste". Mas assim, nada de traumático. A vida... É a vida Se entendia bem. Às vezes, eu era obrigada a cuidar do meu irmão, tipo assim: "Ah, você vai lá? Leva seu irmão junto" e eu: "Aaaaah, que saco!". Mas era tipo ir na padaria, "Ah, mãe eu não quero!". E aí eu tinha uma irmã. E nós dois tínhamos um inimigo em comum, que era nossa irmã caçula, porque eu tinha dois anos de diferença pra ele e ele tinha três pra minha irmã menor. Então nós dois, muitas vezes a gente tava brincando de alguma coisa e vinha a caçula destruir, entendeu? Ela era nenê. A gente era criança e ela era bebê. Então, na infância, tinha uma diferença considerável entre eu e a minha irmã. A gente não tinha muito como brincar, assim. Mas depois a minha irmã se tornou uma mega parceira minha. Quando ela entrou na adolescência e eu tinha a filha, ela me ajudou muito. Quando eu não podia contar com a minha mãe, quando eu não podia contar com muita gente, a minha irmã de 12, 13 anos, me ajudou muito. E isso ficou até hoje, assim, essa parceria, sabe? Eu também ajudava muito ela, era a vez dela ser adolescente sofrendo na mão da minha mãe, normal, por causa de namorados, por causa de rebeldias, então a minha irmã se refugiava comigo também, sabe? A gente se mandava para a praia e ficava um mês lá as duas, ela me ajudando a cuidar das meninas... Ela ia muito para a minha casa para eu poder sair, sair para ensaiar peça, sair para trabalhar... Contava, podia contar com a minha irmã, sabe? E depois... Muitos anos depois, minha mãe casou de novo e teve uma filha que é da idade, é um pouco mais nova que a minha filha mais velha, então assim, é minha meia-irmã, mas a gente... Ela tem a idade da minha filha, então a relação minha com ela é de adulta e filha, assim. É minha irmã, mas podia ser minha sobrinha, sei lá.

E o que mudou depois da sua primeira filha?

Eu desconstruí a minha idealização do que era ter filho. Eu achava que eu era totalmente capaz de cuidar de filho porque eu cuidava de criança, muito: primo, sobrinho, creche, escolinha... Eu tinha a maior facilidade com criança, até que eu tive a minha filha. Eu me fudi muito, assim, muito, muito, muito. Então, eu tive isso, né, eu tive uma idealização de que eu ia viver com a minha filha grudada em mim e que eu ia fazer tudo com a minha filha junto comigo e que eu ia dar a ela a possibilidade de crescer curtindo a vida, os estímulos todos e, cara, eu vivia exausta, ela só chorava de cólica. Não tinha tempo nem para lavar a porra da

louça, quanto mais pra passear com ela no parquinho, sabe? Tipo, horrível, minha casa era um caos, tudo o que eu não queria, tudo o que eu me queixava da casa da minha mãe, a minha casa era um caos, a minha filha só chorava. Quando ela dormia um pouquinho de nada, eu tinha que correr para o tanque, lavar fralda, dali a pouco, ela já 'tava acordada de novo, e eu 'tava lavando fralda e tentando fazer ela parar de chorar. Meu casamento virou uma... Um mundo de conflito também... Então eu aprendi o que é relacionamento entre duas pessoas que precisam lidar com a própria sobrevivência todo dia. Sabe, tipo? É completamente diferente. A gente namorava todo dia, a gente não era namorado que saía sábado para ir no cinema. A gente se via todo dia, a gente passava o maior tempo possível junto, a gente adorava fazer tudo junto, mesmo que tudo fosse nada. Quando a gente foi morar junto e ter um filho junto e cuidar de uma casa junto, foi muito conflituoso. Muito. Aí eu me senti super desamparada do meu próprio marido, né? E ele também mudou muito o comportamento dele comigo. Tipo, ele era um cara que ajudava muito a mãe em casa, mas em casa, na nossa casa, tipo, a visão dele era justamente alguém que ajuda, não alguém que é corresponsável. E então, puta, aprendi como é difícil ser dona de casa, como é complexo ser mãe... E dar conta. Não o medo que as pessoas têm de: "Ai, como que eu vou educar minha filha nesse mundo?", não, o problema é dar conta, diariamente. Cuidar de si e cuidar de outro, sabe? Você ter dois narizes para assoar, quatro sapatos para amarrar o cadarço, tipo, uau, aprendi como é difícil ser mãe, e ser mãe sem apoio, sem estrutura, sem empregada, sem máquina de lavar, sem fralda descartável, é muito foda, muito foda. E também aprendi, com o tempo, a esperar melhorar. Tipo, primeiro mergulhar numa espiral de falar tipo: "Bom, é isso. A vida agora é isso. Esta é a minha vida agora". E aí perceber que não, não é a vida pra sempre assim. Filhos crescem, e ao contrário do que brincam, não fica mais difícil. Não fica mais difícil. Então eu aprendi que não é verdade que fica mais difícil com o tempo. Aprendi que nada dá mais trabalho que uma criança pequena 100% dependente de você.

E como foi estar casada tão jovem assim?

Cara, se eu não tivesse... Eu nunca tive um problema, embora eu não me imaginasse casada, me imaginava tendo todos os namorados que eu quisesse pelo tempo que eu quisesse, quando eu comecei a namorar, diferentemente das minhas amigas, eu não estava procurando um namorado, eu não estava procurando alguém pra casar. Eu sempre me apaixonei muito, e se eu me apaixonava, eu queria estar com aquela pessoa por quem eu tava apaixonada. Mas se

eu não tava apaixonada, eu queria ir jogar bola. Não queria procurar namorado, sabe? Se arrumar pra procurar namorado... Eu queria me arrumar se estivesse lá o menino que eu queria ver, que me tirasse para dançar. Mas assim, sem, né, verbo intransitivo, querer ver, pra mim, querer namorar é querer namorar alguém. Se não tem o objeto, também não tem o verbo. E aí quando eu comecei a namorar com o roberto é porque eu realmente queria. Porque realmente não me preocupava a ideia de nunca mais ficar com nenhum outro cara na vida. Amava, amava estar com ele. Então eu... Isso foi o que eu esperei para o dia que a gente finalmente tivesse a nossa casinha e morasse junto. E, meu, não demorou nada para isso ir por água abaixo. Ele não era meu parceiro, não era meu companheiro... Não. E ele também ficou mega decepcionado comigo, porque, no fim, eu era, né, nos olhos dele, alguém totalmente desorganizada, incapaz de cuidar de uma casa como se deve. Então foi muito fraca assim a parte boa do casamento. Tinha nossos bons, ótimos momentos e tudo, mas era... Não era bom estar casada com ele. Não era, não era. Não se comparava ao que era ter sido namorada dele. Muito diferente.

E depois, quando você retomou sua vida acadêmica, como foi juntar tudo e voltar à ativa?

Assim, essa foi uma das crises bravas do nosso casamento, porque quando eu... Primeiro, eu desisti da Educação Física. Eu vi que eu não ia ter a menor condição de me dedicar à faculdade de Educação Física, porque eu teria que estudar na USP, era... Minha única possibilidade de fazer faculdade seria numa universidade gratuita, senão não tinha a menor condição. E da USP, a Educação Física era em período integral. Então... Não dava. Eu precisava trabalhar e cuidar das minhas filhas. Então eu me dei conta de que aquele sonho da faculdade de Educação Física... Esquece. Mas tudo bem, eu podia ter outras coisas para fazer, ter outros sonhos, tal... E eu desisti, aliás, eu falei: "Não, eu não preciso fazer faculdade, cara, eu posso estudar". E aí eu entrei pro grupo de teatro, onde a gente estudava muito, mesmo, foi onde eu li O Capital, onde eu conheci os Surrealistas. A gente estudou uma porrada de coisas dentro do grupo de teatro, então por que eu vou fazer faculdade? Eu posso estudar o que eu quiser, o quanto eu quiser. Até que eu participei como atriz de um curta-metragem feito por alunos da ECA-USP. E aí eu falei: "Ah, mudei de ideia, quero fazer faculdade de cinema". Eu amei muito aquilo tudo. E aí avisei, falei pro Roberto, né: "Eu vou prestar vestibular no final do ano, a Sarah já vai estar maiorzinha, então, final do ano que

vem... Eu vou estudar, vou prestar vestibular para a faculdade de cinema". E ele falou: "Ah, problema seu. Eu não vou te ajudar. Você quer fazer faculdade, faz. Não conte comigo. Que seja". E aí era muito foda, porque eu trabalhava, tinha que cuidar das filhas, da casa e estudava. E longe de casa. Eu morava em Santana, estudava na USP, então, nossa, pensa o perrengue, pensa o perrengue. Tinha que sair muito cedo de casa para deixá-las na escolinha, para pegar condução ou carona, para ir para a USP, então assim, eu não podia nem ficar... Os últimos cinco minutos da última aula eu tinha que perder para dar tempo de eu voltar para Santana, onde eu dava aula de inglês, e aí, terminando a aula, eu tinha que voar para pegar elas antes da escolinha fechar e só sobram as duas lá... E chegar em casa e ter tudo pra fazer: comida, louça, roupa, preparar aula, corrigir prova, estudar pra faculdade... Então, caralho, mano... Mano... Eu dormia muito pouco e enquanto eu não 'tava dormindo, eu 'tava ocupada. Foda, foda... O que me fazia... Os momentos que eu tinha de me sentir bem eram: no grupo de teatro, na própria faculdade... Mas era muito frustrante para mim não poder desfrutar da USP como eu poderia se eu não trabalhasse e não tivesse filho pequeno. Então eu tinha que sair correndo. E os meus colegas podiam decidir: "a gente vai almoçar no bandeirão ou vai lá na POLI", sabe? E depois do almoço, a gente vai no cinema ou vamos ver aquele debate ali, vamos no MIS, vamos...? Eles podiam decidir o que eles iam fazer, que podia não ser nada, eles podiam jogar ping-pong no CA, e nem isso eu também não podia... Eu não podia jogar ping-pong, eu não podia usar a biblioteca, eu não podia ir no cinema. Quando eu podia também, eu não tinha dinheiro para ir no cinema. Eu fazia faculdade de cinema e era muito difícil eu conseguir pagar o ingresso do cinema. Então, cara, foi um tempo mega cansativo, mega cansativo. Mas é o famoso eu faria tudo de novo.

E como é que a sua trajetória começou a se vincular com a política?

Ela sempre 'tava ali, né? Na minha casa, com a orientação da minha mãe, os comentários da minha mãe. Política sempre fez parte da minha vida. Na minha casa, no colégio... E eu não saberia chamar aquilo de participação política, mas assim: "Ó, vai ter eleição para o centro cívico. Quem vem?" *mão levantada*. Então eu sempre 'tava engajada. Quando tinha as comemorações das datas, né, festivas, 13 de maio, 7 de setembro... Desde o primário, as freiras me convidavam para fazer o discurso da cerimônia. E eu escrevia o discurso. Eu escrevia o discurso. Tipo: "Ah, a gente tá aqui comemorando a independência. De que independência a gente 'tá falando? A gente pode estar independente dos portugueses, mas os

Estados Unidos determinam o que o governo brasileiro quer fazer". Tipo, a rebelde. Então sempre organização política fez parte da minha vida. Na Igreja, no colégio... E trabalho social sempre esteve presente na minha vida. No colégio, a gente tinha um grupo de voluntárias que dava reforço escolar e alfabetização para os meninos de uma comunidade carente... A minha rua também agitava: "Vamos fazer um jornalzinho denunciando os problemas da rua", no colégio, quando inventaram o jornal do colégio, eu também fui lá fazer. E lia sobre política, acompanhava o noticiário... E eu sempre queria fazer mais, né? Então trabalhei... No grupo de teatro, o grupo era mega político. Um grupo de esquerda, socialista. Na faculdade de cinema, a gente discutia muito sobre o quanto o cinema deveria ou poderia não ser político, se a gente tinha o direito de fazer cinema não-político. Essa era uma discussão, sabe? E aí quando eu fui trabalhar em televisão, além das atividades voluntárias que eu tinha, a favela de Heliópolis, Jardim Guarani, lá na Brasilândia e outras, eu adorava poder, a possibilidade de fazer ativismo na televisão, no meu emprego. O meu emprego como repórter me permitia isso, meu emprego como apresentadora, comentarista, mediadora de debate me permitia trazer pautas políticas, falar de coisas que eram relevantes para mim. Ah, e outra coisa que eu não falei: minha mãe era mega ambientalista, sempre, e isso também me moveu muitas vezes. A gente... Uma das primeiras ações assim de que eu me lembro foi colher assinaturas para um abaixo-assinado contra a caça às baleias. E outro contra a implantação de uma usina nuclear em Peruíbe. Então sempre esteve lá presente. Então política sempre 'tava presente, como interesse, como pauta, como ação, como reflexão, pensamento, sempre gostei muito de ler, de entender, de acompanhar, de torcer, Diretas Já, anistia, democracia, sempre ali. E eu achava que isso seria minha vida na política, né. Embora eu tivesse pensado quando eu era pequena em ser política, tivesse me imaginado, eu desisti disso, né, desisti num contexto pré-Constituição de 1988, porque eu olhava e não via por onde, sabe? Por onde ser política ou por que valeria a pena ser política num mundo tão restrito, com tantas barreiras... Então eu falei: "Não, política eu vou fazer na vida, dando aula, fazendo cinema, fazendo teatro, fazendo trabalho voluntário..." E depois, trabalhando em televisão, eu sempre vi como uma forma de militância. Só que eu entrei num... Depois de muitos anos vivendo assim e querendo viver assim, na MTV a gente fazia de tudo, cara, fazia no ar, né, programas, mas também nos bastidores, sabe? A gente se engajava em várias campanhas, em várias movimentações assim. E aí eu cheguei num ponto em que eu comecei a ficar paralisada de tanta frustração, de tanta decepção assim com a falta de resultado com as

coisas que a gente tanto fazia, sabe, 'cê vai, faz uma puta manifestação ambiental, mobiliza, as pessoas vão e tudo... E o Congresso vota a lei do mesmo jeito, sabe? E, tipo, meu, então começou... Eu comecei a entrar numa depressão, cara, com a incapacidade de mudar as coisas. Faz uma matéria, faz uma puta investigação, minuciosa, caprichada, detalhada... Não dá em nada... Ai, que raiva, sabe? Você faz uma reportagem com um trabalho in-crível de um velejador que usa a navegação, né, a vela, como forma de atenção a crianças autistas, com resultados incríveis. Assim, meu, ele precisava de um apoio micro para fazer o projeto continuar acontecendo, aí eu falo: "bom, vamos fazer uma reportagem, e não é possível que não aconteça... Alguém vai se interessar, alguém vai...", sabe? E dali a pouco você fica sabendo que o projeto morreu. Por falta de dez mil reais, enquanto o noticiário fala sobre dez milhões de reais usados não sei como. Então eu tava tão, mas tão, mas tão desanimada, mas tão desanimada, que eu concluí que o que eu poderia fazer era entrar na política e aí tentar vir aqui e realmente fazer alguma coisa. Então foi louco assim, foi a volta à ideia original, sabe? Eu não contava com isso. Eu não contava com isso. Mas eu realmente não via outra saída, alguma coisa que pudesse me dar um ânimo na vida de achar que o que eu fazia teria impacto, teria utilidade. E eu falei: "Não, 'cê vai dar aula na favela, aí 'cê vai pulando bosta", sabe? Tipo, meu, muito legal dar aula de inglês para as pessoas, mas, porra, velho... E aí quis ser vereadora, e aí vim, né, fiquei uma época acumulando as duas coisas: o trabalho em TV e o mandato, até que depois de alguns anos, não dava mais para conciliar as duas coisas e eu não tinha a menor dúvida de que eu ia ficar na política e largar a televisão. Tipo, por mais desgostosa que eu estivesse na política, que eu também 'tava. Mas não tinha comparação... A importância.

E como você vê a sua atuação na Câmara? Principalmente, pensando nas coisas que você quer defender.

Eu acho bom eu falar em comparação, porque foram dois mandatos muito distantes até um do outro. Oito anos de diferença entre um mandato e outro. Então, primeiro mandato, eu fiquei chocada com o que eu não sabia sobre política, e sobre a Câmara Municipal. Abismada. Porque eu me considerava uma pessoa muito bem informada. Porra, a vida inteira, eu li política, discuti política, pautei política, cobre política. Aí quando eu cheguei aqui, cara, quando você descobre a quantidade de coisas falsas que acontecem... Fiquei muito abismada. Do tipo o quanto as coisas que eu assistia não eram aquilo que elas pareciam. Então foi muito

chocante, foi uma decepção brutal com muita gente que eu admirava, eu vi que aquelas pessoas me enganavam o tempo todo, com o seu discurso e a prática delas era completamente diferente. E você vê isso assim aqui por... Sabe? Não é porque alguém ouviu no corredor e publicou uma notinha. Não, é, ninguém me contou não! O cara 'tá ali, falando o contrário do que ele disse ali em público. Meu Deus! Então foi horrível, foi uma puta decepção. Uma frustração medonha. Muito maior do que eu imaginava. Eu imaginava frustração, mas não daquele jeito. Porque era tudo muito falso. E com a prioridade completamente invertida. A prioridade era o jogo. O jogo político. Quem derrotou quem. E se, para derrotar alguém, a população se fode no caminho, é jogo. Sabe?! Aquela coisa de os danos colaterais de um bombardeio: "Ah, quem mandou os inocentes estarem lá, entendeu? A gente 'tá defendendo eles". Era, meu, total correspondência com esse discurso: "A gente vai lá defender o povo do Irã, então a gente joga uma bomba. Mata todo mundo. Salvamos, né, da opressão, da tirania". Era isso, cara. Para salvar a população, a cidade, o Brasil do inimigo, valia deixar a população se fuder, sabe? Só faltava comemorar o aumento dos casos de dengue, sabe? Porque a culpa é deles lá. Então eu vivi muito em guerra com todo mundo no mandato. Uma tristeza, assim, uma tristeza. Eu não me conformava com o que eu vivia aqui todo dia. A ponto de não querer nunca mais ser vereadora. Né? Agora, era uma coisa assim que eu... Algumas coisas eu fiz bem e, né, e foi legal, foi legal fazer articulação política, independente dessa briga partidária e de campo, sabe? Querer que as coisas acontecessem e, vai, vamos supor: "Que absurdo aquela árvore caindo!". Em vez de eu fazer um cartaz, uma postagem, um filme: "Que absurdo a árvore caindo.", eu falar assim: "Não, mas por que a árvore 'tá caindo?" "Ah, porque a subprefeitura não comunicou" "Por que a subprefeitura não comunicou?" "Porque o agrônomo ainda não fez o laudo" "Por que o agrônomo não fez o laudo" "Ah, porque, na verdade, 'tá sem agrônomo". Então isso eu fiz, sabe? Eu estudei, eu pesquisei por que que as coisas não funcionavam. Então teve isso assim, sabe, de articular, de fazer algumas coisas acontecerem, de tomar para mim algumas batalhas, tipo, preciso convencer o prefeito a fazer os CEUS, a fazer mais CEUS, aí, cara, me engajar nisso assim ferradamente e fazer questão de votar conforme minha convicção. E eu descobri que isso aí é totalmente secundário. As pessoas nem sabem no que que elas 'tão votando. Então... Fiz isso, né, mas, cara, o cenário era muito adverso. Eu nem sei se poderia ter sido diferente. Tipo assim: "Não, se fosse hoje...", eu não sei, eu me sinto muito melhor hoje do que eu fui no primeiro mandato. Mas eu acho que o tempo fez isso. Comigo. Assim, tempo e o fato de ser o segundo mandato,

sabe? Então o tempo decorrido, a idade, e não ser mais a primeira vez. Eu já vim aqui sabendo o quanto as coisas eram encenadas, o quanto as prioridades são invertidas, e derrotar o inimigo é mais importante do que fazer o melhor para a população, e as relações pessoais contam mais do que o conteúdo dos projetos, então eu já vim pronta pra lidar com isso. Eu não tava pronta para lidar com isso. E como eu poderia estar? E vim pra cá também tendo passado pelo Executivo, conhecendo muito melhor do que se é possível conhecer pelo lado de fora. Não tem como, tanto o Legislativo, quanto o Executivo também, sabe? Saber o que é ser subprefeita. E depois ter trabalhado no governo do Estado. Então ter tido essa experiência toda e ter conseguido sobreviver, emocionalmente, inclusive, à guerra polarizada dos últimos anos, porque teve uma época que eu achei que eu não ia aguentar. Eu não ia suportar mais aquela vida. Guerra o tempo todo. Guerra. Ataque. Ataque. Ataque. Ataque de tudo quanto é lado. E eu consegui viver com isso. Então hoje eu consigo viver com a divergência com outro... Sabe aquela coisa da AIDS, ou da seca: não, você não combate a seca. A seca é dada. Você vive com a seca. Trabalha com a seca. Mesma coisa. Então agora é isso, assim. Eu vivo com a guerra. Às vezes, dói, às vezes me afeta. Às vezes me faz mal. Mas é às vezes. Quando a saúde, né, quando a saúde emocional 'tá mais fragilizada, assim. Mas 90% do tempo, eu convivo com a política que eu não gosto e tudo de uma maneira saudável e resolutiva, sabe? Eu consigo lidar muito melhor com a diferença. Com a diferença de postura, de mentalidade, de objetivo, de conduta... Eu queria me matar quando eu via algumas coisas, sabe? Agora eu fico, tipo, puta da vida, mas não... Não sangra, sabe? Então hoje... E hoje... Como eu... Eu podia até ter fantasiado num primeiro mandato... Fantasiado porque, pô, eu tive mais votos do que todo mundo tinha imaginado, então eu achei que isso faria de mim uma referência, sabe? Pô, eu tive cinquenta mil votos, sabe? O pessoal pensou que eu ia ter quinze mil... Imagina, isso aí não conta picas. Não tem nada a ver. Logo ficou claro pra mim, que eu não seria referência de bosta nenhuma. Muito pelo contrário, acaba virando párea. E nesse segundo mandato, sem ter a menor pretensão de ser... Tipo, vim aqui para fazer do meu trabalho um bom trabalho, acabei virando referência. Então é muito comum os vereadores, até às vezes eles, os funcionários que estão por perto e escutam e vêm me contar, assim, sabe? Então 'tão lá os dois vereadores conversando: "Mas isso aqui é o que?" e tudo, aí um fala pra ele assim: "Ah, meu, pergunta para a Soninha", tipo "Não, vê lá com a Soninha" "E aquele projeto tal?" "Ah, a Soninha vai saber". Então os vereadores me consultam, me escutam, me respeitam... E melhor ainda, mudam... Mudam... Mudaram. Na forma de se conduzir algumas coisas.

Então hoje, a comissão de finanças, da qual eu faço parte, e que eu também não tinha a menor pretensão de fazer parte, mas foi a vaga que eu encontrei, quando voltei da secretaria, cara, a comissão de finanças hoje é muito mais qualificada. Muito mais qualificada. E não é porque sou eu, mas o grupo mudou. E já mudou de composição a comissão. E ela não perdeu a consistência, sabe? É uma comissão onde, de verdade, se discutem os projetos. Você não faz ideia do quanto isso é milagroso. De ver-da-de, se discutem os projetos, seja quem for o autor. Então, eu já vi na comissão de finanças e eu te falo com a maior clareza, por minha causa, por minha influência, mas eu já vi o presidente da comissão de finanças, do PT, dar o voto decisivo para que o parecer favorável a um projeto do PT fosse derrotado. Tipo, 'tá quatro a quatro e o presidente ter o último voto e ele falar: "Eu vou acompanhar o voto contrário". Isso é um milagre. Era um milagre. Isso jamais aconteceria. O único motivo em que um vereador votaria contra um outro vereador era por implicância pessoal com ele. Senão: "Meu, por que eu vou votar contra o seu projeto? Cara, eu sou seu amigo, eu não quero te atrapalhar". Era assim sempre. Sempre. E hoje em dia não. A gente tem uma comissão em que o vereador dá parecer contrário, ou vota contra um parecer favorável de um colega seu. Isso é incrível. Incrível. E isso hoje acontece.

E você já encontrou alguma resistência, por exemplo, disso que você falou de "votar projeto seja quem for o autor", teve algum estigma em relação a você ou a alguma mulher que você reparou nesse sentido?

No começo... No começo, sim. No começo, algumas pessoas achavam... Não é que elas chegaram a dizer isso, mas isso ficou... Né, deu para inferir assim, tipo: "Ah, 'tá querendo aparecer", sabe? Só porque eu votei contra o projeto que eu sou contra? Mas tinha isso ainda no comecinho, tipo: " Qual que é? 'Tá querendo aparecer? 'Tá querendo fazer média? 'Tá querendo jogar para a platéia?" E aí o tempo é legal que o tempo... E aí o próprio tempo vai mostrando, sabe? Que... Eu também assumi algumas posições contrariando a platéia. Como é que eu podia estar jogando com a platéia? Se a platéia queria ouvir o contrário do que eu disse? Sabe? Ou me posicionando contra projetos de colegas que evidentemente tinham um alinhamento comigo. Não é contra o projeto do cara que não tem nada a ver comigo. Mas assim, dizendo: "Não, olha, é muito legal, mas não é para o município. Não cabe pro município um projeto assim, por isso, isso, isso e aquilo". Então o tempo surtiu esse efeito assim, mas no começo tinha, então: "Ah, tá querendo aparecer"... É que no primeiro mandato isso era brutal, assim: "Ah, tá querendo aparecer", "Caiu de paraquedas na política", "Caiu de

paraquedas, meu. Ela não é da política, ela é apresentadora de televisão. Tipo, não entende nada da política.", "É amante do prefeito". Tipo: "Ah, votou contra? Claro, né? Tá dormindo...". Ou então tipo "a descompensada". E, às vezes, eu chorava muito de raiva, cara, porque tinha umas coisas tão injustas, mas tão injustas, tão injustas... Eu chorava de raiva, e tipo: "Parabéns, você confirmou a nossa tese", sabe? "Descompensada". E, no segundo mandato, já não assim tanto. Por três razões, eu acredito: a composição mudou. Mudou para melhor. Você tem menos pessoas truculentas, menos personagens caricatos e mais políticos de primeira viagem, fresquinhos e que também não jogam o jogo de sempre. Porque tinha muito isso, assim, isso me decepcionou muito no primeiro mandato: as pessoas que eu esperava que fossem contestadoras totalmente jogando o jogo. Totalmente jogando o jogo. Pô, eu tava com elas do meu lado e elas não 'tavam. E agora não, você tem um grupo mais heterogêneo, né, heterogêneo, de experiência, de trajetória, de ideologia, inclusive, e isso enriquece, sabe? Fica mais difícil ter dois lados, ataque e contra ataque, porque tem mais coisas envolvidas, tem mais complexidade aí no debate... O fato de termos elegido 11 mulheres faz muita diferença. Meu, 'cê ser cinco, cinco mulher e cinquenta homens, e quando o resto em volta também é majoritariamente, muito majoritariamente masculino, cara, 'cê fica muito em minoria, muito em minoria. Não é nem só porque na hora de votar, você perde, mas, meu, você é desprestigiada, assim, né? E se você joga o jogo, ah, tá de boa, mas se você não joga, aí vem tudo, aí é tudo aquilo de horrível, aí é mal comida ou piranha. Então assim, o contexto mudou, a composição da Câmara mudou, tanto quem já não está mais que puxava muito para baixo, nessa coisa bem machista, pesada, pesada. Fazia piadinha grotesca, sabe? E não é piadinha engraçada, pra te... Assim: "Pensei que você ia rir". Não, piadinha grotesca para te rebaixar. Então, uma boa parte dessas pessoas não 'tá mais aqui... Isso já seria bom, mas, melhor ainda, vieram muitas pessoas novas de muitos perfis diferentes. Eu também 'tô menos vulnerável emocionalmente, né, mais estável assim, mais experiente, literalmente, mais experiente, conheço melhor as coisas, tenho muito mais elementos para argumentar, para me defender, muito mais firmeza assim. Então mudou, mudou, as circunstâncias mudaram. O tempo fez bem para todos nós. Até para os que já estavam aqui. Inclusive, não tem só gente nova que trouxe frescor, mas isso mudou os velhos também. Isso é muito legal. Mudou aqueles que faziam tudo sempre do mesmo jeito, e agora já têm outra postura. Mas a gente... Por que que a gente começou? Qual que era a tua pergunta?

Era sobre se você já reparou em relação a você ou a outras mulheres, algum estigma...

Ah, sim! Tem... Tem... Tem... É isso, na hora que diverge, na hora que incomoda, que confronta. É a louca, é a descompensada... Mas muito menos do que antes. O mundo mudou e a Câmara, em comparação ao que era antes, a Câmara mudou mais que o mundo. Sério. Já somos mais parte da cena. Mesmo. Parte da cena. E não exceção do cenário, sabe? É isso.

Obrigada, Soninha!

Ah, obrigada você!